

## 3 milhões de brasileiros vivem longo desemprego

Uma a cada três pessoas que buscam trabalho no Brasil o faz há mais de dois anos, mostram dados da Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) divulgados neste mês. Apesar do recuo da desocupação para 9,3% no segundo trimestre do ano, há um contingente de 2,9 milhões mergulhado no chamado desemprego de longa duração. Mercado A20

## Cecilia Machado Como aprimorar a política de cotas

Se de um lado a política de cotas, que completa uma década de conquistas, foi capaz de promover a inclusão e diversidade, de outro há detalhes de implementação que podem ser aprimorados, magnificando sua eficácia para o público alvo. Mercado A26

## Show com 200 drones reabrirá Museu do Ipiranga

Cotidiano B3

## Ciência B5

## Pausa na missão lunar

Por falha no motor, Na-sa adia primeiro teste com foguete da missão Artemis 1, cuja cápsula Orion deve levar o homem de volta à Lua em 2024 ou 2025.

## Ilustrada C1 a C3 Bailarinos brasileiros brilham nos EUA após interrupção na pandemia

## Comida C8

Sucesso nos anos 1960, balas e doces caramelados voltam à moda em São Paulo



Zanone Fraissat/Folhapress

## GRADES SUBSTITUEM PAINÉIS DE VIDRO NO MURO DA USP

Homem treina na raia, ao lado do muro; obra deve custar R\$ 3 milhões, com recursos da universidade, após problemas com placas instaladas pelo ex-prefeito João Doria (PSDB) Cotidiano B3

# Senado aprova lei que amplia cobertura de plano de saúde

Projeto vai à sanção e reverte decisão do STJ que condicionava custeio de tratamento a citação em lista da ANS

O Senado aprovou ontem projeto de lei para reverter decisão de junho do STJ (Superior Tribunal de Justiça) segundo a qual as operadoras de planos de saúde ficavam desobrigadas de custear tratamentos que não estivessem explicitados na lista de 3.368 procedimentos da ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar).

O texto, que passara pela Câmara e segue para sanção presidencial, põe fim ao dito rol taxativo e estabelece que a lista é mera referência.

Assim, os planos voltam a ter de cobrir procedimentos e tratamentos que não estão no rol mas são reconhecidos por outras agências ou têm comprovação científica de sua eficácia. O projeto também submete as operadoras ao Código de Defesa do Consumidor.

Organizações de consumidores afirmam que a mudança reduzirá a judicialização da saúde. A Associação Brasileira de Planos de Saúde diz ver risco de “colapso sistêmico”. Cotidiano B1

## Indecisos criticam machismo de Bolsonaro durante debate

Eleitores indecisos, não convictos ou dispostos a votar em branco consideraram o primeiro debate presidencial com poucas propostas e frustrante devido à troca de ataques pessoais entre candidatos e ao machismo de falas do presidente Jair Bolsonaro (PL).

A impressão aparece em pesquisa qualitativa do Datafolha realizada durante o evento de domingo (28), que ouviu 64 pessoas indecisas sobre o voto, divididas em três salas virtuais. Para eles, Simone Tebet (MDB) saiu-se melhor, seguida de Ciro Gomes (PDT). Política A10

## Campanha tenta descolar corrupção de Lula e edita JN

Ante a timidez de Lula (PT) ao ser indagado sobre corrupção por Jair Bolsonaro (PL), a campanha petista busca tirar o tema de foco e blindá-lo nas redes com peça que usa solta a frase “O senhor não deve nada à Justiça”, dita no JN por William Bonner. Política A4

## Equipe bolsonarista minimiza dano por ataque a mulheres

A campanha de Jair Bolsonaro (PL) reconheceu o teor negativo de ataques do presidente a mulheres no debate, mas vê pouco efeito nas pesquisas. Assessoras querem que ele foque corrupção após o ex-presidente Lula (PT) se esquivar do tema. Política A8

## Petista se mantém com 44% no Ipec, e presidente, com 32%

A13

## EDITORIAIS A2

Ainda incógnitas  
Acerca de primeiro debate da campanha presidencial.

Dor e sacrifício  
Sobre a sinalização dos principais bancos centrais.



Aponte a câmera no código e baixe o novo app da Folha

ISSN 1414-5723 3 4 1 1 7 9 771414 572032

semináriosfolha

WEBINAR

## Risco de Covid em pacientes vulneráveis

Os imunodeprimidos e os cuidados para além da vacina de Covid-19

Patrocínio: AstraZeneca SAC 0800 014 5578 INFOMED 0800 014 5578

Realização: FOLHA NAO DA PRA NAO LER

HOJE 15h

Assista ao vivo em [folha.com/riscocovid](https://folha.com/riscocovid)

Saiba mais na página A9

Material destinado para todos os públicos. BR-19771. Agosto / 2022

## Moraes cita poder de empresários ao justificar operação

O ministro Alexandre de Moraes, do STF, citou “o potencial de financiamento de atividades digitais ilícitas e incitação à prática de atos antidemocráticos” para justificar ações contra empresários bolsonaristas de um grupo de WhatsApp. Política A14

## Chile reage a Bolsonaro e convoca embaixador

Paulo Roberto Pacheco, representante do Brasil em Santiago, foi chamado pelo governo local após presidente criticar chileno Gabriel Boric em debate. A16

# Brasil Jornais

Entre em nosso Grupo no Telegram!

Acesse t.me/BrasilJornais



Tenha acesso aos principais  
jornais do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!



Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

# FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA  
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

**PUBLISHER** Luiz Frias  
**DIRETOR DE REDAÇÃO** Sérgio Dávila  
**SUPERINTENDENTES** Carlos Ponce de Leon e Judith Brito  
**CONSELHO EDITORIAL** Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luíza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)  
**DIRETOR DE OPINIÃO** Gustavo Patu  
**DIRETORIA-EXECUTIVA** Paulo Narcélio Simões Amaral (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Marcelo Benez (*comercial*), Anderson Demian (*mercado leitor e estratégias digitais*) e Everton Fonseca (*tecnologia*)

## EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

# Ainda incógnitas

Lula e Bolsonaro deixam de expor ideias em debate, no qual mulheres ganharam relevo

Depois de muita hesitação e algum suspense, o presidente Jair Bolsonaro (PL) e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) afinal participaram do debate entre os presidenciais no domingo (28) à noite. Melhor assim.

A ausência dos dois líderes de intenção de voto segundo as pesquisas do Datafolha representaria um gesto descortês para com os demais candidatos e, sobretudo, um sinal de desprezo pelo eleitor.

Debates integram o processo democrático tanto quanto outros momentos da campanha. Mas com uma diferença: por mais restrições que sejam as regras negociadas pelos marqueteiros, permitem que os cidadãos analisem os postulantes sob o crivo do contraditório.

Uma coisa é conhecer os candidatos através do filtro enobrecedor da propaganda eleitoral ou acompanhá-los no ambiente controlado dos comícios; outra, bem diferente, é vê-los esgrimir suas teses em meio às antíteses soerguidas pelos adversários políticos.

Daí decorre o elevado interesse suscitado pelo evento de quase três horas organizado pela **Folha**, pelo UOL, pela TV Bandeirantes e pela TV Cultura. Mas daí também decorre certa frustração provocada pelos dois principais candidatos.

Lula e Bolsonaro revelaram-se menos interessados em esclarecer seus verdadeiros planos de gover-

no do que em adotar uma conduta definida de acordo com as estratégias da campanha eleitoral.

No caso do presidente, isso se traduziu na tentativa de elevar a rejeição do petista, explorando os escândalos de corrupção do passado, ao mesmo tempo em que buscava reduzir a própria reprovação, particularmente entre as mulheres.

No caso do ex-presidente, a opção foi dourar a pílula de seus mandatos, lembrando-se de citar Dilma Rousseff (PT) apenas quando fosse conveniente e arriscando-se a criar expectativas irrealistas diante da nova conjuntura global.

Ambos seguiram um roteiro previsível e pouco esclarecedor, exceto por dois momentos: um, a dificuldade de Lula ao responder perguntas sobre mensalão e petróleo; outro, a deplorável misoginia de Bolsonaro, que atacou a jornalista Vera Magalhães ao ser questionado sobre a vacinação no país.

A hostilidade do mandatário a mulheres ganhou relevo na discussão, o que foi bem aproveitado pelas candidatas Simone Tebet (MDB), principalmente, e Soraya Thronicke (União Brasil).

Lula e Bolsonaro são muito conhecidos; não precisam se apresentar a ninguém, porém não estão isentos de listar ideias. A julgar pelo debate, o eleitorado só pode supor que eles as tenham e que sabem como implementá-las.

dro recessivo poderá conviver com preços em alta por algum tempo.

As incertezas em torno da política monetária são atualmente maiores do que as observadas a partir da década de 1990. Até a pandemia, havia persistente tendência de queda da inflação e dos juros no mundo desenvolvido.

São vários os motivos apontados para esse comportamento benigno, entre eles o avanço da globalização, com ganhos de eficiência e cadeias de produção bem sincronizadas, além da demografia favorável, com a entrada no mercado de trabalho de centenas de milhões de trabalhadores asiáticos, num contexto de avanços tecnológicos e digitalização.

Desde a pandemia, e ainda mais depois da guerra na Ucrânia, alguns desses pilares têm sido abalados. A busca pela nacionalização da produção de itens considerados essenciais para a segurança, a competição por recursos naturais e os bloqueios ao livre-comércio podem agora resultar num período de inflação maior e de difícil controle.

O fato é que todas essas perturbações tornam o cenário especialmente complexo. O que parece claro é o recado dos bancos centrais de que o controle da inflação hoje é a prioridade principal, ainda que à custa dos empregos.

## Quem venceu o debate?

**Hélio Schwartsman**

Quem venceu o debate? Essa é fácil. Triunfou o candidato pelo qual você, leitor, tem mais simpatia. Via de regra, nossos cérebros operam buscando sinais que confirmem aquilo que já pensamos. Isso é péssimo se o seu objetivo é fazer ciência (refutações são logicamente mais informativas que corroborações), mas é ótimo se a meta é azeitar a sua vida social.

Quando vemos nosso presidencial favorito falando diante das câmeras, tendemos a superestimar os momentos em que ele se sai bem e a minimizar aqueles em que tropeça. Isso significa que debates são inúteis? Eu não iria tão longe, mas acho que podemos afirmar com segurança que eles são sobrevalorizados por marqueteiros, candidatos e jornalistas. É muito difícil, se é que já aconteceu, de um debate mudar o curso de uma eleição. Mesmo quando um candidato diz uma megabogagem, o efeito sobre o eleitorado costuma ser efêmero, não mais do que uma baixa transitória nas pesquisas. Pode ser um problema se a

encrenca estoura às vésperas de um pleito muito disputado, no qual um ou dois pontos percentuais façam a diferença. Mas não são tantas as eleições que se decidem no olhar eletrônico. Desde a redemocratização, só em 2014 a corrida presidencial foi definida por menos de cinco pontos percentuais.

No que, então, os debates contribuem para a democracia? Não parece ser o caso deste pleito, mas muitas vezes o eleitor deixa a escolha para a última hora. Ai, é preferível que ele tome sua decisão observando os postulantes numa situação de mundo real —como um debate, quando o político é pressionado e provoca-

do— a que o faça através de peças publicitárias cuidadosamente desenhadas pelos marqueteiros.

No domingo, por exemplo, o eleitor teve a oportunidade de ver Bolsonaro como ele realmente é, isto é, um mitômano misógino e valentão, e Lula enrolando para não falar de corrupção. São coisas que a campanha oficial na TV não mostra.

helio@uol.com.br

## Debate, ringue ou picadeiro?

**Cristina Serra**

A temporada de debates com os candidatos a presidente mal começou e já produziu um dos momentos mais infames da história das campanhas eleitorais no Brasil. Inadmissível a brutalidade com que Bolsonaro reagiu a uma pergunta da jornalista Vera Magalhães sobre vacinas.

Como esse é um dos flancos de maior vulnerabilidade do candidato, ele se descontrolou e mostrou quem verdadeiramente é: um depredador da imprensa, da democracia e dos direitos das mulheres, além de mentiroso serial.

Diante da violência verbal do presidente (também contra a senadora Simone Tebet, do MDB), foi perturbadora a falta de reação do pool de empresas jornalísticas, anfitriãs do encontro televisivo. Bolsonaro deveria ter sido repreendido imediatamente. Mas o roteiro seguiu inalterado, a não ser pela solidariedade à jornalista por parte de alguns candidatos.

Ataques contra jornalistas não podem ser naturalizados. Este foi em rede nacional, ao vivo e a cores, com milhões de brasileiros assistin-

do. Bolsonaro será convidado para os próximos debates sob o risco de repetir sua verborragia de espelunca e exibir sua personalidade primitiva? Não importa o quanto minta e agrida?

Desde que surgiram, nos EUA, nos anos 1960, debates na TV ganharam a fama de serem decisivos em eleições. É assunto bastante controverso, sobretudo na era digital. No Brasil, tem sido muito difícil definir um formato que traga contribuição substantiva ao eleitor, até porque os próprios candidatos se comportam mal, como no debate da Band.

Ignoraram temas propostos pelos jornalistas e fizeram perguntas aos adversários sem o menor interesse em saber o que pensam. Queriam apenas despejar frases feitas e promessas, muitas delas irrealizáveis, para editar e postar em rede social. Há regras demais e concorrentes em excesso. O conteúdo se perde. Sobram os escorregões, como no caso da fúria de Bolsonaro. O que estamos, como mídia, oferecendo ao eleitor: debate, ringue ou picadeiro?

## O gatilho e a urna

**Alvaro Costa e Silva**

“Fica ligado, defensor de bandido.” Antes fosse uma postagem nas redes. Era um recado ao vivo que Rodrigo Mondego, candidato a deputado estadual pelo PT do Rio, teve de ouvir com uma pistola apontada para sua cabeça. O agressor é um policial aposentado. Registrado um boletim de ocorrência por ameaça com arma de fogo, o caso veio a público. Mas há muitos outros, ocorrendo em todo o país na reta final das eleições, e de maneira escancarada, como o assassinato do petista em Foz do Iguaçu, que acendeu o alerta, e a tentativa de homicídio de um churrasqueiro em Brasília. Fora a simbologia grotesca de usar uma réplica da cabeça de Bolsonaro como uma bola de futebol de dois quilos e meio, chutada de um lado a outro no Mílhão, até se rasgar.

O ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, que disputa uma vaga na Câmara por São Paulo, escreveu no Twitter após ter sido assediado na rua por um adversário: “Aviso aos comunistas, pivetes, frangui-

nhos, maconheiros, bundas-lelé ou quaisquer outros vagabundos que venham encher o nosso saco: daqui para frente, vai ser tolerância zero! Vão tomar porrada! Tá avisado, talkey?”. Nos bastidores do debate na Band, Salles quase saiu no tapa com o deputado André Janones.

O repórter Joelmir Tavares mostrou que a ofensiva contra as urnas eletrônicas tem espalhado pavor entre os mesários. Em 2018, simpatizantes de Bolsonaro foram votar armados e praticaram intimidações. Com as pesquisas desfavoráveis à reeleição, o medo de violência é grande.

Para evitar que as seções eleitorais se transformem em saloons de faroeste, o TSE pretende restringir o porte de armas no dia da votação, proposta levada por políticos da oposição ao ministro Alexandre de Moraes. O difícil será fiscalizar as mais de 700 mil pessoas cadastradas como CACs, que têm em seu poder 2,8 milhões de armas e se organizaram para eleger bancada própria no Congresso.

## A favela e as eleições

**Preto Zezé**

Presidente Nacional da Cufa, escritor e membro da Frente Nacional Antirracista

Iniciaram-se as campanhas eleitorais e com elas uma enxurrada de candidatos e candidatas com as mais diversas propostas.

Analisando o cenário social do país a partir das andanças e vivências da realidade das favelas, já pautam temas fundamentais para que se tenha uma lupa de avaliação profunda sobre os dilemas da maioria da população, pois é esta que deve pautar o debate político, não os políticos.

A fome, 33 milhões de pessoas sem ter o que comer, o mais grave, urgente e prioritário problema a ser solucionado. Fora isso, mais outros milhões de pessoas que vivem a insegurança alimentar, comendo mal.

Somado a isso, a alta do preço dos alimentos, que dificulta ainda mais a vida de milhões que lutam para alimentar suas famílias. A educação cada vez mais presente nas preocupações nas favelas, já que os mais prejudicados foram alunos de escolas públicas, muitos já acreditando que nem adianta voltar à escola, pois já passaram mais de um ano fora dela devido à pandemia. Nossos pais, que não tiveram acesso à educação, sabem da sua importância para o futuro dos filhos.

O desemprego, que desespera e desestabiliza milhões de lares que já sofriam na informalidade, agora atinge o imaginário das pessoas que nem sequer têm estímulo e condições para sair de casa. Sobre isso, nenhuma resposta do mundo político-eleitoral para fazer com que os pequenos e médios negócios tenham acesso ao crédito e reativem a economia da base da pirâmide, onde muitos homens e mulheres têm se virado como podem para garantir uma renda para pagar as contas e colocar comida no prato.

Na favela, a corrupção aparece numa outra percepção na vida das pessoas e a cruzada de maneira diferente, fora daquela arena ilusionista do debate cosmético de vaga de carro ou de furar fila. Ali, as pessoas sentem a precariedade dos serviços públicos, a falta de transparência na aplicação dos recursos do Estado e o não retorno dos impostos arrecadados.

A violência ainda é tema central e sem resposta, já que em todos os aspectos políticos o debate da segurança pública tem se resumido a ideia de mais prisões, mais policiais, mais munição, mais viaturas, leis mais rígidas. Isso apenas faz crescer a população carcerária, fragiliza os trabalhadores da segurança que não têm apoio de outras políticas e, conseqüentemente, aumenta a violência, alimentando uma guerra na qual não há vitória. Parte da população vive um misto de medo, necessidade e desconfiança com a segurança. O número de mortos, fardados ou não, demonstra que não existem vencedores.

Que os candidatos(as) aten-tem para isso, para que depois não se coloque no povo a responsabilidade de escolhas com motivação justa e legítima.





# TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

## Crime e castigo

Seis meses depois, guerra entre Rússia e Ucrânia põe Ocidente na defensiva

**Pedro Donizete da Costa Júnior e Valdir da Silva Bezerra**

Doutorando da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), é autor de “O Poder Americano no Sistema Mundial Moderno: Colapso ou Mito do Colapso?” (ed. Appris)

Mestre em relações internacionais pela Universidade Estatal de São Petersburgo (Rússia), é membro do Núcleo de Pesquisas em Relações Internacionais sobre Ásia (Nupri-Geasia) e do Grupo de Estudos sobre os Brics (Gebrics) da USP

Após os eventos de 2014 na Ucrânia, Vladimir Putin enxergou o país vizinho como uma “plataforma” utilizada pelo Ocidente para minar a segurança da Rússia. Baseando suas alegações em elementos históricos, filosóficos e religiosos, Putin deixou claro que o movimento da Ucrânia em direção ao Ocidente (e especialmente em direção à Otan) seria algo inaceitável (uma “red line”) à medida que minaria a “unidade espiritual e cultural” existente entre russos, bielorrussos e ucranianos.

Por outro lado, durante as décadas de 1990 e 2000, a ascensão de sentimentos nacionalistas nas ex-repúblicas soviéticas, e particularmente na Ucrânia, foi enxergada de forma positiva pelo Ocidente, uma vez que representava a perspectiva de uma democratização regional e de seu afastamento da Rússia enquanto polo de poder regional.

Logo Putin afirmava que Kiev fora arrastada para um perigoso jogo geopolítico que visava transformar a Ucrânia numa barreira entre a Europa e a Rússia, um trampolim (de ataque) contra o país, motivo que levou o Kremlin a crer que a Ucrânia estava servindo aos interesses geopolíticos do Ocidente, não aos interesses de seu próprio povo. Assim, Putin não somente enxergou a soberania ucraniana como essencialmente frágil como passou a exigir garantias por parte da Otan de que a Ucrânia não seria incluída futuramente na organização militar.

Nesse contexto, durante as primeiras semanas de 2022, enquanto mantinha conversações com diversos estadistas europeus, Putin e seu ministro das Relações Exteriores, Serguei Lavrov, enfatizavam as preocupações do Kremlin sobre a chamada “política de portas abertas” da Otan, mencionando que o descaso demonstrado pela lideran-

ça ocidental quanto à posição russa de que “uma possível admissão da Ucrânia na aliança atlântica seria inadmissível” foi uma das principais razões por trás da crise de confiança surgida entre a Rússia e a aliança atlântica.

Enquanto, por um lado, essa “política de portas abertas” da Otan ressaltava o direito de cada Estado escolher livremente seus arranjos de segurança, a Rússia enfatizava a necessidade de se atentar para que “nenhum Estado fortaleça sua própria segurança em detrimento da segurança dos demais”. Segundo a liderança russa, uma eventual adesão da Ucrânia à Otan representaria uma ameaça militar ao país à medida que a aliança atlântica poderia colocar em solo ucraniano mísseis balísticos (500 km a 5.500 km) capazes de atingir importantes cidades russas, como Moscou e São Petersburgo, em questão de minutos —ao mesmo tempo em que forne-

[...]

“A Parceria sem Limites” assinada por Rússia e China em 4 de fevereiro, e aprofundada desde então, evidencia não só os interesses e as implicações regionais do conflito, mas um cisma muito maior do ponto de vista da geopolítica e da geoeconomia do poder: a imposição de uma eurásia nesta nova ordem mundial policêntrica

ceria terreno para o estacionamento de tropas da Otan nas fronteiras meridionais da Rússia. Além de tudo, perder a Ucrânia para a Otan seria, para os russos, o mesmo que perder uma parte de sua própria origem.

Fato é que com o fiasco das negociações entre o Kremlin e líderes europeus a respeito de “garantias de segurança” e sob a justificativa de defesa das populações de Lukansk e de Donetsk contra “as agressões do exército ucraniano”, Putin decidiu tomar a controversa decisão de iniciar a guerra na Ucrânia, evitando aquele movimento que se aprofundava ao longo dos últimos anos em que a Rússia se via novamente como alvo de uma política de “cerco” empregada pelo Ocidente. Na prática, tinha início então uma nova guerra em território europeu contra o poder da hegemonia ocidental, que agora chega à marca de seis meses. Durante esse tempo, os olhos do mundo se voltaram para a Ucrânia, e os destinos de milhões de pessoas, assim como da própria ordem mundial, nunca mais seriam os mesmos.

Do ponto de vista sistêmico, seis meses após o início da guerra, pela primeira vez em 30 anos o Ocidente, liderado pela Otan e sob a hegemonia dos EUA, está na defensiva. “A Parceria sem Limites” assinada por Rússia e China em 4 de fevereiro, e aprofundada desde então, evidencia não só os interesses e as implicações regionais do conflito, mas um cisma muito maior do ponto de vista da geopolítica e da geoeconomia do poder: a imposição de uma eurásia nesta nova ordem mundial policêntrica, pela força, da parte russa, e pela economia, da parte chinesa. Afinal, como escreveu Dostoiéski, “em tudo há uma linha além da qual é perigoso cruzar; pois uma vez que você a atravessa, é impossível voltar atrás”.

## PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br

Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço



Montagem com fotos de Lula e Bolsonaro durante o primeiro debate das eleições de 2022

Marlene Bergamo/Folhapress

### Primeiro debate

A primeira página da **Folha** desta segunda destaca mais as baixarias dos candidatos que as falas que ajudariam o cidadão a melhor entender a que eles vieram: “Que moral tu tem, ô ex-presidiário?”; “Estou mais limpo que ele”; “Bolsonaro insulta mulher; Lula foge de corrupção”; “Por que tanta raiva das mulheres?”. O jornal ecoou mais o que assistimos no tóxico clima das redes sociais e que desviam a atenção do que realmente interessa. Tomara que mude até o fim da campanha.

**José Hadad Neto** (São Paulo, SP)

\*

Se uma das dez melhores rodovias é estatal, é sinal de que privatizar ou conceder não é o único caminho. Pergunto ao candidato do Novo, Luiz Felipe d'Avila: por que privatizar ou conceder se podemos lucrar com as estatais e aplicar em saúde, educação, segurança etc.?

**Marcos Fernandes de Carvalho** (São Paulo, SP)

### Agressão

Lamentável a passividade dos mediadores diante da agressão de Bolsonaro à jornalista Vera Magalhães. Nem sequer deram a palavra a ela, o que mostra um despreparo e um desserviço à democracia. Em tempos de Bolsonaro no poder, inadmissível essa tolerância.

**Paulo Bittar** (São Paulo, SP)

### Melhor e pior

“Bolsonaro é o pior do debate, e Tebet a melhor, dizem eleitores indecisos” (Política, 29/8). Tebet se apresenta como professora, mas passou a vida defendendo interesses próprios e dos ruralistas, inclusive contra populações indígenas. Foi apoiadora do Bolsonaro nos dois primeiros anos do mandato do monstro. Só virou a casaca quando levou uma rasteira do seu partido corrupto na eleição para a presidência do Senado.

**Joaquim Salomão** (Curitiba, PR)

\*

Considero-me uma pessoa de esquerda. Vou votar em Lula, mas acho que os melhores no debate foram Tebet e Ciro, diante do que se propuseram a fazer. Cada vez menos entendo como alguém escolarizado pode votar nessa aberração chamada Bolsonaro.

**Carlos Simãozinho** (Brasília, DF)

\*

Parabenizo Simone Tebet. Mesmo pertencendo a um dos partidos mais tradicionalmente identificados com a corrupção e o tomalá-dá-cá, chefiado pelo golpista Temer, partido do “Geddel R\$ 51 milhões” e do Jucá “com Supremo com tudo”, sair como a campeã do combate à corrupção não é para qualquer um.

**José Padilha Neto** (São Paulo, SP)

\*

Sejamos realistas. Lula vive de um passado com exagero nos números e não se compromete com nada. Bolsonaro mente e não sabe para onde ir. Simone Tebet foi bem, mas sem nenhum fundamento, não sabe como nem de onde vai tirar recursos para a execução das suas ideias —claro que toda a torcida da mídia é para a oligarquia da direita liberal. O candidato da mudança, que sabe o que fazer, como fazer e de onde tirar os recursos, é Ciro Gomes.

**Grça Almeida** (Belo Horizonte, MG)

Treinados e com ajuda de marqueteiros, todos os candidatos têm boa oratória para manipular o eleitor. Mas na hora de ocupar o cargo, a situação muda e eles decepcionam.

**Paolo Valério Caporuscio** (São Paulo, SP)

### Ex-presidiário

Por que ninguém critica essa fala preconceituosa usada contra Lula? “Ex-presidiário” não pode ser ofensa! Como ficam todos os ex-presidiários que pagaram suas penas e buscam recolocação na sociedade? Não podemos perpetuar a cultura do preconceito, pois isso incentiva as pessoas a não cumprirem suas penas. Não defendo Lula nem os crimes cometidos por ex-presidiários, mas é um absurdo ninguém condenar o uso dessa expressão como xingamento. A ideia da prisão é ressocializar.

**Patrícia Abou Mekanna** (São Paulo, SP)

### Sem debate

Duas ausências em relação às questões raciais: uma física e outra simbólica. Todos os candidatos são brancos. Homens e mulheres discutindo temas sem nenhum recorte racial. E nenhum jornalista negro. A ausência simbólica foi a ignôrância completa de qualquer citação à políticas públicas contra o racismo. Até na questão de violência de gênero, duas mulheres brancas protagonizaram a questão e ignoraram o fato de que mulheres pretas e pobres foram as grandes atingidas pelo atraso vacinal.

**Aquiles Marchel Argolo** (Guarulhos, SP)

### Cristãos

Quem é verdadeiramente cristão não apoia Bolsonaro. Ser cristão é aceitar Jesus Cristo e praticar o cristianismo. Onde há no cristianismo o ódio ao próximo? Onde há a mentira? Onde há o racismo? Onde há a exploração dos seres humanos? Onde há a eliminação da flora e da fauna? Cristão que apoia Bolsonaro mente e usa Cristo como forma de arrebancar os incautos.

**Franz Josef Hildinger** (Praia Grande, SP)

### Artigos

Convido todos a lerem os artigos “Pai Nosso”, de Gaudêncio Torquato (Tendências / Debates, 28/8), e “Nas bordas do bolsonarismo”, de Janio de Freitas (Política, 28/8). São capazes de dirimir muitas dúvidas dos leitores deste jornal. Duas obras-primas. A primeira explica a atual política brasileira, a segunda, as falas dos empresários malfiteiros. A favor do golpe e da compra de votos.

**Cláudio Nunes Patrocínio** (São Paulo, SP)

\*

A coluna de Janio de Freitas deste domingo deveria ser enquadrada e lida diariamente por “juristas”, empresários e outros defensores do golpe.

**Marcos Barbosa** (Casa Branca, SP)

## ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

**TENDÊNCIAS / DEBATES** (29.AGO., PÁG. A3) Diferentemente do que foi publicado no artigo “Cuba e o Mais Médicos, 9 anos depois”, o programa atendeu mais de 113 milhões de pacientes, não 113 mil.

\* O Juventudes do Agora é uma iniciativa do Atlas das Juventudes. Tem a missão de fortalecer a democracia participativa e o protagonismo juvenil na consolidação de uma política de Estado e de uma agenda de desenvolvimento para o Brasil



PAINEL

Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Não sou obrigado

O secretário de Assuntos Fundiários do Ministério da Agricultura, Nabhan Garcia, expressou desconfiança nos juízes encarregados de garantir a lisura do processo eleitoral ao pedir doações para a campanha de Jair Bolsonaro (PL), em mensagem de áudio enviada a produtores rurais no sábado (27). No apelo, o pecuarista diz não confiar nos ministros do Supremo Tribunal Federal e do Tribunal Superior Eleitoral e cobra o apoio dos produtores para assegurar a vitória de Bolsonaro.

**UNS E OUTROS** “Eu confio na instituição, mas não nas pessoas que estão lá”, diz Nabhan, que é presidente licenciado da UDR (União Democrática Ruralista) e está no Ministério da Agricultura desde o início do governo. “Eu não sou obrigado. Vivo em um país livre ainda, graças ao Bolsonaro, mas eu não sou obrigado a confiar na urna eletrônica.”

**PIRES** Segundo Nabhan, alguns apoiadores do presidente acreditam que ele será eleito no primeiro turno e, por isso, não precisa de ajuda. “É por isso que eu fico mendigando mesmo”, diz. “Muita gente que pode e não ajuda, se finge de surdo, de cego e de mudo para não ajudar e depois ainda dizer: ‘Ajudei!’”

**VEJA BEM** Nabhan disse ao PAINEL não ver conflito entre a iniciativa e sua atuação no governo porque mandou a mensagem num sábado, fora do horário de serviço, e não usou prerrogativas do seu cargo. Ressaltou acreditar ser crucial a atuação dos Três Poderes.

**CAÇA-CLIQUE** A ofensiva de Bolsonaro para associar Luiz Inácio Lula da Silva (PT) a escândalos de corrupção provocou um salto nas buscas por termos ligados ao assunto na internet durante o debate de domingo (28), de acordo com levantamento feito pela campanha do presidente.

**BALÃO VAZIO** Os dados da plataforma Google Trends mostram, no entanto, que o interesse despertado pelos ataques foi bem menor na manhã seguinte ao debate. No pico alcançado pelas buscas sobre o assunto nesta segunda (29), elas representavam 6% do observado no domingo.

**BUMERANGUE** Na avaliação do sociólogo Antonio Lavareda, do Ipespe, os ataques misóginos de Bolsonaro a Simone Tebet (MDB) e à jornalista Vera Magalhães tendem a consolidar sua alta rejeição no eleitorado feminino e minar os esforços que ele vinha fazendo para reduzi-la.

**PREÇO** Lavareda acha que o mau desempenho de Lula no debate deve lhe custar alguns pontos nas próximas pesquisas, mas não espera oscilações significativas nas intenções de voto de Tebet e Ciro Gomes (PDT), mais bem avaliados nas pesquisas qualitativas feitas na noite do debate.

com **Guilherme Seto, Juliana Braga e Ricardo Balthazar** —

GRUPO FOLHA  
**FOLHA DE S.PAULO** ★★ ★  
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

**Redação São Paulo**  
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222  
**Ombudsman** ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000  
**Atendimento ao assinante** (11) 3224-3090 | 0800-775-8080  
**Assine a Folha** assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
PLANO MENSAL	R\$ 29,90	R\$ 39,90
<b>EDIÇÃO IMPRESSA</b>	<b>Venda avulsa</b>	<b>Assinatura semestral*</b>
	seg. a sáb.	dom.
MG, PR, RJ, SP	R\$ 6	R\$ 9
DF, SC	R\$ 7	R\$ 10
ES, GO, MT, MS, RS	R\$ 7,50	R\$ 11
AL, BA, PE, SE, TO	R\$ 11,50	R\$ 14
Outros estados	R\$ 12	R\$ 15
		R\$ 1.764,90

\*A vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

**CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)**  
349.464 exemplares (julho de 2022)

# Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

## Campanha edita JN para descolar Lula de corrupção, mas resiste a rever tom

Equipe da candidatura petista tenta manter tema fora do foco e reavalia participação do ex-presidente nos próximos debates

SÃO PAULO A resposta tímida de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) à ofensiva de Jair Bolsonaro (PL) sobre o tema corrupção durante o debate de domingo (28) provocou apreensão no comando da campanha do ex-presidente, que resiste, porém, a uma mudança de tom. Integrantes da equipe avaliam que Lula perdeu o timing ao ser questionado sobre corrupção na Petrobras pelo chefe do Executivo, e militantes do partido cobraram uma reação mais enfática do petista. A cúpula da campanha decidiu por ora manter esse tema fora do foco e priorizar pautas econômicas, mas se mobilizou nas redes sociais desde a semana passada, de forma defensiva, para tentar se blindar. De quinta (25) a domingo, período em que Lula foi ao Jornal Nacional e debateu com seus adversários na TV Bandeirantes, sua campanha gastou mais de R\$ 100 mil em anúncios no YouTube e no Google com uma estratégia na internet para tentar descolar da imagem dele casos de corrupção. Na plataforma de vídeos, a campanha comprou espaço para veicular uma edição de um trecho da entrevista ao JN.

O vídeo reproduz a abertura da entrevista na Globo, na quinta, em que William Bonner relembra os julgamentos de Lula na Lava Jato e o fato de ter tido as condenações anuladas. “O senhor não deve nada à Justiça”, diz o apresentador. A peça foi reproduzida aproximadamente 2,4 milhões de vezes como anúncio antes de outros conteúdos na plataforma. A compra de espaço no Google e no YouTube é permitida pela legislação eleitoral.

A campanha petista excluiu da edição a pergunta de Bonner, que afirmou “que houve corrupção na Petrobras e, segundo a Justiça, com pagamentos a executivos da empresa, a políticos de partidos, como o PT, como o então PMDB e o PP”. Bonner depois indagou: “Candidato, como é que o senhor vai convencer os eleitores de que esses escândalos não vão se repetir?”. O trecho não aparece na propaganda petista, que encerra com o final da resposta de Lula. “Eu quero voltar à Presidência da República, e qualquer hipótese de alguém cometer qualquer crime, por menor ou por maior que seja, essa pessoa será investigada, essa pessoa será julgada, e essa pessoa será punida ou absolvida. É assim que você combate a corrupção num país”, afirmou. O acordo feito entre os quatro candidatos e a Globo permite que trechos da entrevista sejam usados na propaganda eleitoral. Ela exige que os candidatos deem “crédito ao JN e que mantenham o logo da Globo na tela”.

Nesta segunda, a emissora afirmou: “Na Era das Redes Sociais, tudo o que vai ao ar é usado, sem possibilidade de controle. Diante disso, a pedido de todos os partidos, a Globo preferiu autorizar o uso, desde que fossem 30% do total da entrevista. Uma autorização de boa-fé, na suposição de que não haveria edição. Procura do pela Globo, o PT informou que a peça será retirada do ar.” Além do vídeo, a campanha petista fez anúncios no Google para que o link de um texto da página oficial de Lula aparecesse como primeiro resultado de buscas para termos como “Lula ladrão” e “Lula corrupto”, que tiveram picos de



O ex-presidente Lula no debate de domingo Bruno Santos - 28.ago.22/Folhapress

**+**  
**EDIÇÃO DA PERGUNTA DE BONNER A LULA NO JN**  
**Pergunta original**  
“Vamos começar falando de corrupção. O Supremo Tribunal Federal lhe deu razão, considerou o então juiz Sérgio Moro parcial, anulou a condenação do caso do triplex e anulou também outras ações por ter considerado a Vara de Curitiba incompetente. Portanto, o senhor não deve nada à Justiça. Mas houve corrupção na Petrobras. E, segundo a Justiça, com pagamentos a executivos da empresa, a políticos de partidos, como o PT, como o então PMDB e o PP. Candidato, como é que o senhor vai convencer os eleitores de que esses escândalos não vão se repetir?”

**Pergunta editada pelo PT**  
“O Supremo Tribunal Federal lhe deu razão, considerou o então juiz Sérgio Moro parcial, anulou a condenação do caso do triplex e anulou também outras ações por ter considerado a Vara de Curitiba incompetente. Portanto, o senhor não deve nada à Justiça.”

procura na quinta, dia da entrevista, e domingo, quando houve o debate.

O texto no site de Lula, publicado horas antes da entrevista no Jornal Nacional, lista 26 vitórias do petista nos processos que existiam contra ele.

Diante do avanço do tema no debate organizado por Folha, UOL e TVs Bandeirantes e Cultura, a ideia, segundo interlocutores de Lula, é fazer com que ele seja abordado em peças nas redes sociais e entrevistas concedidas pelo ex-presidente —sem levar o assunto ao horário eleitoral em rádio e TV.

“Só interessa a quem não tem propostas ficar falando do passado”, diz o advogado Cristiano Zanin, que integra a coordenação jurídica da campanha. Segundo ele, o tema já foi exaustivamente tratado por Lula.

A cúpula da campanha avalia que Lula errou na primeira resposta sobre corrupção. Ele foi orientado a não atacar o chefe do Executivo, mas acabou sendo passivo demais.

A ideia era que ele repetisse a fórmula usada na sabatina do JN, em que chegou a admitir corrupção na Petrobras, mas ao longo da entrevista mirou o presidente ao tratar de suspeitas de desvios na gestão atual.

A presidente nacional do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), no entanto, afirmou nesta segunda-feira (29) que achou “satisfatória” a resposta que Lula deu ao ser questionado sobre corrupção no debate.

Ela disse ainda que a postura mais ofensiva de Bolsonaro “não surpreendeu” e que Lula não foi ao debate para “ficar se confrontando”.

“O que foi colocado no debate ele respondeu no tempo certo, na hora certa, sem fazer esse confronto que era o que nós não queríamos.”

Apesar disso, a campanha passou a reavaliar a participação de Lula nos próximos debates, com exceção do promovido pela TV Globo, que marca o encerramento do primeiro turno das eleições.

A intenção, dizem aliados, é condicionar a presença do ex-presidente aos demais debates à definição de regras que permitam contra-ataques.

Segundo relatos, o próprio petista se queixou do formato do debate de domingo, afirmando que ele não permitia respostas imediatas quando atacado.

Gleisi disse que a campanha irá “avaliar convite a convite”. “Não há problema em participar. Obviamente que a gente quer discutir um pouco o formato, o desse debate é muito engessado”, disse a petista, para quem o líder nas pesquisas “fica sempre sendo o alvo” e “não consegue falar”.

Uma pesquisa qualitativa sobre o desempenho de Lula no JN apontou como positiva sua atuação, especialmente no discurso sobre o que fez e fará.

A intenção original era que o ex-presidente mantivesse o mesmo tom no debate de domingo, desde que Bolsonaro não fosse tão incisivo.

O objetivo era que Lula soasse equilibrado, porque pesquisas indicam que o eleitor, sobretudo de classe média, rechaça postura agressiva. O petista, no entanto, acabou sendo passivo demais.

Uma ala também defende que, caso Lula compareça aos próximos debates, ele se debruce sobre o caso apelidado de “rachadinha” no Rio de Janeiro, além da evolução dos patrimônios de membros da família de Bolsonaro.

Segundo o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), que atua na coordenação da campanha, o debate foi um “jogo para jogar mais na defesa”. “As partidas para jogar mais no ataque serão mais perto da data da eleição”, diz.

De acordo com aliados, Lula foi ao debate a contragosto porque tendia a concordar com uma ala da coordenação da campanha que defendia que ele não fosse, porque, como líder das pesquisas, seria alvo de ataques. O ex-presidente parecia cansado também.

Outra preocupação entre aliados é a rouquidão de Lula. Eles ponderam qual imagem que se pode passar, porque o petista está fazendo esforço e isso pode parecer agressividade no discurso.

Integrantes da cúpula do PT afirmam que Lula está bem de saúde. O excesso de rouquidão na voz, dizem, tem a ver com os eventos de campanha e com um refluxo gástrico adquirido pelo ex-presidente. O petista tem tomado bastante água, feito tratamento caseiro com mel e exercícios com fonoaudiólogo.

**Catia Seabra, Julia Chaib, Victoria Azevedo e Paulo Passos**



Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

# Você já tem muita coisa importante para ler. Melhor deixar a burocracia com quem mais entende.



Evite as discussões sobre presencial ou virtual. Na Loft você compra seu apartamento como preferir.



Deixe os especialistas opinarem: a Loft tem os melhores corretores e imobiliárias para te ajudar.



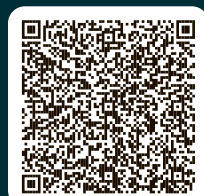
Independentemente das altas e baixas do mercado: te ajudamos a encontrar as melhores taxas de financiamento para o seu imóvel.

Compre ou venda seu apartamento em **loft.com.br**.



Com você  
até as chaves

Encontre o seu  
apartamento





# Mudei minha opinião sobre cotas

A miscigenação não está no topo da pirâmide e as cotas ajudam a mudar isso

**Joel Pinheiro da Fonseca**  
Economista, mestre em filosofia pela USP

Depois da resposta agressiva de Bolsonaro a Vera Magalhães, o debate de domingo enveredou para a pauta da mulher. Passou completamente batida, contudo, a discussão racial. E embora houvesse mulhe- res entre os candidatos e os jornalistas no palco, não ha- via um único negro. Anos atrás essa ausência em um espaço de prestígio mal era comen- tada. Era vista como natural. Hoje em dia, chama a atenção. Um tema importante que o Brasil discutirá em breve — e que poderia ter aparecido no

debate — é a renovação da Lei de Cotas, que provavelmente ficará para 2023. Fui contra as cotas original- mente. Tinha o receio de que, aceitando estudantes com no- ta mais baixa no vestibular, os cursos perderiam qualida- de. Um segundo motivo era a crença de que criar cotas não ia à raiz do problema de base: criar condições iniciais melho- res para todos (investindo no ensino básico). Além disso, criaria incentivos ao comodismo entre os mem- bros das próprias comunida-

des beneficiadas. Por fim, co- mo um defensor do ideal da mistura racial brasileira, a di- visão racial implícita nas co- tas aparecia como inaceitável. Dez anos depois, sou favorá- vel à lei e espero que seja reno- vada. Temos evidências o bas- tante para mostrar que as cotas não levaram à queda na quali- dade dos cursos. Além disso, o desempenho dos cotistas ao fim do curso não é inferior ao dos seus colegas não-cotistas. Ou seja, as cotas não levam ao como- dismo; elas estimulam o jovem a correr atrás de seu sucesso.

Cabe também mostrar que a cota racial (para além da pu- ramente social) é justa. Tanto o jovem pobre branco, quanto o negro, sofrem com a pobreza. Mas o negro, além da pobreza, sofre também com o racismo, cujos efeitos vão desde a mai- or incidência de violência por forças de segurança a menores ambições individuais quanto ao futuro (o racismo prejudi- ca a autoestima dos que o so- frem). Certas críticas, no en- tanto, permanecem e acho im- portante respondê-las. O desenho das cotas brasi-

leiras é inteligente, pois elimi- na uma das maiores distor- ções possíveis: a de que mem- bros privilegiados da minoria —por exemplo, negros ricos— acabem sendo os principais be- neficiados. Como, no Brasil, as cotas raciais se aplicam ape- nas aos que se qualificam para as cotas sociais (que estudam em escola pública, por exem- plo), elas não beneficiam os fi- lhos de negros ricos. Há ainda um certo receio de que as cotas incentivem a se- gregação racial. Mas o efeito delas é justamente o oposto. O Brasil é um país único não apenas pelo grau da miscige- nação, como também por ele- var essa mistura racial a um valor e mesmo a uma parte de nossa identidade. Temos orgu- lho de ser uma nação mestiça. Essa mistura, contudo, não chega a todos os espaços. A base de nossa pirâmide é bem misturada; o topo, não. A ho-

mogeneidade branca dos espa- ços de poder no Brasil consti- tui uma negação de nosso maior valor civilizacional. As co- tas ajudaram a mudar isso; a cara das universidades públi- cas mudou. Em vez de segre- gação, o que temos é a mistu- ra num espaço que até pouco tempo era majoritária e visi- velmente branco. Nada é perfeito. A aplicação da regra das cotas num pa- ís miscigenado como o nosso exige que alguns cortes sejam feitos de maneira arbitrária. São, contudo, uma minoria ínfima perto dos milhões de be- neficiados e do ganho para as universidades —especialmen- te as mais concorridas, como a USP— de terem maior diver- sidade interna. Há quem queira aprimorar a lei e há quem queira eliminá-la. O próximo presidente terá um peso nessa discussão; sabemos o que cada candidato faria?

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | TER. Joel P. da Fonseca | **QUA. Elio Gaspari** | QUI. Conrado H. Mendes, Juliano Spyer | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli



Movimento Vem Pra Rua faz manifestação na avenida Paulista, em São Paulo, em apoio à Operação Lava Jato, em 2016 Eduardo Anizelli - 20.nov.2016/Folhapress

# Propostas contra corrupção têm termos vagos e Lava Jato esquecida

Lula e Bolsonaro mais exaltam medidas de governo do que traçam planos para enfrentar ilegalidades

**Felipe Bächtold**

**SÃO PAULO** A pauta anticorrupção esteve entre os principais assuntos das primeiras semanas da campanha presidencial, mas as propostas dos dois candidatos à frente nas pesquisas praticamente se restringem a exaltar medidas pretéritas e pouco tratam de iniciativas mais concretas em um eventual novo governo. Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) protocolaram planos de governo na Justiça Eleitoral que basicamente relembram ações tomadas em seus mandatos. Lula, que ficou preso por 580 dias em decorrência de condenação na Lava Jato, posteriormente anulada, tem sido alvo dos adversários por causa dos escândalos do mensa- lismo e do petróleo, ocorridos em seus anos na Presidência. No debate promovido neste domingo (28), ele foi ques- tionado a respeito por Bol- sonaro e respondeu listando itens como o fortalecimento nos mandatos petistas de órgãos de controle, como a Controladoria-Geral da União, e a sanção de leis como a das orga- nizações criminosas. Algo similar já havia ocor-

rido na semana passada, em entrevista ao Jornal Nacional. O tom do plano petista de governo entregue ao registrar a candidatura é parecido, ci- tando, por exemplo, a Estra- tégia Nacional de Combate à Corrupção e à Lavagem de Dinheiro, criada em 2003. No campo das propostas, a principal linha do petista é a de garantir autonomia para as instituições de contro- le do Estado, como o Minis- tério Público Federal e a Po- lícia Federal. Nessa seara, o mandato de Bolsonaro tem sido marcado por críticas à atuação do procurador-geral, Augusto Aras, e pelas sucessi- vas trocas da diretoria-geral da Polícia Federal. Lula, porém, não quer se comprometer com a indica- ção de um procurador-geral da República indicado em lista tríplice formulada a partir de eleição interna dos procu- radores da República. Bolso- naro, em seu mandato, que- brou tradição de quase duas décadas de indicações com base na lista, escolhendo para o posto Aras, que não ha- via disputado a eleição inter- na de seus pares. O plano de governo do atu- al presidente, também mui-

to sucinto, se limita a recor- dar ações como a implanta- ção do Sistema de Integri- dade Pública Federal, para prevenir irregularidades no funcionalismo. Curiosamente, uma das conquistas divulgadas é o au- mento na transparência do governo, embora a atual ges- tão tenha sido pródiga em de- cretar sigilo de documentos “ Um governo mais moderno, mais democrático, aberto, deveria fazer um esforço de debater a Lava Jato, não tanto para aceitar integralmente como se tudo tivesse sido feito direito, mas para entender o significado das descobertas José Álvaro Moisés professor da USP

como o cartão de vacina do presidente e de um procedi- mento disciplinar a respeito do ex-ministro da Saúde Edu- ardo Pazuello. O candidato à reeleição tam- bém afirma que apresentou um plano anticorrupção em 2020 e que cerca de metade das metas dele já foram alcan- çadas. Esse projeto propunha medidas como a regulamen- tação do lobby e aperfeiço- amento, de teor mais burocrá- tico, em órgãos como a AGU (Advocacia-Geral da União). Após se eleger em 2018 im- pulsionado pelo discurso an- ticorrupção, Bolsonaro deix- ou o tema de lado após a eclosão do caso das “rachadi- nhas”, que mostrou suspeitas de desvios envolvendo seu fi- lho mais velho, Flávio Bolso- naro, e o policial aposentado Fabrício Queiroz. Mais recentemente, em ju- nho, houve a prisão de seu ex- ministro Milton Ribeiro, sus- peito de integrar um esque- ma de favorecimento de pas- tores na pasta da Educação. Um assunto ignorado pelos programas, ao menos de ma- neira mais direta, é a Opera- ção Lava Jato, que teve sua for- ça-tarefa encerrada em 2021. Lula disse apenas que o

combate à corrupção preci- sa respeitar o “devido proces- so legal, de modo a impedir a violação dos direitos e garan- tias fundamentais e a mani- pulação política”. Bolsonaro afirma que as empresas pú- blicas voltaram a apresentar lucro em sua gestão, em alu- são aos prejuízos sofridos pela Petrobras nos anos petistas. O programa de Ciro Gome- s (PDT), terceiro coloca- do nas pesquisas, também não fala diretamente da La- va Jato, mas abraça três pau- tas que são associadas aos apoiadores da operação. Ci- ro propõe a volta da prisão de réus condenados em segun- da instância, uma ampla re- dução no foro especial e a cri- minalização de situações de enriquecimento ilícito. O pedetista também não se comprometeu em entrevista concedida neste mês a indi- car um procurador-geral por meio da lista tríplice. Seu partido, o PDT, foi au- tor de pedido para alterar no Supremo Tribunal Federal um dos fundamentos da Lei da Fi- cha Limpa. A solicitação che- gou a ser atendida provisori- amente em 2020, mas foi re- jeitada pela corte neste ano. A Lei da Ficha Limpa, aliás,

também voltou à pauta elei- toral neste mês após Lula de- fender em entrevista sua fle- xibilização. Em 2018, o ex- presidente foi impedido de con- correr por causa dessa legis- lação, diante da condenação expedida em Curitiba. Há quatro anos, a corrupção foi o grande mote da cam- panha presidencial. Posterior- mente o assunto foi perden- do espaço político para a cri- se econômica, hoje tratada como primeiro item na pau- ta dos presidenciais. O tema da Lava Jato na cam- panha poderia ser explora- do pelos candidatos em su- as propostas como uma for- ma de debater a experiência havida ao longo da investi- gação, afirma o professor da USP José Álvaro Moisés, coor- dinador do grupo de estudos da democracia. “A Lava Jato produziu muita informação sobre a centrali- dade da corrupção no Brasil. Desse ponto de vista, a minha impressão pessoal é que um governo mais moderno, mais democrático, aberto, deveria fazer um esforço de debater a Lava Jato, não tanto para acei- tar integralmente como se tu- do tivesse sido feito direito, mas para entender o signifi- cado das descobertas.” Para a ONG Transparência Internacional, as discussões sobre o combate à corrupção na atual campanha têm entre suas lacunas uma menção à falta de controle nas verbas públicas de financiamento po- lítico, compostas pelo fundão eleitoral e fundo partidário. O fundão foi ampliado na atual campanha para R\$ 5 bi- lhões ante R\$ 2,2 bilhões em 2018 (em valores corrigidos pela inflação). Além da questão da quantia, diz o consultor sênior da enti- dade, Michael Mohallem, há também uma excessiva centralização dos beneficiários nas cúpulas partidárias. A instituição também co- loca entre os assuntos prio- ritários o funcionamento das emendas de relator. A distri- buição sem transparência das verbas aos parlamentares por Bolsonaro tem sido frequen- temente criticada por Lula, Ciro e Simone Tebet (MDB). Mas, para Mohallem, falta se aprofundar em como re- ver esse modelo de emendas. “Precisa pôr no papel e elabo- rar o caminho a ser seguido. Haverá uma emenda consti- tucional para limitar? Há ou- tras coisas que caberiam”, diz. A professora da FGV Direi- to SP Raquel Pimenta, que é especialista em políticas an- ticorrupção, diz que a discus- são sobre o assunto pode ser menos moralizada e mais so- bre a construção institucional necessária nessa área. “É uma área que precisa de avanços que sejam sustenta- dos politicamente por muito tempo para se enraizarem”, afirma a professora.



Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais



P R A I A

CONFIRMA

C A M P O



ALGUMAS ESCOLHAS  
SÃO TRIVIAIS.  
OUTRAS, DE MUITA  
RESPONSABILIDADE.

ANTES DE CONFIRMAR  
SEU VOTO, CONFIRME  
SUA ASSINATURA  
E FIQUE BEM INFORMADO.

CONTEÚDO QUALIFICADO SOBRE ELEIÇÕES  
QUE VOCÊ TERÁ COMO ASSINANTE DA FOLHA:



NEWSLETTER

PODCASTS

COLUNAS

NOTÍCIAS

MATCH ELEITORAL

LIVES

ASSINE A  
FOLHA  
POR

R\$

1,90

NO 1º MÊS  
+ R\$9,90/MÊS  
POR 6 MESES



**FOLHA**  
NÃO DÁ PRA NÃO LER.



# Campanha minimiza danos para Bolsonaro por ataque a mulheres

Aliados celebram embate com Lula e querem insistir no tema da corrupção

Marianna Holanda

BRASÍLIA A campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL) comemorou o embate com Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em torno de corrupção no debate neste domingo (28) e quer repetir a fórmula em futuros confrontos.

Ainda que fosse evidente que o atual chefe do Executivo exploraria os escândalos das gestões petistas, Lula tergiversou ao ser confrontado. O episódio, de acordo com aliados de Bolsonaro, passou a impressão de que estaria fugindo da pergunta e aumentou a rejeição do eleitorado a ele.

O evento foi organizado por Folha, UOL e TVs Bandeirantes e Cultura e durou quase três horas. Lula e Bolsonaro foram os últimos a confirmar presença no evento —após dias de incertezas nas campanhas.

Interlocutores levaram a Bolsonaro resultados positivos de pesquisas com eleitores durante o debate. Ele ficou satisfeito e teria se mostrado aberto a ir a próximos embates.

No debate, Bolsonaro perguntou ao ex-presidente, seu principal adversário na corrida eleitoral, se o petista queria voltar ao poder para continuar a corrupção na Petrobras. Lula afirmou então que “inverdades não valem a pena na



O presidente Jair Bolsonaro (PL) participa de debate na Band Bruno Santos - 28.ago.22/Folhapress

TV”, assim como “citar números mentirosos”, e listou medidas anticorrupção de seu governo, entre as quais a criação do Portal da Transparência e da Lei de Acesso à Informação. Na réplica, Bolsonaro citou a

delação de Antonio Palocci, ex-ministro de Lula e Dilma Rousseff (PT), para afirmar que o governo do ex-presidente foi feito “a base de roubo”. A própria campanha de Lula avaliou como negativa a resposta

do petista, como mostrou a coluna da Mônica Bergamo.

Se o presidente levou vantagem ao confrontar Lula sobre corrupção, derrapou ao atacar as mulheres nas figuras da jornalista Vera Magalhães

e da candidata Simone Tebet (MDB) —ele disse que elas são “uma vergonha”.

A avaliação também foi compartilhada por integrantes da campanha. Além de ele ter sido machista, o que não contribui para angariar o voto feminino, provocou reação forte dos adversários.

O movimento fortaleceu a tese de uma parte do entorno de Bolsonaro, composta por ministros da ala política, de que ele não deveria mais comparecer a debates no primeiro turno. A leitura desse grupo é a de que seria melhor se o chefe do Executivo participasse apenas de confrontos no segundo turno.

Em segundo lugar nas pesquisas de intenção de votos, Bolsonaro está 15 pontos atrás de Lula. A pesquisa mais recente do Datafolha mostrou o petista com 47% ante 32% do presidente.

Ninguém arrisca dizer, por ora, se o presidente participará ou não de futuros debates.

A experiência dos últimos dias, marcada por vaivém sobre sua ida à Band, demonstra a dificuldade de Bolsonaro de tomar decisão. Aliados afirmam que cabe a ele bater o martelo.

Apesar de considerarem o ataque às mulheres um ponto negativo, integrantes da campanha minimizaram seus efeitos eleitorais. Para eles, as mulheres mais pobres, parcela do voto feminino que Bolsonaro precisa atrair, não assistiram ao debate e estão mais preocupadas com questões econômicas.

O entorno do presidente lamentou ainda que ele não tenha explorado com intensidade respostas que destacariam melhoras na economia, como

a redução do desemprego.

A reação machista de Bolsonaro, contudo, será amplamente explorada por adversários, segundo aliados, e servirá para reforçar uma posição de destaque de Simone Tebet (MDB). Para integrantes da campanha, o desempenho da emedebista foi o melhor do debate, como avaliaram eleitores indecisos ao Datafolha.

A percepção é a de que ela pode ser um fator de instabilidade em eventuais novos confrontos, por tender a explorar os ataques contra mulheres.

Concretizando a expectativa de aliados, Bolsonaro virou vítima e foi alvo de todos os adversários. O chefe do Executivo conseguiu manter a calma na maior parte do tempo, mas se exaltou ao ser questionado pela jornalista Vera Magalhães sobre a vacinação.

“Vera, não poderia esperar outra coisa de você. Acho que você dorme pensando em mim, você tem alguma paixão por mim. Você não pode tomar partido num debate como esse. Fazer acusações mentirosas a meu respeito. Você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro”, disse Bolsonaro.

Tebet saiu em defesa da jornalista e também foi atacada. “A senhora é uma vergonha para o Senado. E não estou atacando mulheres, não. Não vem com essa historinha de atacar mulheres, de se vitimizar”.

Ciro Gomes (PDT) e Soraya Thronicke (União Brasil) exploraram a grosseria do presidente. “Quando vejo o que aconteceu com a Vera, fico extremamente chateada. Quando homens são tchutchucas com outros homens, mas vêm para cima da gente sendo ti-grão. Fico extremamente incomodada, fico brava.”

## Ciro Gomes questiona saúde de Lula e apaga post após reações; PT fala em ofensiva ‘lamentável’

SÃO PAULO E BRASÍLIA O candidato do PDT à Presidência da República, Ciro Gomes, aumentou o tom contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) durante o primeiro debate entre os presidenciais e, na manhã desta segunda-feira (29), usou as redes sociais para reforçar o clima de rivalidade.

Em sua conta oficial no Twitter, Ciro postou foto de Lula e escreveu que ele está “cada dia mais fraco, fisicamente, psicologicamente e teoricamente (sic), para enfrentar a direita sanguinária”. A seguir, apagou o post após ter sido criticado por petistas devido ao ataque à saúde do ex-presidente.

A postagem externou a avaliação da cúpula do PDT de que o ex-presidente passou no debate a imagem de fragilidade e de falta de habilidade em se defender dos ataques do presidente Jair Bolsonaro (PL).

O presidente do PDT, Carlos Lupi, criticou a mensagem e disse ter sido bom que ela “foi apagada a tempo”. “Campanha é para discutir política.”

Lula rebateu, e seu perfil oficial no Twitter compartilhou trecho do embate com Ciro na noite anterior com a legenda: “Ontem, no debate da Band, Lula tratou Ciro Gomes com respeito”.

A presidente do PT, a deputada federal Gleisi Hoffmann (PR), disse que o post de Ciro é “lamentável” e que o ex-presidente foi “muito simpático” com o pedetista no debate, sem deixar de colocar “as coisas que tinha que colocar, a responsabilidade política dele [Ciro] perante o Brasil”. “Só lamento que Ciro tenha feito uma aliança com Bolsonaro para atacar o Lula”, afirmou.

Para Marco Aurélio de Carvalho, coordenador do grupo Prerrogativas e próximo do ex-presidente Lula, a publicação do pedetista evidencia que Ciro “vai ser vítima do ódio que ele próprio ajudou a inocular na sociedade”. O advogado diz também que no debate da noite anterior o ex-



Ciro Gomes (PDT) durante debate Bruno Santos - 28.ago.22/Folhapress

aliado de Lula “mostrou total descompromisso com a difícil tarefa de derrotar o fascismo no Brasil”.

“Ciro é uma mistura do que há de pior no coronelismo mais atrasado do nosso país com requintes de um lavajatismo messiânico que nos trouxe aos dias de hoje”, acrescentou Carvalho.

No debate, ao ser questionado sobre a divisão de partidos de esquerda, Lula elogiou Ciro.

“Têm três pessoas no Brasil que eu trato com deferência: o [ex-governador de SP] Mário Covas [1930-2001], o [ex-senador] Roberto Requião [PT] e o Ciro Gomes”, disse Lula. “De vez em quando eles podem até falar mal de mim que eu não levo em conta, porque sei que eles têm o coração mais mole do que a língua.”

Ciro sorriu, mas rejeitou a tentativa de aproximação do ex-presidente.

“O Lula é esse encantador de serpente, vai na emoção das pessoas, cativa, mas eu tenho uma relação bastante antiga [com ele]. Sempre quer trazer a coisa para o lado pessoal. Não é pessoal, atribuo ao Lula a contradição econômica e moral do PT, a eleição do Bolsonaro”, disse Ciro. “A

razão do meu distanciamento é que Lula se deixou corromper mesmo.”

Antes, o candidato do PDT já havia dito, com o microfone desligado, que Lula não fez como ele e foi a Paris no segundo turno das eleições de 2018 porque estava preso. Ciro é frequentemente acusado por petistas de ter se ausentado do país após não conseguir avançar ao segundo turno, o que ele nega.

“Quando o Ciro joga nas minhas costas a responsabilidade da escolha do cidadão [Bolsonaro], eu queria dizer que eu não fui para Paris. Eu não saí do Brasil para não votar no Haddad”, disse Lula.

A estratégia de Ciro no debate deste domingo irritou petistas, que o acusaram de servir de linha auxiliar de Jair Bolsonaro (PL). Há meses, Ciro vem equiparando Lula e Bolsonaro em suas críticas, apesar de no passado ter sido aliado dos petistas.

“Ciro mostrou que é a quinta coluna do bolsonarismo. Mostrou desequilíbrio, prepotência, deselegância e prestou serviço de forma constrangedora a Bolsonaro”, disse o advogado Marco Aurélio de Carvalho. A avaliação é com-

partilhada, reservadamente, na campanha bolsonarista.

O presidente do PDT, Carlos Lupi, aprovou o tom do candidato de seu partido. “[Ciro Gomes] encontrou o tom, foi objetivo, não perdeu um segundo nem ultrapassou o tempo, foi didático e apresentou projeto”, afirmou. Ele diz não concordar com a avaliação de que Ciro estaria indiretamente ajudando Bolsonaro.

O pedetista está em um distante terceiro lugar nas pesquisas de intenção de voto, com 7%, de acordo com a sondagem mais recente do Datafolha, e tenta furar a polarização eleitoral entre Lula e Bolsonaro.

O distanciamento entre Ciro e PT começou por volta de 2018, quando o pedetista foi candidato a presidente e não apoiou Fernando Haddad (PT) no segundo turno contra Bolsonaro. À época, Ciro viajou a Paris depois de ficar em terceiro lugar no primeiro turno e voltou ao Brasil para votar no segundo turno.

Antes da cisão, ambos trabalharam juntos, entre 2003 e 2006, quando o pedetista foi ministro da Integração Nacional do governo Lula. A ligação continuou no segundo mandato da ex-presidente Dilma Rousseff, no qual o irmão de Ciro, o senador Cid Gomes, foi ministro da Educação por cinco meses.

Apesar das diferenças, Lula deixou a porta aberta para negociar com o PDT em caso de vitória nas eleições deste ano ao dizer que gostaria de contar com o apoio da sigla em sua gestão. Em resposta, Ciro chamou o petista de “encantador de serpentes”.

Nos bastidores, o PDT se mostra inclinado a apoiar o petista em um possível segundo turno contra Bolsonaro. O arranjo não incluiria Ciro, que já disse repetidas vezes que não fará campanha para nenhum dos dois em uma eventual segunda rodada.

Victoria Azevedo, Mariana Zylberkan, Lucas Marchesini e Julia Chaib



Declarações de Ciro e Lula no debate

“

Eu sempre digo o seguinte: tem três pessoas no Brasil que eu trato com deferência: Mário Covas, Requião e Ciro Gomes. De vez em quando eles podem até falar mal de mim que não levo em conta, porque eu sei que eles têm o coração mais mole do que a língua

**Luiz Inácio Lula da Silva (PT)**  
candidato à Presidente, fazendo um afago a Ciro no debate

“

O Lula é esse encantador de serpente, vai na emoção das pessoas, cativa. Nós temos uma relação bastante antiga, e ele quer sempre trazer a coisa pro lado pessoal. Não é pessoal. Eu atribuo ao Lula a contradição econômica do Lula, a contradição moral do Lula e do PT o Bolsonaro

**Ciro Gomes (PDT)**  
candidato a presidente, respondendo à declaração do petista

“

Agora, o que é importante a gente levar em conta é que quando o Ciro joga a responsabilidade da eleição do cidadão nas minhas costas, eu queria dizer que eu não fui pra Paris. Eu não saí do Brasil pra não votar no Haddad. Eu não saí do Brasil pra não votar...

**Luiz Inácio Lula da Silva (PT)**  
na tréplica

“

Você estava preso

**Ciro Gomes (PDT)**  
fora dos microfones, em resposta a Lula

“

E fui preso pra não ganhar as eleições, porque sabiam que se eu tivesse liberdade, eu ganhava as eleições. E você sabe que eu fui absolvido em todos os 26 processos. Você sabe que eu fui absolvido em todos os processos

**Luiz Inácio Lula da Silva (PT)**  
respondendo a Ciro



# Marqueteiros de Lula e Ciro lideram ranking de gastos

Desembolso em 14 dias de campanha é de R\$ 225 milhões; Bolsonaro e D'Ávila estão na frente em doações

Ranier Bragon, Lucas Marchesini e João Gabriel

BRASÍLIA Com 14 dias de campanha oficial, empresas dos marqueteiros de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e de Ciro Gomes (PDT) lideram o ranking de gastos declarados pelos candidatos em todo o país. Segundo o sistema de divulgação de informações do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), Lula informou até a tarde desta segunda (29) o maior custo de marketing, R\$ 26,9 milhões, sendo a maior parte, R\$ 25,9 milhões, para a M4 Comunicação e Propaganda, que tem Sídonio Pereira entre os sócios. Ciro declarou custo de R\$ 5,2 milhões com propaganda em rádio e TV, sendo R\$ 3 milhões para a Santana e Associados Marketing e Propaganda, de João Santana —marqueteiro das vitoriosas campanhas do PT em 2006, 2010 e 2014 e hoje rompido com o partido. Jair Bolsonaro (PL) não declarou até esta segunda gasto com seu marketing eleitoral. Até agora, os candidatos a todos os cargos declararam de-

sembolsos, no geral, que chegam a R\$ 232 milhões. Bolsonaro e o candidato do Novo, Luiz Felipe D'Ávila, lideram o recebimento de doações privadas. Bolsonaro já arrecadou R\$ 1,5 milhão em recursos privados, com destaque para as doações do ex-piloto de Fórmula 1 Nelson Piquet (R\$ 501 mil) e do empresário Gilson Lari Trennepohl (R\$ 350 mil), vice-prefeito da cidade de Não-Me-Toque (RS), D'Ávila recebeu, via Novo, R\$ 500 mil de 11 doadores, como os empresários Abílio Diniz, do Carrefour (R\$ 100 mil), e Eugenio Mattar (R\$ 100 mil), da Localiza. Até o momento, Lula foi quem informou o maior recebimento de verba pública de campanha até agora, R\$ 66,7 milhões do fundo eleitoral do PT. O teto de gastos dos presidenciais no primeiro turno é de R\$ 88,9 milhões. Bolsonaro recebeu R\$ 10 milhões do fundo do PL. Em 2020 ele recomendou a seus apoiadores que não votassem em candidatos que usassem o fundo eleitoral (os dois fundos,

## A prestação de contas dos presidenciais

Candidatos que apresentaram declaração de receitas e despesas

Em R\$	Receitas/ Verbas públicas	Receitas/ Recursos privados	Despesas declaradas
Lula (PT)	66,7 milhões	116,3 mil	35,3 milhões
Simone Tebet (MDB)	30 milhões	0	228,5 mil
Jair Bolsonaro (PL)	10 milhões	1,5 milhão	97,2 mil
Ciro Gomes (PDT)	10 milhões	1 mil	6 milhões
Soraya Thronicke (União)	9 milhões	0	268,7 mil
Eymael (DC)	1,2 milhões	0	0
Leonardo Péricles (UP)	800 mil	0	62,3 mil
Vera Lucia (PSTU)	800 mil	0	0
Luiz Felipe D'ávila (Novo)	0	500,8 mil	269,3 mil

Ranking dos maiores doadores

	Em R\$ milhões
1º - José Salim Mattar Júnior (Localiza)	2.775
2º - Heitor Vanderlei Linden (Calçados Beira Rio)	2.600
3º - Rubens Ometto (Cosan)	1.850
4º - Candido Bracher (Itaú)	1.342
5º - Arminio Fraga (Gávea Investimentos)	1.340

\*Inclui presidente, governador, senador e deputado. Fonte: Divulgacand/TSE

partidário e eleitoral, são a principal fonte de recursos públicos para as campanhas). Neste ano, o discurso mudou. Tanto ele como outros bolsonaristas que execravam publicamente políticos que usavam dinheiro público nas campanhas fazem o mesmo. Carla Zambelli (PL-SP) e Eduardo Bolsonaro (PL-SP), por exemplo, já receberam R\$ 1 milhão e R\$ 500 mil, respectivamente, do fundo eleitoral. A Folha não conseguiu falar com Eduardo Bolsonaro. A assessoria de Zambelli não respondeu à tentativa de contato. Mesmo sem incluir as doações privadas, essa será a elei-

ção mais cara da história, com o direcionamento aos candidatos de cerca de R\$ 6 bilhões em verba pública, além de renúncia fiscal de R\$ 740 milhões pela veiculação da propaganda eleitoral no rádio e na TV. A verba é distribuída, na quase totalidade, segundo o peso dos partidos no Congresso. Apesar de as empresas terem sido proibidas de fazer doações a políticos e candidatos a partir de 2015, o financiamento empresarial segue, em menor volume, por meio de contribuições feitas por executivos das companhias. Até o momento, o TSE informa ter havido doações priva-

## + Empresários do agro em dívida com a União doam para Bolsonaro

Dois empresários do agronegócio em dívida com a União doaram R\$ 10 mil cada um para a campanha de Jair Bolsonaro (PL). A maior dívida é de Rodrigo Borghetti Zampieri, de Campo Grande (MS), que tem uma inscrição de R\$ 299,4 mil por dívidas tributárias. Já o americano Eugene Douglas Ferrell vive em Querência (MT) e tem uma dívida previdenciária de R\$ 11.967. Eles não quiseram se manifestar.

das a todos os candidatos no valor de R\$ 104 milhões. Junta-se a esse financiamento privado o dinheiro próprio dos políticos, que vai a R\$ 46 milhões. Até agora, o ex-secretário de Desestatização de Bolsonaro Salim Mattar, da Localiza, é o maior doador individual, com R\$ 2,8 milhões a 19 candidatos. Ele disse por meio de sua assessoria que “está apoiando predominantemente, mas não exclusivamente, candidatos a governador, senador, deputado federal e deputado estadual, pelo partido Novo, de cujos valores liberais compartilha”. Todas as doações estão em conformidade com as regras da Justiça Eleitoral e respeitam o limite de 10% dos rendimentos brutos no ano anterior, acrescentou. O segundo maior doador individual é Heitor Linden, que deu R\$ 2,6 milhões à campanha de Roberto Argenta (PSC) ao Governo do Rio Grande do Sul. Dono da Calçados Beira Rio, não falou à reportagem. Rubens Ometto, do conglomerado do setor de energia Cosan, doou R\$ 1,9 milhão para 18 candidatos, como expoentes do bolsonarismo, como Tarcísio de Freitas (Republicanos), que disputa o Governo de São Paulo, e a ex-ministra da Agricultura Tereza Cristina (PL), que tenta se eleger senadora por Mato Grosso do Sul. “As doações eleitorais feitas por Rubens Ometto Silveira Mello são realizadas em caráter pessoal e seguem as regras estabelecidas pelo Tribunal Superior Eleitoral e demais normas aplicáveis”, disse o empresário, por meio da sua assessoria de imprensa. Tanto Salim Mattar quanto Ometto contribuíram para a campanha do ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles (PL), que busca vaga na Câmara dos Deputados.



semináriosfolha

WEBINAR

# Risco de Covid em pacientes vulneráveis

Os imunodeprimidos e os cuidados para além da vacina de Covid-19

15h

DEBATEDORES

GERMAINE TILLWITZ

paciente de câncer de mama metastático

JOSÉ OSMAR MEDINA

diretor do Hospital do Rim da Unifesp

LIGIA CAMERA PIERROTTI

infetologista do Hospital das Clínicas da USP

NELSON HAMERSCHLAK

hematologista do Hospital Israelita Albert Einstein



ao vivo em [folha.com/riscocodevid](https://www.folha.com.br/riscocodevid)

HOJE

Aponte a câmera do seu celular para a imagem ao lado e saiba mais



Patrocínio:



Realização:







Da esquerda para direita, os candidatos ao Palácio do Planalto Luiz Felipe d'Avila (Novo), Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Simone Tebet (MDB), Jair Bolsonaro (PL), Soraya Thronicke (União Brasil) e Ciro Gomes (PDT) participam do primeiro debate presidencial, no estúdio da TV Bandeirantes, em São Paulo

Marlene Bergamo - 28.ago.2022/Folhapress

# Indecisos se frustram com debate e criticam machismo de Bolsonaro

Datafolha realizou pesquisa qualitativa durante encontro dos presidenciaíveis com 64 pessoas sem voto definido

Paula Soprana e Renata Galf

**SÃO PAULO** Os eleitores indecisos, não convictos ou dispostos a votar em branco consideraram o primeiro debate presidencial opaco em propostas e frustrante devido à troca de ataques pessoais entre candidatos e ao machismo do presidente Jair Bolsonaro (PL).

A observação é de uma pesquisa qualitativa do Datafolha realizada durante o evento deste domingo (28), que ouviu 64 pessoas indecisas sobre o voto no pleito de outubro. O levantamento não é representativo da população brasileira e visa a mostrar a percepção do grupo.

O debate organizado por Folha, UOL e TVs Bandeirantes e Cultura reuniu por quase três horas os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Bolsonaro, Ciro Gomes (PDT), Simone Tebet (MDB), Luiz Felipe d'Avila (Novo) e Soraya Thronicke (União Brasil) na sede da Band, em São Paulo.

O universo de pessoas que pretendem votar em branco ou nulo é de 6%, segundo a última pesquisa Datafolha, realizada de 16 a 18 de agosto. Há, ainda, 2% que não sabem em quem votar.

O debate foi considerado importante para a decisão eleitoral por 80% dos entrevistados pelo instituto. Já 67% disseram ter mudado de voto.

Os eleitores foram divididos em três salas virtuais com mediadores do Datafolha durante o debate. A cada bloco, avaliaram por meio de um aplicativo o desempenho de cada candidato e a satisfação em relação às suas respostas.

Tebet foi a mais bem classificada, seguida de Ciro Gomes. Bolsonaro, candidato à reeleição, registrou o pior desempenho entre os entrevistados, distante dos demais postulantes no quesito. Parte da insatisfação veio dos ataques que ele dirigiu às mulheres, segmento que ele precisa conquistar na campanha.

No segundo bloco, nervoso com uma pergunta da jornalista da TV Cultura Vera Magalhães, disse que ela era uma “vergonha para o jornalismo brasileiro”. Também atacou

Tebet e fez aferições de cunho machista.

“Bolsonaro gosta de reduzir as oportunidades de trabalho das mulheres, sempre cita salão e cozinha”, disse um entrevistado. “Bolsonaro foi meio grosso com a jornalista” e “ele gosta de deixar claro que lugar de mulher é em salão, cozinha e em casa”, afirmaram outros.

Outras observações foram: “Bolsonaro está dando um tiro no pé. Em vez de mostrar suas propostas, ele só ataca os outros candidatos” e “Bolsonaro começou a atacar muito, desrespeitou muito, toda hora chamando o Lula de presidiário. Podia ter um pouco mais de respeito, né? Bate, mas tem que ter um pouco de respeito.”

O desempenho do ex-presidente Lula também ficou aquém do esperado. Para os presentes, o petista demonstrou preocupação em combater Bolsonaro e não apresentou propostas.

“Lula está muito focado em querer combater o Bolsonaro e está se perdendo em mostrar propostas concretas”, disse um eleitor. “Lula não convence mais, precisamos de sangue novo”, concluiu outro. As trocas de farpas entre os primeiros colocados nas pesquisas e o desvio às questões centrais não foram bem-vindos pelo grupo.

“Bolsonaro, Lula e Ciro estão com sérias dificuldades de responder às perguntas de maneira direta, nunca respondendo às perguntas sem citar o passado ou adversários.”

Diante dos ataques, candidatos menos conhecidos nas pesquisas receberam mais atenção. Um dos entrevistados, antes dividido entre Lula e Bolsonaro, disse que o debate lhe permitiu conhecer Tebet.

“Gostei muito dela, achei que ela foi muito certa no que queria falar... Então abriu um pouco mais a minha mente para os outros candidatos.”

A senadora, quarta nas pesquisas de intenção de voto, com apenas 2% na última pesquisa Datafolha, apresentou propostas como crédito para saúde e uma poupança para

jovens estudantes de R\$ 5.000 anuais, projeto considerado irreal por muitos dos entrevistados. “Esse papo de R\$ 5.000 para estudante é sem nexo”, disse um deles. Foi elogiada, entretanto, pela sua atuação na CPI da Covid.

De modo geral, os eleitores sentiram falta de planos para segurança pública, saúde, saneamento e meio ambiente. Muitos ainda seguem indecisos ou não convictos sobre a escolha para o próximo ocupante do Palácio do Planalto.

Entre aqueles que mudaram de opinião sobre os candidatos, as justificativas foram as propostas apresentadas pelos menos conhecidos. Disseram que gostaram de ouvir “vamos esquecer do passado e pensar no futuro”.

Os que não mudaram de opinião após o debate justificam que o evento ficou centrado no passado.

Na avaliação por blocos, Tebet ficou na liderança, acompanhada de Ciro, com valores próximos na escala de satisfação dos eleitores.

Bolsonaro apresentou o pior desempenho para o grupo. Foi o único que teve mais avaliações negativas (ruim e péssimo) nas suas respostas do que positivas (ótimo e bom).

As respostas de Lula foram mais bem avaliadas no primeiro bloco, com mais da metade de avaliações positivas, e passaram a declinar. No terceiro, o petista teve seu mais baixo percentual de avaliações positivas, atrás apenas do atual presidente.

A metodologia da pesquisa reuniu cerca de 30 eleitores não convictos dos três presidenciaíveis mais bem posicionados nas pesquisas, cerca de 10 indecisos de outros candidatos e cerca de 20 que pretendem votar branco ou nulo.

A amostra agregou homens e mulheres de 22 a 69 anos de todas as regiões, escolaridade variada e renda familiar mensal entre dois e dez salários mínimos — o salário mínimo no Brasil, em 2022, é de R\$ 1.212. Havia eleitores assalariados, autônomos, profissionais liberais, funcionários públicos, desempregados e estudantes.



Veja em frases os piores momentos do primeiro debate presidencial



O país que eu deixei é um país que o povo tem saudade. É o país do emprego, é o país em que o povo tinha o direito de viver dignamente, de cabeça erguida

**Luiz Inácio Lula da Silva (PT)** após citar números de seus mandatos e fugir da pergunta de Jair Bolsonaro (PL) sobre corrupção nos governos do PT



Nós fizemos milagre durante a pandemia. Lamentamos as mortes, mas investimos para que empregos não fossem destruídos

**Jair Bolsonaro (PL)** ao ignorar seu negacionismo diante da pandemia, quando questionado sobre fala em que negou haver fome no Brasil



A economia está bombando, e o Brasil está sendo exemplo para o mundo nessa área

**Jair Bolsonaro (PL)** ao comentar sobre a situação econômica do país, com desemprego a 9,3% no segundo trimestre e inflação acumulada em 12 meses de 10,07%



Acho que você [jornalista Vera Magalhães] dorme pensando em mim, você tem alguma paixão por mim. Você não pode tomar partido num debate como este. Fazer acusações mentirosas ao meu respeito. Você é uma vergonha para o jornalismo

**Jair Bolsonaro (PL)** após a jornalista perguntar sobre queda da vacinação



A senhora [Simone Tebet] é uma vergonha no Senado Federal. E eu não estou atacando mulheres, não. Não vem com essa historinha de que eu ataco mulheres, de se vitimizar

**Jair Bolsonaro (PL)** no momento em que Simone Tebet (MDB) interfere em ataque à jornalista Vera Magalhães



Precisamos replicar as boas experiências existentes. Por exemplo, a polícia Maria da Paz, uma força importante que vem aumentando brutalmente [o número] de mulheres que têm coragem de denunciar estupro

**Felipe D'Avila (Novo)** ao confundir o nome da lei contra violência doméstica, a Lei Maria da Penha



Não sou atriz e não estou aqui para disfarçar, mas vocês podem ter certeza de que do jeito que está eu vou começar a entregar, e é muita coisa. Reforcem a minha segurança, delegado

**Soraya Thronicke (União Brasil)** quando comentava sobre a polarização na política



Grande parte das mulheres no Brasil me ama

**Jair Bolsonaro (PL)** ao comentar polêmicas envolvendo o tema



Nós pregamos a união, o amor, a compreensão. Por que me atacar? Porque acabei com a harmonia da corrupção de muita gente por aí? Por isso essa raiva de todos contra Jair Bolsonaro?

**Jair Bolsonaro (PL)** ao comentar críticas dos adversários e ignorar, por exemplo, o escândalo no MEC e as suspeitas de corrupção na Codevasf



Não sou de assumir compromisso, de me comprometer a fazer metade, indicar religioso, indicar mulher, indicar negra, indicar homem [...]. Você vai indicar as pessoas que têm capacidade para assumir determinados cargos

**Luiz Inácio Lula da Silva (PT)** ao não assumir compromisso de nomear mulheres para ao menos metade dos cargos de primeiro escalão de seu governo



Tive o prazer de indicar a primeira mulher candidata à Presidência da República, que, quando deixou o mandato, em 2014, o desemprego era apenas 4,5%, padrão Finlândia, padrão Noruega

**Luiz Inácio Lula da Silva (PT)** citando dado errado sobre o governo de sua sucessora; no primeiro trimestre de 2016, ainda na gestão de Dilma Rousseff, o desemprego no Brasil estava em torno de 11%



# Misoginia marca debate, dizem especialistas

Estudiosos também notam ausência de referência às mulheres negras pelos candidatos à Presidência da República

Priscila Camazano

SÃO PAULO O primeiro debate na TV entre candidatos à Presidência, na noite de domingo (28), teve falas misóginas e falta de referência às mulheres negras, apontam especialistas.

No evento organizado por Folha, UOL e TVs Bandeirantes e Cultura, o tema central foi o respeito às mulheres. O assunto foi discutido principalmente pelas candidatas Simone Tebet (MDB) e Soraya Thronicke (União Brasil), após um ataque do presidente Jair Bolsonaro (PL) à jornalista Vera Magalhães.

Para a cientista política Layla Pedreira de Carvalho, à exceção de Felipe d'Ávila (Novo), todos os candidatos falaram sobre a importância de pensar a questão das mulheres, um dos pontos positivos do evento. “O que deixa evidente que esse é um tema que precisa ser abordado”, afirma.

Mas, para Carvalho, Bolsonaro revelou dificuldade de entender a pauta. “Todos os comentários e as referências que ele fez foram muito deslocadas e violentas em larga medida”, diz ela. “É bastante anacrônica a forma como o presidente lida com essa questão.”

Em uma fala, Bolsonaro chegou a afirmar que as mulheres não devem ser defendidas só por serem mulheres e citou a primeira-dama Michelle Bolsonaro, a quem tem usado para atingir o eleitorado feminino.

Questionado por Tebet sobre por que tem raiva de mulheres, afirmou que a candidata o acusava sem prova. “Fui o



Os candidatos Simone Tebet e Jair Bolsonaro, no debate de domingo Bruno Santos -28.ago.22/Folhapress

governo que mais sancionou leis pelas mulheres. [...] Não cola mais. [...] Chega de vitimismo, somos todos iguais”, disse.

Mas, dos 46 projetos sancionados em seu mandato, nenhum foi do Executivo, e 6 propostas que beneficiavam as mulheres foram vetadas pelo mandatário, como a distribuição gratuita de absorvente a mulheres de baixa renda, mostrou uma reportagem do UOL.

Durante todo o governo, deixou claro que sua política para as mulheres é ser contra aborto, proibir drogas e dar armas para as mulheres do campo.

Gabriela Souza, advogada e sócia da Escola Brasileira de

Direitos das Mulheres, vai na mesma toada. “Temos um candidato [Jair Bolsonaro] misógino, que claramente despreza as mulheres, e é importante falar isso sem qualquer discurso ideológico político”, afirma.

“Muito embora fale sobre o direito das mulheres, a gente sabe que menospreza feminicídio, menospreza a mulher. E isso vem carregado na fala dele ontem [domingo], na medida em que o único momento em que levanta a voz é contra uma jornalista mulher”, diz Souza.

Para ela, os candidatos, em geral, ignoraram a pauta das mulheres, em um momento histórico em que há tantas vi-

olações de direitos femininos, o que precisa ser observado.

Além do mais, ela chama a atenção para o fato de a problemática de gênero ter sido levantada por duas mulheres. “Como se coubesse apenas a elas e não aos homens. Nós temos dois homens liderando as pesquisas que precisam apresentar pautas direcionadas ao gênero e de falar sobre isso”, afirma.

Para Hannah Maruci Aflalo, doutoranda em ciência política na USP e diretora de A Tenda das Candidatas, o debate deixou claro que a questão das mulheres não é uma prioridade para os candidatos.

“Presenciamos [também] cenas dos homens candidatos competindo quem é mais machista. Vimos Ciro e Bolsonaro se acusando”, diz ela sobre quando o pedetista lembrou a fala da “fraquejada”, e Bolsonaro mencionou que Ciro já disse que a função de sua mulher era dormir com ele.

Outra questão levantada pelas especialistas foi a quase ausência de referências às mulheres negras —maioria da população brasileira— no debate.

“Falou-se pouco sobre a especificidade da vivência das mulheres negras. É importante pensar sobre como a gente evolui a presença e a diversidade de pessoas no debate. E isso também vale para as pessoas que perguntaram, os jornalistas que estavam presentes. Também não havia mulheres negras nesse espaço”, afirma Carvalho.

Para Aflalo, em relação às políticas públicas para as mulhe-

res não houve avanço nenhum nas propostas apresentadas no debate, e isso destaca que o assunto não é a prioridade.

Sobre a presença de duas mulheres no evento, Tebet e Thronicke, as especialistas avaliaram ter sido positivo, mas resultado tímido para a pauta.

“Tebet me pareceu ter ido bem, respondendo com domínio a questões relacionadas aos direitos das mulheres, falou de violência física e sexual”, diz Souza, apontando que a questão deve ser preocupação de todos os presidenciáveis.

Os candidatos também foram questionados se eles se comprometeriam a indicar mulheres para metade de seus eventuais ministérios, e Lula afirmou que não assumiria esse compromisso —enquanto Tebet declarou que assim o fará caso seja eleita.

O candidato do PT afirmou que indicará “as pessoas que têm capacidade para assumir determinados cargos”. “O que não dá é para assumir o compromisso numericamente. [...] Não vou assumir compromisso, porque se não for possível passarei por mentiroso.”

Para Carvalho, a fala do candidato “é bastante anacrônica e problemática na concepção do que seja gênero”. “Remonta à forma como historicamente as esquerdas têm lidado com esse debate em torno da representação dos grupos políticos minoritários.”

Já Souza avalia que Lula precisa refletir sobre o ministério composto por 50% de mulheres. “Na medida que isso parece o mínimo”, afirma.

## Presidenciáveis mostraram que agenda feminina ainda é vista como papo furado

### ANÁLISE

Angela Boldrini

BRASÍLIA Candidatos à direita e à esquerda demonstraram no debate realizado neste domingo (28) a imaturidade sobre a agenda feminina na política brasileira.

Apesar da busca pelo voto de mulheres, os candidatos à Presidência mostraram desconhecer conceitos básicos como misoginia e política de paridade de gênero e tratar as 109 milhões de brasileiras como um nicho a ser conquistado, e não como o maior grupo populacional do Brasil.

A questão feminina ganhou centralidade graças ao ataque misógino do presidente Jair Bolsonaro (PL) à jornalista Vera Magalhães, da TV Cultura.

Misógino porque ofende com elementos de gênero: “acho que você dorme pensando em mim” e “tem uma paixão por mim” são ofensas que dialogam com o fato de a jornalista ser mulher.

Esse caráter sexualizador que diferencia essas ofensas de outros ataques de Bolsonaro, como ao chamar o ex-presidente Lula de “ex-presidiário” que, concorde-se ou não com ele, pode ser considerado parte do jogo político.

Os outros dois principais candidatos homens, Ciro Gomes (PDT) e Lula (PT), não registraram o caráter misógino da ofensa de Bolsonaro. O primeiro usou o destempero do presidente como exemplo de polarização, sem se solidarizar com a jornalista, e o segundo ignorou completamente o que aconteceu.

Foram as duas mulheres, Simone Tebet (MDB) e Soraya Thronicke (UB), que condenaram imediatamente Bolsonaro. Os homens, orientados pelas campanhas, passaram a fazê-lo nos blocos seguintes.

Bolsonaro, que tem nas mulheres o principal gargalo de

rejeição, dirigiu a Ciro uma pergunta sobre a agenda feminina. A ideia era usá-la como escada para listar o que seriam as conquistas do seu governo. As redes sociais chiaram, mas pelo motivo errado. A principal reclamação era o fato de o presidente ter dirigido a pergunta a outro homem.

Na política tudo é intenção, e a de Bolsonaro não era ampliar o debate feminista, mas evitar mais um confronto direto com as candidatas.

No entanto, ter dois homens discutindo políticas de gênero em um debate de rede nacional é exatamente o que devemos almejar. As políticas públicas de interesse feminino não podem ser debatidas apenas entre mulheres, como se fosse problema só delas.

O erro na pergunta está no que Bolsonaro afirma. Nenhum dos projetos sancionados durante o governo é de autoria do Executivo.

Segundo checagem do UOL, o presidente também vetou seis propostas que se referiam especificamente a esse grupo demográfico, incluindo a distribuição gratuita de absorventes para mulheres em situação de vulnerabilidade. O governo Bolsonaro também é responsável por sucessivos cortes de orçamento em programas de combate à violência contra a mulher.

Ciro, que recentemente deu uma entrevista ao jornal Valor Econômico em que chamou políticas para mulheres, negros e índios de “política do papo furado”, disse que falta a Bolsonaro “delicadeza” para tratar de questões femininas. E não listou uma proposta sequer de seu plano de governo que seja direcionada especificamente às mulheres.

Lula, ao ser perguntado sobre a composição de seu eventual ministério, se saiu com uma falácia bastante comum. A de que não olha para gênero e de que escolheria pesso-

as por sua competência. Um argumento muito utilizado por... Bolsonaro.

Acontece que as dinâmicas de gênero não acontecem isoladas da sociedade. Estudos mostram que o que falta às mulheres não é capacidade, mas poder. O discurso da igualdade de gênero na política como mérito individual não existe num país de 83 milhões de eleitoras em que há 15% de deputadas e 19% de senadoras, e que nunca uma mulher foi presidente das Casas Legislativas do país.

Lula citou exemplos como o do México, reconhecido pela paridade de gênero na política, e disse que é “perfeitamente possível ter maioria” de mulheres. Mas a igualdade mexicana não caiu do céu. Ela é fruto de anos de articulação dentro do Congresso, unindo a bancada feminina a aliados homens, que permitiu a aprovação de leis que estabelecem essa paridade.

Tebet, cuja campanha tem como mote central a chapa 100% feminina, trouxe no discurso elementos que desagradaram parte das mulheres.

A menção ao “coração de mãe” traz noção antiquada e sexista do posicionamento da mulher na sociedade. Infelizmente, parte do eleitorado ainda é atraída para candidaturas femininas justamente por esse “sexismo benevolente”, o que faz com que seja difícil para as políticas abandonarem esse tipo de discurso.

Para fechar com chave de ouro o desconhecimento total sobre a agenda feminina, Luiz Felipe d'Ávila, do Novo, chamou a lei Maria da Penha, uma das melhores do mundo contra violência doméstica, de “Lei Maria da Paz”.

O saldo do debate mostra que, no Brasil, as mulheres interessam enquanto fatia do eleitorado —depois de eleitos os representantes, ainda são parte do “papo furado”.

eleições 2022

sabatina | educação todos

PLANOS DE GOVERNO DOS CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA

31/8

11h

ROSSIELI SOARES

Ex-ministro da Educação

Representando a campanha de Simone Tebet (MDB)

1º/9

15h

REGINALDO LOPES

Deputado Federal por Minas Gerais

Representando a campanha de Lula (PT)

1º/9

17h

IVO GOMES

Prefeito de Sobral (CE)

Representando a campanha de Ciro Gomes (PDT)

Assista em [folha.com](#)

Participe e faça suas perguntas no WhatsApp

(11) 99648-3478

< EDUCAÇÃO JÁ >

Realização

FOLHA

NÃO DÁ PRA NÃO LER



# Mulheres batem recorde de candidatas à Presidência, mas enfrentam desafios

Saiba quem são as oito mulheres que participam da disputa ao Palácio do Planalto deste ano

**Danielle Brant, Renato Machado e Carolina Moraes**

BRASÍLIA As eleições de 2022 terão participação feminina recorde na disputa pelo Palácio do Planalto, embora as chapas exclusivamente masculinas do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), com Geraldo Alckmin (PSB), e do atual presidente, Jair Bolsonaro (PL), com Walter Braga Netto (PL) sejam, por ora, as favoritas em intenções de voto. No primeiro debate presidencial, realizado na noite deste domingo (28), a senadora Simone Tebet (MDB), que tem como vice a também senadora Mara Gabrilli (PSDB), foi a mais bem avaliada entre os participantes, de acordo com pesquisa Datafolha realizada com eleitores indecisos. O tema central do evento se tornou o respeito e políticas para as mulheres, depois de Bolsonaro atacar a jornalista Vera Magalhães.

Tanto Tebet e Gabrilli, que transitam por um espectro mais conservador, quanto as esquerdistas Vera Lúcia e Raquel Tremembé, do PSTU, buscaram o que seria inédita vitória de chapa 100% feminina. As eleições de outubro marcam também o maior número na história brasileira de candidatas ao Planalto: quatro, cifra que sobe para oito com as vices —além de Gabrilli e Tremembé, há também Ana Paula Matos, que disputa o pleito com Ciro Gomes (PDT), e Samara Martins, vice na chapa de Léo Péricles (UP). Haveria ainda uma nona candidata, Fátima Pérola Negra, que disputaria a Vice-Presidência pelo Pros. O partido, porém, trocou de comando e indicou apoio a Lula. A Justiça Eleitoral ainda dará a palavra final sobre a mudança. Em suas trajetórias, as postulantes relatam desafios, ceticismo e fogo amigo.

**Vera Lúcia (PSTU), candidata a presidente**

Militante do PSTU há quase 30 anos, Vera Lúcia, 54, disputou a eleição de 2018 em chapa 100% negra e nordestina —seu vice era o professor Hertz Dias. Ambos receberam 55.762 votos (0,05%). Nascida em Inajá (PE), é costureira de sapatos e formada em ciências sociais. Em 2004, fundou a Central Sindical e Popular. Antes de entrar no PSTU, militou no PT. Ela critica a possibilidade de o ex-partido voltar ao poder e contesta a chapa de Tebet, a quem chama de defensora dos interesses ruralistas. “Como pode uma mulher dessas corresponder a necessidades que são nossas? Somos vítimas inclusive da exploração e da opressão da classe que ela representa”, afirma. Vera Lúcia defende a legalização do aborto.

**Raquel Tremembé (PSTU), candidata a vice**

A pedagoga Raquel, ou Kunã Yporá, nasceu em Vargem Grande, no Maranhão. Ela pertence ao povo tremembé, da aldeia de São José de Ribamar, território que, afirma, é afetado por grilagem de terra e exploração ilegal. Ativista do movimento indígena, Raquel, 39, integra a Articulação da Teia e Povos de Comunidades Tradicionais do Maranhão e a Secretaria Executiva Nacional da Central Sindical e Popular (CSP)-Conlutas. A vice de Vera Lúcia cita como preocupação a mortalidade infantil e obstétrica, em especial entre indígenas. “Exis-

tem questões sanitárias indígenas, mal tem estrutura física. Quando tem um profissional, não é capacitado para essas especificidades. Temos uma diversidade de mais de 274 línguas”, afirma.

**Simone Tebet (MDB), candidata a presidente**

Tebet, 52, vem de uma família ligada à política. Seu pai, Ramez Tebet, ocupou diversos cargos públicos e foi presidente do Senado. Advogada e professora, foi prefeita, deputada estadual, vice-governadora de MS e senadora, posição na qual se tornou mais conhecida pelas participações na CPI da Covid. Enfrentou resistência interna, com alas do MDB apoiando outros candidatos e trabalhando para miná-la. Tebet foi líder da bancada feminina do Senado, mas enfrenta questionamentos por sua posição contrária ao aborto. Defende apenas as possibilidades de interrupção de gravidez já previstas em lei. Uma de suas promessas de campanha é montar um ministério com o mesmo número de homens e mulheres.

**Mara Gabrilli (PSDB), candidata a vice**

Gabrilli, 54, tem a vida pública ligada a uma tragédia pessoal: um acidente em 1994 a deixou tetraplégica. Publicitária de formação, tornou-se militante da defesa dos direitos das pessoas com deficiência. Gabrilli foi secretária municipal, deputada federal e agora atua como senadora. A princípio, Tasso Jereissati (PSDB-CE) era o favorito para o posto de vice na chapa, mas ele acabou recusando. “Aceitei a missão porque uma chapa com duas mulheres, uma delas com deficiência, tem muita representatividade e demonstra a transformação que queremos para o país”, disse Gabrilli. Em relação ao aborto, a senadora mantém posição semelhante à de sua companheira na disputa pelo Planalto,

“A gente tem debatido a extrema importância do protagonismo das mulheres na política e nos espaços de decisões porque, na prática, são elas que mais sentem as mazelas que a gente denuncia

**Samara Martins (UP) candidata a vice na chapa de Léo Péricles**

“Nós, mulheres, temos grandes exemplos para nos inspirar e o apoio da grande maioria dos homens conscientes quanto à importância de dividir o espaço com o público feminino para equilibrar o jogo

**Soraya Thronicke (União) candidata a presidente**



A senadora e candidata ao Planalto pelo MDB, Simone Tebet Adriano Vizoni - 16.ago.2022/Folhapress



Soraya Thronicke, líder da chapa presidencial do União Brasil Ronny Santos -2.ago.2022/Folhapress



Vera Lúcia, 54, militante do PSTU e nome do partido ao Palácio do Planalto PSTU/Divulgação



A economista paulistana Sofia Manzano, 51, presidenciável pelo PCB PCB no Facebook

mas defende uma discussão com olhar também sob o aspecto da saúde pública.

**Soraya Thronicke (União), candidata a presidente**

Soraya, 49, foi a última candidata a entrar na corrida presidencial. Ela era cotada para ser vice na chapa de Luciano Bivar, mas acabou se tornando o nome da União Brasil após a desistência do dirigente do partido. Advogada de formação, pertence à onda de políticos que surgiu nos protestos contra a então presidente Dilma Rousseff (PT). Aderiu ao bolsonarismo e acabou eleita senadora por Mato Grosso do Sul. Agora, concorrendo contra Bolsonaro, afirma que vai manter os mesmos valores conservadores nos costumes e liberais na economia, além da bandeira anticorrupção. “Nós, mulheres, temos grandes exemplos para nos inspirar e o apoio da grande maioria dos homens conscientes quanto à importância de dividir o espaço com o público feminino para equilibrar o jogo.” Soraya é contra o aborto.

**Sofia Manzano (PCB), candidata a presidente**

Filha de pais que estudaram na USP (Universidade de São Paulo) no final dos anos 1960, durante a ditadura militar, a paulistana Sofia Manzano foi criada em um sítio em Santa Isabel (SP) frequentado por ativistas que criticavam o regime de exceção e o capitalismo. Sofia, 51, não é uma estreante em eleições. Em 2014, ela, que milita no PCB há mais de três décadas, foi vice do corregilônário Mauro Iasi no pleito presidencial —a chapa recebeu 52.405 votos (0,05%). A economista afirma que, com exceção dela e de Vera Lúcia, “as outras candidatas estão muito mais se aproveitando do fato de serem mulheres do que pautando a luta feminista nas eleições”. Sofia defende a legalização do aborto pelo SUS (Sistema Único de Saúde).

**Ana Paula Matos (PDT), candidata a vice**

Nascida em Salvador (BA), a vice de Ciro é conhecida pelo trabalho social e pela devoção à Irmã Dulce, primeira santa brasileira. “Aos 7, servia na igreja. Meu pai era médico, e eu ajudava a entregar remédios e a organizar filas”, diz. Em 2020, tornou-se vice de Bruno Reis (União Brasil) na Prefeitura de Salvador. O programa da chapa propõe medidas para facilitar a inserção feminina no mercado de trabalho e prevê programas de microcrédito específico para mulheres. Sobre aborto, Ana Paula, 44, diz ser a favor da vida e avalia já haver legislação adequada para o tema. Defende, porém, discussões sobre acesso às políticas públicas de planejamento familiar.

**Samara Martins (UP), candidata a vice**

Nascida em Minas Gerais e moradora de Natal (RN), Samara começou sua militância no movimento secundarista. A candidata de 35 anos foi diretora de mulheres da UNE (União Nacional dos Estudantes) e concorreu como vereadora por Natal nas eleições de 2020, mas não se elegeu. Ela também é vice-presidente nacional do Unidade Popular e atua em movimentos feministas e de luta por moradia. “A gente tem debatido a extrema importância do protagonismo das mulheres na política e nos espaços de decisões porque, na prática, são elas que mais sentem as mazelas que a gente denuncia.” A vice de Léo Péricles diz ser central para a candidatura pensar principalmente nas mulheres negras. O programa de governo da chapa defende a descriminalização e a legalização do aborto e fala em acabar com a discriminação e a exploração sexual de mulheres.



# Bolsonaro responde com raiva sobre ter raiva de mulher, e Lula tropeça

## ANÁLISE

**Anna Virginia Balloussier**

**SÃO PAULO** Muitas eleitoras dormiram pensando na reincidência misógina de Jair Bolsonaro (PL), que acusou uma jornalista de dormir pensando nele quando ele topou com uma pergunta que não gostou.

“Você tem alguma paixão em mim”, disse o presidente no debate deste domingo (28) a Vera Magalhães, que levantou o tema da desinformação sobre vacinas por ele alimentada. “Você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro.”

A simpatia das 82 milhões de mulheres aptas a votar neste ano é do que as campanhas mais deveriam correr atrás neste pleito dominado por dois homens que, cada um ao seu modo, encarnam um boborento papel de cabra-macho no imaginário popular.

Tanto Bolsonaro quanto Lula (PT) tiveram momentos ruins quando a paridade de gênero entrou na conversa, mas o presidente foi mais infeliz. Bolsonaro já tem um histórico de falas machistas para desqualificar mulheres que o enfrentam — a deputada que “não merece ser estuprada porque é muito feia”, a repórter que queria “dar um furo a qualquer preço”. Alista é longa.

Em outro momento, Simone Tebet (MDB) disse que lhe faria uma pergunta “bem objetiva”: “Por que tanta raiva das mulheres?”. Sua equipe de redução de danos trabalhará dobrado após a reação raivosa de Bolsonaro.

“Chega de vitimismo” e “não fica aqui fazendo joguinho de mimimi” são frases prontas com apelo a quem já se ajoelha ao bolsonarismo, mas subtraem pontos com eleitoras ainda indecisas. E aí não há Michelle que consiga salvar a imagem do marido.

Os embates com a jornalista e a senadora já haviam garantido protagonismo à questão feminina no primeiro confronto entre presidenciáveis. Bolsonaro escolheu Ciro Gomes (PDT) para responder uma pergunta, ignorando as duas candidatas na roda. Queriar ter “um papo sobre mulher”, já que “defesa da mulher é uma obrigação nossa”.

O pedetista rebateu lembrando que o presidente chamou sua cacúla de “fraquejada” após quatro filhos homens. Bolsonaro disse que já havia se desculpado por isso e, “no tocante à questão da mulher”, resgatou uma declaração desastrosa que Ciro deu em 2002 — disse que Patrícia Pillar, sua então esposa, tinha o papel de dormir com ele.

Eram tempos em que tiradas machistas ainda eram atenuadas sob o rótulo de “gafe”, como aliás fez a própria **Folha** em reportagem na época. Demorou para o machismo ser chamado pelo nome.

Marta Suplicy chamou ao duelar com Paulo Maluf pela Prefeitura de São Paulo, em 2000. “A senhora fica quieta e para de dar palpite”, lhe disse o oponente num debate.

A discussão de gênero foi ganhando relevo, e ataques que ultrapassam a rivalidade elei-

toral e resvalam para a misoginia viraram um campo minado que as campanhas tentam a todo custo desarmar.

Ciro, por exemplo, referiu-se à própria fala como “uma infelicidade de alguém criado em ambiente machista” e disse que aprendeu a lição. Bolsonaro poderia dizer o mesmo?

Lula também está longe de ser um aluno exemplar. Questionado se assumiria o compromisso de preencher metade de sua Esplanada com mulheres, disse que indicaria "as pessoas que têm capacidade". Preferiu sair-se com esse argumento queridinho da turma da meritocracia, que parte da falsa premissa que todos nascem em pé de igualdade.

Uma mulher não vai votar em outra apenas pela camaradagem de gênero. Todo eleitor é um carrossel identitário, e é natural que pese posições que vão da social à religiosa. Tebet e Soraya Thronicke

(União Brasil) dificilmente se cacificarão eleitoralmente após o bate-boca com seus adversários homens, mas foram essenciais para colocar em evidência a pauta feminina.

Não só. Partiram das duas, alguns dos ataques mais incisivos contra o candidato que, segundo a emedebista, "tem raiva" de 52,5% do eleitorado.

Uma desafiadora Tebet disse não temer Bolsonaro, e a ex-bolsonarista Thronicke lamentou aqueles que são “tchutchuca com os homens, mas vêm pra cima da gente como tigrão”.

Se a intenção de Bolsonaro era acenar para mulheres, os principais jornais do país colocaram na manchete sua disposição em atacá-las. E, enquanto o debate transcorria, a pergunta "o que é feminista" subiu 800% nas buscas do Google. "Misoginia" teve uma alta de 2.650%. Quem procura, acha.

# Lula lidera com 44%, seguido de Bolsonaro, com 32%, afirma Ipec

No segundo turno o petista aparece com 50% das intenções de voto e o atual mandatário, com 37%

**RIO DE JANEIRO** O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) aparece à frente com 44% das intenções de voto contra o presidente Jair Bolsonaro (PL), que tem 32%, na disputa pela Presidência da República segundo pesquisa Ipec divulgada na noite desta segunda-feira (29).

Os resultados dos dois candidatos que vêm liderando os levantamentos de intenção de voto para as eleições de outubro são os mesmos da pesquisa anterior do instituto, realizada há duas semanas. Portanto a diferença entre eles permaneceu em 12 pontos percentuais.

Em seguida, aparecem o ex-ministro Ciro Gomes (PDT), com 7%, e a senadora Simone Tebet (MDB-MS), com 3%. Na outra pesquisa, feita nos dias 12 a 14 de agosto, os dois tinham 6% e 2% das intenções de voto, respectivamente.

O Ipec ouviu 2.000 brasileiros presencialmente em seus domicílios entre sexta-feira (26) e domingo (28). A pesquisa tem margem de erro de dois pontos percentuais, para mais ou para menos. O número do registro no TSE (Tribunal Superior Eleitoral)

ral) é BR-01979/2022.

As entrevistas, encomendadas pela TV Globo, foram finalizadas antes do primeiro debate presidencial destas eleições, organizado por Folha, UOL e TVs Bandeirantes e Cultura na noite do domingo.

Captaram, porém, os efeitos do início da propaganda eleitoral no rádio e na TV, liberada desde a última sexta-feira, e as entrevistas de Lula, Bolsonaro, Ciro e Tebet ao Jornal Nacional ao longo da semana passada.

Outro candidato que pontuou no primeiro turno nesta rodada foi Luiz Felipe D'Avila (Novo), com 1%. Os que pretendem votar em branco ou nulo somam agora 7% dos eleitores ouvidos, enquanto os que não sabem em quem votar para presidente são 6%, segundo o levantamento.

O empresário Eymael (DC), o ativista social Leonardo Péricles (UP), o coach e influenciador digital Pablo Marçal (Pros), o ex-deputado federal Roberto Jefferson (PTB), a professora Sofia Manzano (PCB), a senadora Soraya Thronicke (União Brasil) e a socióloga e líder sindical Vera Lú-

cia (PSTU) não pontuaram

Quando questionados sobre quem elegeriam no segundo turno, 50% dos entrevistados indicaram Lula e 37%, Bolsonaro. A diferença entre eles nessa questão variou de 16 para 13 pontos em relação à primeira pesquisa (dentro da margem de erro) quando os dois tinham 51% e 35%, respectivamente.

O levantamento também mostrou que 31% dos brasileiros consideram a gestão de Bolsonaro ótima ou boa (eram 29% há duas semanas). Outros 24% a veem como regular (eram 26%), 43% a acham ruim ou péssima (não mudou) e 2% não sabem ou não responderam.

Apontou ainda que 38% aprovam a maneira do presidente de governar, enquanto 57% a desaprovam. Na rodada anterior, a aprovação era de 37% e a reprovação, a mesma. Outros 5% não souberam responder.

O Ipec foi criado em fevereiro de 2021 por ex-executivos do Ibope Inteligência que encerrou suas atividades em janeiro daquele ano em razão do término de um acordo de licenciamento com a Kantar Group.

POLÍTICA • ECONOMIA • MUNDO • OPINIÃO • SAÚDE

# FOLHA DE S.PAULO

## Folha lança novo aplicativo com mais funcionalidades para o leitor

Mais rápido e fácil. O leitor recebe na palma de sua mão notícias em tempo real com toda a credibilidade da **Folha** e ainda com acesso à réplica da **Folha** impressa.

**NOVO APP FOLHA.  
CONECTA VOCÊ À  
INFORMAÇÃO EM  
TEMPO REAL**

- RÉPLICA DA EDIÇÃO IMPRESSA NO MESMO APP\*
- NAVEGAÇÃO MAIS FÁCIL, RÁPIDA E ÁGIL
- PERSONALIZAÇÃO DOS TEMAS DE NOTIFICAÇÃO
- NOTÍCIAS EM TEMPO REAL

**BAlXE E ASSINE.**  
**JÁ É ASSINANTE? ATUALIZE AGORA.**

\*DISPONÍVEL PARA ASSINANTES DA FOLHA DIGITAL PREMIUM E DA VERSÃO IMPRESSA.

**FOLHA**  
NÃO DÁ PRA NÃO LER.





O presidente do TSE, ministro Alexandre de Moraes, preside a sua primeira sessão na corte após a posse

Pedro Ladeira - 18.ago.22/Folhapress

# Moraes cita ‘potencial de financiamento’ de empresários ao autorizar operação

Ministro baseou determinação de busca e apreensão em reportagens sobre grupo de mensagens

Fabio Serapião e José Marques

BRASÍLIA O ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), determinou nesta segunda (29) a retirada do sigilo da decisão que ordenou ações contra empresários que participavam de um grupo de WhatsApp em que se defendeu golpe de Estado caso o ex-presidente Lula (PT) vença Jair Bolsonaro (PL) nas eleições de outubro. Na decisão, ele justificou que as condutas investigadas revelam “o potencial de financiamento de atividades digitais ilícitas e incitação à prática de atos antidemocráticos”. Como revelou a **Folha**, a determinação tinha como base reportagens jornalísticas sobre as conversas de teor golpista. A partir disso, a Polícia Federal, políticos e entidades solicitaram medidas contra os empresários bolsonaristas.

O ministro justifica que as determinações tinham relações com inquéritos que estão sob a sua responsabilidade no Supremo, como o das milícias digitais, o das fake news e o de ações violentas no 7 de Setembro do ano passado. Em nota após a liberação do conteúdo, o ministro disse que as reportagens “guardam estrita correlação com o rumo de investigações nos inquéritos”. São, segundo ele, “todas elas voltadas ao possível financiamento de notícias fraudulentas, discurso de ódio e de ataques orquestrados às instituições públicas, às urnas e a reforçar o discurso polarizado, provendo do descrédito dos Poderes da República; envolvendo, inclusive, alguns empresários que já estão sendo investigados desde 2019”. Moraes diz, na nota, que o material indica que empresários que participavam do grupo “Brasil 200 Empresa-

rial” também fazem parte do grupo de WhatsApp apontado nas reportagens, “em financiamento na produção e divulgação de notícias fraudulentas e na organização de atos antidemocráticos”. De acordo com o ministro, “não é possível ignorar as mensagens trocadas por um grupo de empresários que repetem o mesmo modus operandi ilícito verificado desde 2019, fomentando o ataque às instituições e ao próprio Estado democrático de Direito”. Para sustentar sua tese, Moraes mandou o juiz instrutor de seu gabinete produzir um relatório com o arrazoado de fatos antigos sobre financiamento de atos antidemocráticos coletados nos inquéritos de sua relatoria. Não são citados, porém, trechos e informações desse relatório na sua decisão. A PF afirmou que as medidas eram necessárias para

dissuadir intenções de ataques às instituições, que têm “risco de gerar ações violentas por adesão de voluntários, considerando o meio em que se praticam os atos (aplicativos de comunicação) e a nítida intenção de ação de cooperação de pessoas em razão do poder econômico do mencionado grupo”. “Como é sabido, mensagens de apoio a atos violentos, ruptura do Estado democrático de direito, ataques ou ameaças contra pessoas politicamente expostas têm um grande potencial de propagação entre os apoiadores mais radicais da ideologia dita conservadora, principalmente considerando o ingrediente do poder econômico e político que envolvem as pessoas integrantes do grupo”, diz o pedido da PF, assinado pelo delegado Fábio Alvarez Shor. “Além disso, tais mensagens demonstram a intenção, bem

“ Não é possível ignorar as mensagens trocadas por um grupo de empresários que repetem o mesmo modus operandi ilícito verificado desde 2019, fomentando o ataque às instituições e ao próprio Estado democrático de Direito

Alexandre de Moraes ministro do STF, na decisão em que autorizou operação contra empresários bolsonaristas

como apresentam a potencialidade de instigar uma parcela da população que, por afinidade ideológica e/ou por subordinação trabalhista (funcionários dos empresários), é constantemente utilizada para impulsionar o extremismo do discurso de polarização e antagonismo, por meios ilegais”, acrescenta. Moraes concordou com os argumentos do delegado e disse, em sua decisão, que “nesse contexto, não há dúvidas de que as condutas dos investigados indicam possibilidade de atentados contra a Democracia e o Estado de Direito, utilizando-se do modus operandi de esquemas de divulgação em massa nas redes sociais, com o intuito de lesar ou expor a perigo de lesão a independência do Poder Judiciário, o Estado de Direito e a Democracia”. As ações solicitadas tinham o objetivo de investigar e paralisar imediatamente qualquer eventual tipo de financiamento em andamento de ações antidemocráticas. As conversas entre os empresários foram reveladas pelo site Metrôpolis. Após a divulgação das mensagens, participantes do grupo negaram intenção golpista. Moraes destaca uma fala do empresário José Koury feita no grupo privado, que afirmou: “Alguém aqui no grupo deu uma ótima ideia, mas temos que ver se não é proibido. Dar um bônus em dinheiro ou um prêmio legal pra todos os funcionários das nossas empresas”. “Posteriormente, o mesmo empresário teria afirmado que iria encomendar ‘milhares de bandeirinhas para distribuir para os lojistas e clientes do Barra World Shopping a partir de setembro”, diz Moraes. Segundo o ministro, havia indícios de incitação ao crime, associação criminosa, abolição violenta do Estado democrático de Direito e golpe de Estado. Em sua decisão, Moraes também determinou que os empresários sejam ouvidos pela Polícia Federal e o bloqueio de suas contas em redes sociais, além de quebras de sigilo bancário e telemático. Nos últimos meses, Moraes tem procurado se antecipar a possíveis ataques às instituições organizados por manifestantes e estimulados pelo presidente Jair Bolsonaro durante as comemorações do 7 de Setembro. É o caso da determinação da prisão, em julho, do suplente de vereador de Belo Horizonte Ivan Rejane Boa Pinto, o Terapeuta Papo Reto. Ele falava em “caçar” e “pendurar de cabeça para baixo” políticos de esquerda, como o ex-presidente Lula (PT) e o deputado Marcelo Freixo (PSB), além de ministros do STF.

# Ato de Bolsonaro no 7/9 terá 8 horas de Forças Armadas no RJ

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO As Forças Armadas prepararam uma programação de oito horas para a comemoração do dia 7 de Setembro na praia de Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro, a ser encerrada com um ato com a presença do presidente Jair Bolsonaro (PL). A programação prevê inclusive salto de paraquedistas na areia de praia, 29 salvas de canhão a partir do Forte de Copacabana, além da parada com navios militares e a apresentação da Esquadilha da Fumaça, já divulgadas. Bolsonaro quer transformar a comemoração pelos 200 anos da Independência em Copacabana num ato de demonstração de apoio popular. Ele exigiu a mudança do ato no Rio de Janeiro do centro, onde tradicionalmente é feito, para a orla da zona sul, ponto mais comum das manifestações políticas a seu favor na cidade.

A programação começa às 8h, com a primeira salva de canhão do Forte de Copacabana —ela se repetirá a cada hora até as 16h, quando serão disparados 21 tiros do quartel. A parada naval, com número de navios ainda não divulgado, começará às 9h na Barra da Tijuca e tem chegada prevista em Copacabana às 13h. A esquadilha Fox, composta por três aeronaves privadas, fará uma apresentação de cerca de 50 minutos a partir das 14h. Neste mesmo horário, o presidente sobrevoará de helicóptero a motocia organizada por apoiadores, que sairá do Monumento dos Pracinhas, no Flamengo, até a praia de Copacabana. Ele chegará às 15h na orla, mesmo horário do salto dos paraquedistas do Exército. Haverá ainda apresentação de uma banda da Marinha, seguida da Esquadilha da Fumaça. O ato se encerrará com os 21 tiros de canhão do Forte de Copacabana.



Manifestantes em ato a favor de Jair Bolsonaro, em Copacabana

Italo Nogueira - 7.set.21/Folhapress

Bolsonaro estará num palco com autoridades na orla, esquina com rua Rainha Elizabeth, próxima ao Forte. Não se sabe se ele discursará, mas haverá equipamentos para eventual fala do presidente. A ala política do Palácio do Planalto vinha tentando esfriar os ânimos do presidente em relação ao ato de Copacabana, onde há previsão de maior carga política. Bolsonaro sempre demonstrou interesse em que o ato fosse de grandes proporções, a fim de demonstrar apoio popular. Contudo, chegou a sinalizar que não discursaria, a fim de não repetir o confronto gerado no Dia da Independência no ano passado, quando chamou o ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal) de canalha. A autorização pelo ministro de busca e apreensão contra empresários bolsonaristas, contudo, acirrou os ânimos. O comportamento do presidente para o ato ainda é imprevisível.





Militar ucraniano examina cratera causada por míssil russo em ataque a Kharkiv

Serguei Bobkov/AFP

# Ucrânia diz ter enfim lançado sua 1ª contraofensiva desde a invasão

Relatos ainda são escassos e há dúvidas sobre real capacidade de Kiev de avançar no sul do país

## GUERRA DA UCRÂNIA

Igor Gielow

**SÃO PAULO** Sob grande ceticismo de observadores militares, o governo da Ucrânia afirmou ter iniciado nesta segunda-feira (29) sua primeira contraofensiva para tentar retomar áreas no sul do país ocupadas desde março pela Rússia. Os detalhes ainda são escassos. “Nós começamos ações ofensivas em várias direções, inclusive na região de Kherson”, afirmou a porta-voz do Comando Militar do Sul do país, Natalia Humeniuk. O site público Suspilne mostrou imagens do que seria o bombardeio em Mikolaiv, o ponto em que as forças russas pararam seu avanço rumo a Odessa, o principal porto do país que está sob bloqueio parcial, com exceção da saída de alguns navios com grãos. Mais tarde, o Ministério da Defesa russo disse que rechaçou ataques em Mikolaiv e outros pontos de Kherson. Analistas militares em Moscou afirmam que só será possível aferir a situação a partir de terça (30).

Kiev passou as últimas cinco semanas ensaiando o ataque por terra, após uma série bem-sucedida de bombardeios com artilharia de precisão americana de alvos logísticos russos, como depósitos de munição distantes da linha de frente da guerra. Pontes sobre o rio Dnieper, que separa a capital homônima do resto de Kherson, também foram atingidas.

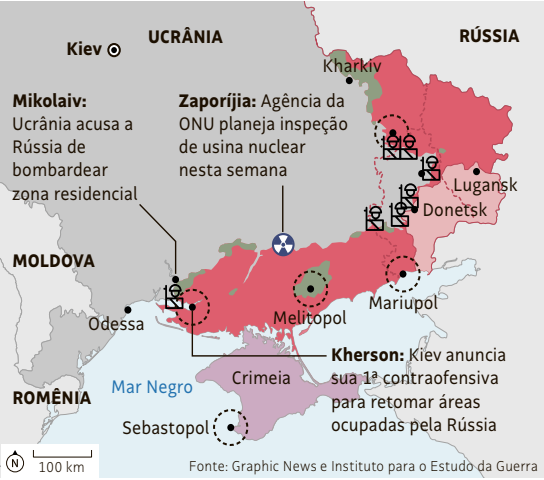
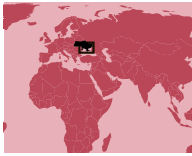
### Zelenski acusa Rússia de terrorismo econômico

O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, acusou a Rússia de praticar terrorismo econômico com a Europa, que enfrenta uma grave alta nos custos da energia e risco de racionamento. “[Moscou] está exercendo pressão com a crise de preços, com a pobreza, para enfraquecer a Europa”, disse, nesta segunda-feira (29).

Isso irritou o Kremlin, que acusou o envolvimento dos EUA no conflito, o que Washington nega por temer a Terceira Guerra Mundial. A situação da cidade de Kherson ficou mais vulnerável, mas mesmo autoridades militares ucranianas afirmaram sob reserva não dispor de forças para tomá-la. Isso levou a um impasse, pois o presidente Volodimir Zelenski e seus aliados crescentemente pressionaram por resultados de sua área militar. Nesta segunda, ele fez mistério e disse que “nenhuma autoridade séria” falará sobre os seus planos de guerra. O temor deles é óbvio: a demora fez com que os russos reforçassem suas posições no sul, apesar dos ataques, e o inverno está chegando. A temporada promete ser de crise acentuada, já que a disputa reduziu a quantidade de gás russo para países europeus, que impõem sanções a Moscou. Com isso, casas podem ficar sem aquecimento não só na Ucrânia, mas em toda a Europa, reduzindo o apoio de governos a Kiev.

## 187º dia de incursões da Rússia na Ucrânia

- Reivindicado por separatistas, mas sob domínio da Ucrânia
- Controlado por separatistas e reconhecido como independente por Moscou
- Ocupado por tropas russas
- Cidades tomadas pela Rússia
- Contra-ataque ucraniano
- Anexada pela Rússia em 2014
- Combates intensos



# Irã avançou em enriquecimento de urânio, diz relatório

**VIENA E TEERÃ | REUTERS** Envoltos em indefinição quanto à retomada de seu acordo nuclear de 2015 com os EUA, o Irã começou a atualizar seu programa de enriquecimento de urânio. A informação é de um relatório do órgão de vigilância nuclear da ONU, a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), obtido na segunda (29) pela agência Reuters. Segundo o documento, há mais de um ano um de três conjuntos de centrífugas IR-6 instaladas no complexo nuclear de Natanz enriquece urânio em um nível de até 60% de pureza. O IR-6 é o modelo de centrífuga mais avançado do mercado — segundo o acordo de 2015, o único modelo que o Irã poderia usar para esse fim

é o IR-1, de primeira geração. Um dos outros dois conjuntos instalados em Natanz passa por um processo anterior ao enriquecimento de urânio. E o outro ainda foi alimentado com material nuclear. No relatório a que a Reuters teve acesso, dirigido aos Estados-membros da ONU, a agência relata que novas observações do tipo foram feitas na planta neste domingo (28). De acordo com o documento, avanços nesse sentido acontecem em outros locais além de Natanz. Um outro conjunto de centrífugas teria começado a enriquecer urânio em um nível de 20% numa planta nuclear incrustada numa montanha em Fordow. Natanz e For-

dow ficam, respectivamente, a cerca de quatro e duas horas de carro da capital, Teerã. Nesta segunda-feira, o presidente iraniano, Ebrahim Raisi, criticou o relatório da agência das Nações Unidas, dizendo que ele põe em suspensão as discussões sobre o tratado nuclear. “Todos os temas [relacionados à AIEA] devem ser resolvidos. Se não forem, não faz sentido falar do acordo”, disse, em entrevista coletiva. O Irã já pediu diversas vezes que o órgão encerre suas investigações no país, mas o diretor-geral Rafael Grossi reforçou na semana passada, em entrevista à rede CNN, que não tinha essa intenção. O tratado assinado por Irã e EUA em 2015 estabelecia uma

série de limites às atividades nucleares iranianas em troca do fim das sanções americanas à nação do Oriente Médio. O acordo, que teria validade até 2031, foi rompido pela gestão de Donald Trump em 2018, ao que o Irã respondeu desobedecendo uma a uma as restrições anteriormente impostas. No ano passado, pouco depois da posse de Joe Biden, Teerã e Washington voltaram a conversar sobre o tratado. Houve mais um ano de negociações indiretas, até que, no mês passado, a União Europeia agiu na mediação de conversas para tentar fazer com que os dois lados cheguem a um meio-termo. Entre os principais empecilhos travando as conver-

sas estavam exigências como a de que os EUA encerrassem sanções contra a Guarda Revolucionária, a força de segurança de elite do país. Os americanos designam o grupo como uma organização terrorista internacional. O Irã disse recentemente que em breve responderá aos comentários americanos sobre a versão mais atualizada do tratado. O novo acordo põe um limite de pureza do enriquecimento de urânio em 3,67%. Isso significa que o Teerã teria que voltar atrás em boa parte do enriquecimento que vem promovendo. Potências ocidentais temem que o Irã esteja construindo bombas nucleares. O país nega essa intenção, mas em ju-

O problema para Zelenski é que o tempo está do lado de Putin, que apesar de ver a economia atingida pelas punições, tem sobrevivido politicamente a elas e possui maiores reservas. Um sinal da estratégia de prolongamento do conflito foi o anúncio de que as Forças Armadas russas terão cerca de 10% a mais de soldados a partir de 2023. Mesmo o grande exercício militar anual russo, que ocorre de forma escalonada a cada edição por 4 dos 5 comandos do país, foi reduzido. O Vostok (Leste) começa na quinta-feira (1º) com cerca de 50 mil homens, ante 300 mil de sua edição anterior, de 2018. Em 2021, no oeste com a Belarus, foram 200 mil soldados. O Vostok, que segundo analistas só deverá na realidade mobilizar de 15 mil a 20 mil soldados, assim chama mais a atenção pela constante presença de aliados, notadamente a China, agora no contexto de uma Guerra Fria 2.º tornada quente na Europa por Putin. Inicialmente ele estava marcado para começar nesta terça (30), mas o Ministério da Defesa anunciou a nova data sem dar explicações. Essas restrições refletem as dificuldades russas até aqui, mas também a posição de força de Putin. Na primeira etapa da guerra, o ataque por várias frentes há seis meses, o Kremlin fracassou em tomar Kiev de supetão, mas penetrou bastante o sul ucraniano. Na segunda, iniciada em abril, focou suas forças no Donbass, o leste do país cuja autonomia de áreas russófonas foi uma das justificativas centrais para a invasão — que buscava estabelecer um controle de Putin sobre todo o país, com ou sem ocupação, num desafio ao que é percebido como ameaça da Otan, aliança militar ocidental que se expandiu a leste. O russo ali teve mais sucesso, de forma bastante lenta e sangrenta. Conquistou a província de Lugansk e avançou no restante que ainda não controla da de Donetsk, mas num atrito tão intenso que o último ganho territorial importante ocorreu em junho. Mas consolidou um corredor terrestre entre o Donbass e a Crimeia, anexada em 2014. No fim de julho, uma nova etapa do conflito se desenhou com ataques renovados de Moscou e a ação ucraniana com armas ocidentais, que prenunciava uma contraofensiva que agora diz estar em curso. Houve também ataques pontuais em áreas da Crimeia, de efeito mais psicológico. Há dúvidas acerca da capacidade de Kiev de, por exemplo, tomar e reocupar Kherson, mas os dias dirão. Para Putin, a curva de aprendizado com os erros táticos até aqui se mostrou ambígua. Seu poder político segue inabalado, apesar dos problemas da campanha. Um novo foco de atrito é a usina nuclear de Zaporíjia, ocupada pelos russos e que será visitada pela ONU para averiguar as denúncias de risco de acidente.



# Chile convoca embaixador após Bolsonaro acusar Boric

Em debate na TV, presidente afirmou que chileno agiu para ‘queimar metrô’s

## ELEIÇÕES 2022

SÃO PAULO O Chile convocou nesta segunda-feira (29) para consultas o embaixador do Brasil em Santiago, Paulo Roberto Soares Pacheco, em protesto por declarações do presidente Jair Bolsonaro (PL) contra seu homólogo chileno, Gabriel Boric. Em debate na noite deste domingo (28), organizado por Folha, UOL e TVs Bandeirantes e Cultura, o atual presidente acusou Boric de “queimar metrô’s” em protestos. A fala foi feita nas considerações finais de Bolsonaro, em que ele atacou líderes de esquerda da América Latina para defender sua reeleição —vitórias eleitorais recentes desse campo aumentaram o isolamento regional do brasileiro.

Bolsonaro começou elencando críticas à ditadura na Venezuela e ao atual presidente argentino, Alberto Fernández. “Olha para onde está indo a economia da nossa Argentina”, disse, acrescentando que 40% da população do país vizinho vive “na linha da miséria” —estatísticas oficiais indicam 37,3% dos argentinos abaixo da linha da pobreza e 8,2%, da linha da indigência. As citações foram feitas como forma de atingir seu principal adversário, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que hoje lidera as pesquisas e tem proximidade com esses políticos de esquerda. “Lula também apoiou o presidente do Chile [Boric], o mesmo que praticava atos de tacar fogo em metrô’s lá no Chile.

Para onde está indo nosso Chile?”, continuou Bolsonaro. Por fim, ele estendeu a crítica ao colombiano Gustavo Petro, a quem acusou de querer “liberar as drogas e soltar presos” —ele assumiu prometendo uma mudança no paradigma da guerra ao narcotráfico—, e ao nicaraguense, Daniel Ortega, mencionando a perseguição religiosa promovida pela ditadura. A menção a Boric irritou a diplomacia chilena. “Consideramos essas acusações gravíssimas. Obviamente são absolutamente falsas e lamentamos que em um contexto eleitoral as relações bilaterais sejam aproveitadas e polarizadas por meio da desinformação e das notícias falsas”, disse a ministra das Relações

“Consideramos essas acusações gravíssimas. [...] Lamentamos que em um contexto eleitoral as relações bilaterais sejam aproveitadas e polarizadas por meio da desinformação e das notícias falsas

Antonia Urrejola  
ministra das Relações Exteriores do Chile

Exteriores, Antonia Urrejola. “Convocamos o embaixador brasileiro nesta tarde na chancelaria em nome do secretário-geral de política externa, onde lhe enviaremos uma nota de protesto.” “O uso político da relação bilateral com fins eleitorais, com base em mentiras, desinformação e tergiversação, erode não apenas o vínculo entre nossos países como também a democracia”, disse Urrejola, que visitou o Brasil quando atuava no Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos. Boric, o mais jovem presidente do Chile, começou na política no movimento estudantil e é o rosto mais conhecido dos jovens que lideraram os protestos pela gratuidade do ensino universitário em 2011. Em outra onda de manifestações, em outubro de 2019, o já deputado Boric foi um dos líderes responsáveis pelo acordo que abriu as portas para o plebiscito da Constituinte. Nos protestos, muitas estações de metrô da capital Santiago foram vandalizadas. As chancelarias da Argentina e da Colômbia não responderam às declarações de Bolsonaro contra Fernández e Petro.

Três chefes de Estado confirmam presença no 7 de Setembro

## INDEPENDÊNCIA, 200

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA As comemorações do Bicentenário da Independência em Brasília devem ter a participação dos presidentes de Portugal, da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Segundo o Itamaraty, os governos dos três países confirmaram a viagem de seus representantes para o 7 de Setembro. O Ministério das Relações Exteriores informou que foram convidados os chefes de Estado de todos os países ex-colônias de Portugal, mas os governantes de Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Timor Leste não confirmaram presença até aqui. O convite se deu como parte das celebrações dos 200 anos da Independência. O principal evento do feriado será um desfile cívico-militar na Esplanada dos Ministérios, ao qual devem comparecer os representantes estrangeiros.



Manifestantes favoráveis ao clérigo xiita Moqtada al-Sadr protestam em frente à sede do governo, na Zona Verde de Bagdá

Ahmad al-Rubaye/AFP

# Crise no Iraque tem dia com 15 mortes, invasão de palácio e aposentadoria de clérigo xiita

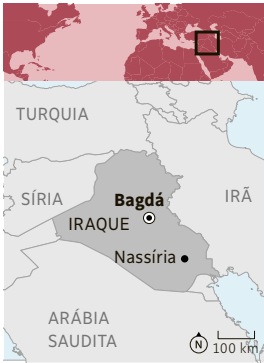
BAGDÁ | REUTERS E AFP Poderoso clérigo muçulmano xiita do Iraque, Moqtada al-Sadr anunciou nesta segunda (29) sua aposentadoria definitiva da política e o fechamento dos escritórios de seu partido, mais votado das últimas eleições. As ações se deram em resposta a um impasse que já dura dez meses e deu ao Iraque seu período mais longo sem um governo estabelecido. A reação dos apoiadores do religioso foi imediata —dezenas de pessoas invadiram a sede do governo e mergulharam na piscina. O Palácio Republicano fica na Zona Verde de Bagdá, região de ministérios e missões estrangeiras que já vinha sendo ocupada há semanas por grupos de manifestantes pró-Sadr. Os manifestantes usaram

cordas para derrubar barreiras de concreto que protegiam os portões, ocuparam as luxuosas salas do palácio e gritaram palavras de ordem em apoio ao clérigo. Do lado de fora da Zona Verde, a confusão se agravou: jovens leais a Sadr entraram em conflito com grupos xiitas ligados ao Irã e jogaram pedras uns nos outros. Também foram ouvidos tiros e disparos de artilharia de longo alcance, segundo relatos de testemunhas a agências de notícias internacionais. O saldo foi de ao menos 15 pessoas mortas e 270 feridas. Diante desse cenário, Sadr anunciou que faria uma greve de fome até a violência cessar. Seu gabinete, contudo, não se pronunciou sobre o assunto. O governo dos Estados Uni-

dos descreveu o cenário como inquietante e pediu calma e diálogo. A missão da ONU no Iraque, sediada na Zona Verde, pediu aos manifestantes moderação máxima. Após a invasão do prédio, Mustafa al-Kadhimi, o primeiro-ministro interino aliado de Sadr, suspendeu as reuniões do governo. O Exército decretou um toque de recolher no país todo a partir do fim do dia e pediu que os manifestantes deixassem a Zona Verde para evitar mais confrontos. Sadr é uma das únicas pessoas no Iraque —além do aiatolá Ali al-Sistani, grande autoridade religiosa xiita— capaz de mobilizar grandes massas. Tem milhões de seguidores, uma milícia e um império financeiro. Ele não detalhou o fechamento de seus

escritórios, mas disse que as instituições culturais e religiosas permanecerão abertas. Sadr não consegue montar um governo desde outubro do ano passado, quando seu partido venceu as eleições sem obter maioria absoluta no Parlamento. Em junho, ele retirou todos os seus representantes do Parlamento após não conseguir excluir seus rivais —apoiados por Teerã— das negociações. No meio da crise, insistiu na dissolução do Parlamento e em eleições antecipadas. Ele diz que nenhum político que está no poder desde a invasão do país pelos Estados Unidos, em 2003, pode ocupar o cargo. Sadr galvanizou sua legião de apoiadores nos últimos meses, desorganizando o esforço do Iraque para se recupe-

## Raio-X do Iraque



Área: 435.052 km² (se fosse um estado brasileiro, seria o 6º maior)

População: 41.179.351

PIB: US\$ 207,9 bi (do Brasil é US\$ 1,6 tri)

IDH: 0,674; 123º (do Brasil é 0,765; 84º)

Fontes: Banco Mundial e ONU

rar de décadas de conflito e de sanções econômicas estrangeiras. No último dia 30, seus apoiadores invadiram o Parlamento, em dias de manifestações que deixaram 125 feridos. “Eu anuncio minha retirada final”, disse Sadr em comunicado publicado em sua conta no Twitter nesta segunda, criticando outros líderes políticos xiitas por não atenderem a seus pedidos de reforma. Esta não é a primeira vez que o líder se retira da política. Ele já havia abandonado o governo no passado e dissolvido milícias leais a ele, mas depois acabava retornando à vida pública. A diferença agora é que o atual impasse político parece mais difícil de resolver do que os anteriores. Como no caso de outros líderes populistas ao redor do mundo, o discurso de Sadr é marcado por contradições. Apesar de criticar o sistema, ele se beneficia do Estado —e seus seguidores ocupam cargos no governo.



# Plano de Lula promete R\$ 150 a mais por criança na volta do Bolsa Família

Proposta anunciada em nova ofensiva eleitoral nas redes sociais corrigiria distorção do Auxílio Brasil

Julia Chaib e  
Idiana Tomazelli

BRASÍLIA A campanha do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) anunciou que o petista pretende pagar uma parcela adicional de R\$ 150 por criança de até seis anos beneficiária do programa Auxílio Brasil —que voltaria a se chamar Bolsa Família.

O valor se somaria ao piso de R\$ 600, que Lula já disse que pretende manter. Hoje, o benefício permanente do programa é de ao menos R\$ 400, e os outros R\$ 200 têm prazo de validade até o fim deste ano.

O plano foi divulgado pela página Lulaverso no Twitter, administrada pela campanha, e confirmado por integrantes da equipe. Nesta segunda (29), as propostas também foram incluídas na página oficial de Lula na internet.

A publicação é o início de uma ofensiva para divulgar esta e outras propostas que serão levadas ao horário eleitoral e devem ser incorporadas ao discurso do ex-presidente.

Em julho, cerca de 8,8 milhões de crianças entre zero e seis anos eram alcançadas pelo programa de transferência de renda. Com a inclusão de novas famílias em agosto, esse número deve ultrapassar 9 milhões —público-alvo da nova parcela prometida por Lula.

Integrantes da campanha dizem que mais detalhes sobre a proposta, como início do pagamento, ainda não estão fechados.

O custo da nova parcela também não foi especificado por membros da equipe. Mas, multiplicando o público potencial de 9 milhões de crianças pelo pagamento adicional de R\$ 150 mensais, o custo poderia chegar a R\$ 16,2 bilhões em um ano.

O Lulaverso, que reúne canais de WhatsApp, Telegram, Instagram, Twitter e TikTok, foi criado pela comunicação de Lula numa tentativa de ganhar espaço nas redes.

Em uma sucessão de publicações no domingo (28), a página anunciou seis propostas que constarão no programa de governo petista, uma delas o incremento no programa social, citado pelo nome que ficou gravado como marca das gestões do partido.

“O Lulinha vai garantir o Bolsa Família de R\$ 600 com adicional de R\$ 150 por criança de até 6 anos”, diz o texto.

O perfil também anuncia o programa voltado à renegociação de dívidas da população, chamado “Desenrola Brasil”, como mostrou a **Folha**.

O pagamento de um benefício por criança busca resolver um problema identificado por economistas que assessoram Lula: a desigualdade de tratamento entre beneficiários do programa de transferência de renda.

A fixação de um valor mínimo por família, aprovada no governo Bolsonaro, ocorre independentemente do número de integrantes ou do grau

de pobreza, o que contribui para criar distorções.

Famílias com maior número de crianças, por exemplo, acabam recebendo um valor por pessoa menor do que é pago a beneficiários sem filhos.

Dentro da campanha petista, avalia-se que será necessário mexer no desenho do programa para consertar esse tipo de problema.

Ao mesmo tempo, a promessa tem potencial para reforçar a imagem de Lula no eleitoralado de menor renda, público que já lhe dá vantagem em número de votos, mas

“

Um homem solteiro [hoje no Auxílio Brasil] ganha R\$ 600, uma mãe com quatro filhos ganha os mesmos R\$ 600

Guilherme Mello  
economista e colaborador do programa do PT

que é alvo também do presidente Jair Bolsonaro (PL).

A equeipe do petista pretende impulsionar esse anúncio nas redes sociais, ambiente em que esse tema costuma reverberar.

Inicialmente, a publicação foi feita apenas no Lulaverso, cujo perfil no Twitter tem 33,9 mil seguidores —bem menos que os 4,1 milhões do perfil oficial de Lula, onde a publicação sobre o adicional às crianças do Bolsa Família não surgiu. A proposta foi incluída no site oficial da campanha.

Antes da divulgação do plano de uma parcela extra, o economista Guilherme Mello, coordenador do Napp (Núcleo de Acompanhamento de Políticas Públicas) Economia da Fundação Perseu Abramo e que tem colaborado para a elaboração do programa do PT, disse à reportagem que o formato atual do Auxílio Brasil é “mal desenhado”.

“Um homem solteiro ganha R\$ 600, uma mãe com quatro filhos ganha os mesmos R\$ 600”, criticou Mello. Ele ressaltou que há, dentro da campanha, um grupo dedicado à discussão do programa social. “A gente sabe que as crianças sofrem muito com a pobreza, então tem que ter uma atenção especial para isso”, disse.

O ex-governador do Piauí Wellington Dias, um dos coordenadores da campanha de Lula, afirmou que o novo desenho busca dar ênfase à proteção das crianças, dentro do conceito de assistência às famílias de menor renda.

Além disso, segundo Dias, a ideia é retomar as condicionalidades do programa social, que exigem das famílias a comprovação de frequência escolar de crianças e jovens, o acompanhamento médico de gestantes e a carteira de vacinação em dia.

Pesquisadores não ligados à campanha também criticam o desenho do programa, apontando por exemplo que ele é prejudicial ao Cadastro Único, base de dados criada em 2001 e que virou referência para identificar quem são e onde estão os brasileiros em situação de pobreza e extrema pobreza.

A oferta de um valor mínimo por família, dizem, incentivou a divisão dos cadastros na expectativa de receber o benefício em dobro, o que é chamado de “estratégia de sobrevivência”.

Debate entre candidatos tem frases de efeito e despreparo na economia

## ANÁLISE

Alexa Salomão

BRASÍLIA A nova dinâmica política no Brasil, marcada pela troca de farpas e frases de efeito em redes sociais, parece ter afetado o traquejo político para discussões mais robustas, que exigem agilidade para argumentar.

No debate entre candidatos neste domingo (28), os presidencialistas abusaram do discurso pré-fabricado e mostraram falta de habilidade para tratar de temas econômicos com a seriedade que exigem. Os deslizos foram primários.

Na tentativa de engatar a discussão da corrupção com a economia, o presidente Jair Bolsonaro (PL) chegou a dizer que não falta dinheiro no seu governo porque não há roubalheira. Não há relação de causa e efeito entre as questões, e a restrição orçamentária é uma realidade estrutural do Estado brasileiro, que afeta todos os governos.

Bolsonaro também se atrapalhou na hora de tentar se defender do aumento da fome no seu governo e mostrou desconhecimento sobre a inflação.

Há muito a rebater sobre a condução do Auxílio Brasil na gestão bolsanarista, mas Luiz Inácio Lula da Silva (PT) se limitou a dizer que um benefício de R\$ 600 não está previsto na LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias) de 2023.

A ponderação pode mostrar a falta de disposição do governo de prorrogar o benefício, mas Lula deve saber que esse é um dispositivo que pode ser alterado com certa facilidade.

Ciro Gomes (PDT) insistiu em criticar o modelo econômico que transfere bilhões de juros para o setor financeiro. Uma frase repetida em todas as campanhas desde a redemocratização nos anos de 1980.

O candidato fala do pagamento de juros dos títulos públicos do governo. Essa é uma dívida que o Estado faz para se financiar, cujos juros refletem a maior ou a menor confiança no governo da vez. Funciona assim em todos os mercados financeiros maduros.

Felipe D’Ávila (Novo) afirmou mais de uma vez que o Brasil não cresce há 20 anos. Cresce. Cresceu 7,5% em 2010. Mas cresce devagar e patina desde a recessão, sem sinais de reviravolta no cenário.

Um dos motivos para o crescimento modorrento é a baixa produtividade do trabalho, uma questão obscura para a maioria e que tem relação com a qualidade da educação no Brasil.

Ninguém deu muita importância quando a bola do ensino foi levantada. Simone Tebet (MDB) disse que vai acabar com a fome porque os preços vão baixar no seu governo. É uma declaração dúbia, que abre margem para dúvidas na cabeça do eleitor.

A candidata fala em controle de preços? O Brasil vive uma economia de mercado e não há mecanismos saudáveis de intervenção nos preços. Qualquer tentativa nesse sentido leva ao efeito contrário, desabastecimento e alta de preços.

A economia, disse Soraya Thronicke (União Brasil), é a base de seu programa de governo. O debate terminou sem que o eleitor soubesse um item sobre o tema dessa agenda.



O ex-presidente Lula em evento em São Paulo nesta segunda (29) Miguel Schincariol/AFP

# Alckmin fala contra privatizar Petrobras, Caixa e BB

Douglas Gavras

SÃO PAULO Para uma plateia de empresários do setor de infraestrutura, o ex-governador Geraldo Alckmin (PSB) afirmou que Petrobras, Caixa e Banco do Brasil não serão privatizadas em um eventual novo governo do PT.

Vice na chapa de Lula, Alckmin representou o petista em um evento organizado pela Abdib (Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base) nesta segunda-feira (29), em São Paulo.

A fala foi recebida sem muito entusiasmo pela plateia. Questionado sobre ativos importantes, como Petrobras, Caixa e BB, serem sempre citados como possíveis projetos de privatização, o candidato falou sobre o que poderia ser privatizado, caso Lula volte ao Planalto.

“Empresas que são grandes estatais federais são essas três, Banco do Brasil, Cai-

xa Econômica Federal e Petrobras, praticamente. As restantes são empresas menores. Se pegarmos as três grandes empresas, não é prioridade privatizar nenhuma [delas]. Já temos bancos de menos, se for reduzir ainda mais... O que precisamos é reduzir o custo do dinheiro.”

Ainda assim, Alckmin não deixou de criticar outras empresas estatais. “O Brasil tem uma coisa esquisita, e os estados também têm: empresa dependente do Tesouro. Elas deveriam ser autarquias. Se a empresa não tem recursos próprios para se manter, que empresa é essa?”, questionou.

O movimento lembra mais o Alckmin que usou uma jaqueta bege com os emblemas do Banco do Brasil, Caixa, Petrobras e Correios — quando concorria à Presidência, em 2006, contra Lula, que o tachou à época de privatista — e o recuo feito por ele em 2018, ao também descartar a ven-

da dos dois bancos públicos e a exploração de petróleo em águas profundas, do que o legado de privatizações dos governos do PSDB, sigla pela qual o ex-governador concorreu até as últimas eleições.

O político, que tem funcionado como ponte entre Lula e os empresários, manteve uma estratégia pela qual ficou conhecido: relembrar histórias da época em que foi prefeito de Pindamonhangaba (SP) e o período em que ocupou o Palácio dos Bandeirantes.

Ele, que se apresentou aos empresários como um “copiloto” de Lula, também não deixou de costurar exemplos de obras suas como governador com o que considera avanços dos governos petistas, como um melhor desenho dos modelos de concessões.

Também defendeu a retomada de investimentos públicos e disse que, para isso, o Brasil precisa sinalizar para o mundo que possui uma de-

mocracia estável. “Sem democracia, não tem como ir bem na economia.”

Ele pontuou, ainda, a necessidade de o país avançar nas concessões e nas PPPs (Parcerias Público-Privadas), sem desconsiderar a atuação, como garantidor, do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). O encontro desta segunda contou, ainda, com Felipe d’Ávila (Novo), o ex-governador do Rio Grande do Sul Germano Rigotto (que representou a candidata Simone Tebet, do MDB) e a Simone Tebet (PDT).

O presidente Jair Bolsonaro (PL) também foi convidado e encerraria o ciclo de debates, mas não havia confirmado presença até a segunda e não participou do evento. Segundo a entidade, a organização da campanha também não justificou a ausência de Bolsonaro, que havia cancelado outros compromissos mais cedo.



Passageiro

O desfile de 7 de Setembro na Esplanada dos Ministérios com a presença de Bolsonaro (PL) ainda não começou a estimular a demanda por passagens de ônibus para Brasília. Segundo o ClickBus, marketplace de venda de bilhetes rodoviários, a capital federal aparece somente no sexto lugar dos destinos mais procurados para a data. Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba estão na frente. A plataforma ressalva que o comportamento de compra no setor pode esquentar na véspera.

**BUZINA** Entre as cinco rotas mais buscadas na Buser para o feriado da Independência, nenhuma inclui Brasília como destino. A empresa diz que, por ser um feriado no meio da semana, o volume de viagens não tende a ser tão alto quanto em outros feriados.

**FREIO** Até esta segunda (29), a Buser tinha mais de 17 mil reservas para todos os destinos para o 7 de Setembro, considerando viagens de ida e volta. No ano passado, quando o feriado caiu na terça, a startup falava em estimava de 100 mil passageiros na data.

**ORLA** A expectativa entre apoiadores é a de que o presidente fale em um carro de som em Brasília antes de viajar ao Rio. Na capital fluminense, ele deve participar de manifestação em Copacabana.

**MÃO DE OBRA** Entidades que se reúnem há meses em um movimento para defender o programa do jovem aprendiz contra investidas do governo Bolsonaro para flexibilizá-lo aumentaram a pressão nos últimos dias, com a expectativa de votação da medida provisória das novas regras. O tema estava na pauta da segunda (29), mas não foi votado.

**AULA** A medida retira exigências como o número obrigatório de participantes do programa nas empresas e cria uma regra que permite a manutenção de aprendizes já efetivados por até doze meses, o que pode minguar a entrada de novos jovens. Humberto Casagrande, do Ciee, diz que a redução de vagas é uma forma de acabar com o programa aos poucos.

**MATEMÁTICA** Pelos cálculos do Sinaít (sindicato de auditores do trabalho), mais de 600 mil vagas do programa podem acabar em até três anos.

**TUJOLO** A indústria de construção voltou a acelerar a criação de empregos em julho, segundo relatório do Sinduscon-SP com base nos dados do Caged. Fechou o mês com 32.082 novas vagas, alta de 1,3% em relação a junho. Apesar do resultado, projeta desaceleração neste segundo semestre, puxada pelo juro alto e pela queda na renda das famílias.

**URNA** O Ibram (Instituto Brasileiro de Mineração), que reúne companhias como Vale, Usiminas e Alcoa, apresentou nesta segunda (29) a agenda política do setor que vai ser levada aos candidatos das eleições. O setor fala em “combater o garimpo irregular e a lavra ilegal de minérios, que têm gerado severos impactos negativos à floresta e às comunidades, especialmente na Amazônia”.

**FLORESTA** A entidade também pede para “virar o jogo em relação à destruição ambiental que a lavra ilegal produz”, além de mudanças da legislação trabalhista para a mineração subterrânea e o fim do monopólio estatal federal sobre minerais nucleares. Além dos presidenciaíveis, os candidatos aos governos dos estados em que a mineração tem peso econômico também receberão o documento.

**CABIDE** A feira anual Pop Plus, que vai apresentar a prévia das coleções de primavera-verão de cerca de 80 marcas de roupas plus size no próximo final de semana, em SP, deve movimentar R\$ 3,5 milhões, segundo a previsão dos organizadores. São esperadas cerca de 8.000 pessoas. O número de visitantes ainda não deve alcançar o patamar pré-pandemia de 12 mil consumidores.

**RETOMADA** A maior parte das marcas são pequenas e médias empresas familiares ou comandadas por mulheres. Segundo Flávia Durante, criadora da feira, muitas das que produzem as próprias peças ainda enfrentam dificuldade após o baque da pandemia.

**PORTÃO** O Sem Parar vai expandir seu braço de negócios de tags para condomínios residenciais e comerciais. O modelo, inaugurado em 2019 e instalado em 150 condomínios de SP, começa a ser levado para outros estados.

**ENDEREÇO** A companhia afirma que já tem capacidade para atender todo o estado de São Paulo e cidades como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre, onde já há contratos fechados e outros em fase de conclusão, para fechar 2022 com 200 condomínios em operação.



Jair Bolsonaro em evento em Brasília Gabriela Biló - 25.ago.22/Folhapress

Bolsonaro manobra por Orçamento com cortes de verba em ciência e cultura

Duas medidas provisórias publicadas nesta segunda (29) adiam despesas deste ano para 2023 e limitam repasse a fundos para inovação

Idiana Tomazelli  
Matheus Teixeira e  
Marianna Holanda

**BRASÍLIA** O presidente Jair Bolsonaro (PL) publicou nesta segunda-feira (29) duas MPs (medidas provisórias) que, na prática, permitem cortar verbas nas áreas de cultura e ciência e tecnologia, redirecionando o espaço no Orçamento para outras despesas, incluindo emendas parlamentares.

A expectativa dentro do governo é que as duas medidas abram caminho a um desbloqueio de verbas na avaliação bimestral do Orçamento programada para 22 de setembro, às vésperas da eleição. Também devem ajudar a fechar as contas da proposta orçamentária para 2023, a ser enviada na próxima quarta-feira (31). O governo tem hoje R\$ 12,7 bilhões em despesas bloqueadas para evitar estouro do teto de gastos, regra fiscal que limita o avanço das despesas à inflação. Em conjunto, as medidas podem contribuir para reduzir o bloqueio de 2022 em cerca de R\$ 8 bilhões, a depender da dinâmica de outras rubricas do Orçamento.

Bolsonaro e o Congresso negociaram uma PEC (proposta de emenda à Constituição) para instituir uma fatura extrateto de R\$ 41,25 bilhões para

turbinar benefícios sociais até o fim do ano, mas outras despesas, como gastos de ministérios e emendas parlamentares, ainda precisam respeitar o limite de gastos.

Diante da necessidade de cortes, o governo contrariou o Congresso e bloqueou quase metade dos R\$ 16,5 bilhões em emendas de relator, instrumento usado como moeda de troca nas negociações políticas. Como mostrou a Folha, a medida gerou tanta insatisfação que foi preciso sinalizar à cúpula do Congresso a liberação do dinheiro logo após as eleições.

Uma das MPs publicadas por Bolsonaro, com vigência imediata, limita a R\$ 5,6 bilhões a verba a ser aplicada pelo FNDCT (Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) em 2022. A medida, segundo técnicos ouvidos pela reportagem, deve liberar aproximadamente R\$ 2 bilhões em recursos.

Para 2023, a MP assinada por Bolsonaro, com vigência imediata, limita os valores aplicados a 58% da receita do fundo prevista para o ano. Esse percentual cresce em 10 pontos a cada ano até 2026, voltando a 100% em 2027.

Antes da MP, o governo precisava reservar espaço no Orçamento para bancar despe-

Foi um jeitinho que o governo federal deu em cima de um processo que já foi todo debatido. Numa canetada, ele fragiliza o planejamento

Fabício Noronha presidente do Fórum Nacional dos Secretários e Dirigentes Estaduais de Cultura

sas equivalentes a toda a receita prevista para o fundo. Ainda havia um artigo proibindo o contingenciamento da verba —que foi revogado de forma imediata por Bolsonaro.

Em julho, o governo tentou aprovar no Congresso um projeto que permitia o bloqueio de gastos do fundo. A proposta foi alvo de duras críticas de associações do setor e, após pressão, rejeitada. Agora, no entanto, o tema deve voltar à pauta do Legislativo.

Uma segunda MP adiou os repasses das leis Paulo Gustavo e Aldir Blanc, de auxílio à cultura em estados e municípios, e do Perse (Programa Emergencial de Retomada do Setor de Eventos), aprovados pelo Congresso como resposta à crise causada pela pandemia nesses setores.

As propostas chegaram a ser vetadas por Bolsonaro, mas os vetos foram derrubados pelo Congresso, obrigando a equipe econômica a incluir seus impactos no Orçamento.

Em 2022, os gastos seriam de R\$ 3,86 bilhões com a lei Paulo Gustavo e R\$ 2,5 bilhões com o Perse. Em 2023, haveria um repasse de R\$ 3 bilhões devido à lei Aldir Blanc.

A incorporação dos valores acabou pressionando o teto de gastos e contribuiu de forma decisiva para a ampliação do bloqueio nas despesas anunciado em 22 de julho e que acabou incidindo sobre as emendas parlamentares. E vinha dificultando o fechamento da proposta orçamentária de 2023, que deve ser enviada com uma reserva ainda maior, de R\$ 19 bilhões, para a verba dos congressistas.

A MP adia os repasses da cultura e do setor de eventos em um ano, jogando para 2023 todas as despesas que deveriam ser executadas ainda em 2022. Já os gastos programados para o ano que vem foram postergados para 2024.

Além disso, os valores previstos na lei, antes definidos de forma expressa e obrigatória, foram flexibilizados. O texto diz agora que a União fica “autorizada” a repassar as cifras mencionadas, que são apresentadas como o “valor global máximo”.

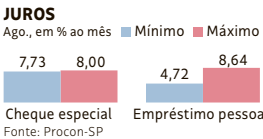
Na prática, segundo técnicos, a redação abre espaço para que o governo efetue pagamentos menores do que os estipulados na lei, uma vez que eles funcionarão como teto para as transferências.

Técnicos do governo avalliam que os projetos aprovados no Congresso não poderiam criar despesa obrigatória, sob risco de ferir a LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal).

O presidente do Fórum Nacional dos Secretários e Dirigentes Estaduais de Cultura, Fabício Noronha, criticou a medida e disse que ela altera a “essência” das leis.

“Foi um jeitinho que o governo federal deu em cima de um processo que já foi todo debatido. Numa canetada, ele fragiliza o planejamento. Sem obrigatoriedade do recurso, isso se torna uma disputa ano a ano”, afirmou.

INDICADORES



**CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA**  
Competência agosto

Autônomo e facultativo			
Valor mín.	R\$ 1.212,00	20%	R\$ 242,40
Valor máx.	R\$ 7.087,22	20%	R\$ 1.417,44

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 15 set.

**MEI (Microempreendedor)**

Valor mín.	R\$ 1.212	5%	R\$ 60,60
------------	-----------	----	-----------

Assalariado	
Até R\$ 1.212,00	7,5%
De R\$ 1.212,01 até R\$ 2.427,35	9%
De R\$ 2.427,36 até R\$ 3.641,03	12%
De R\$ 3.641,04 até R\$ 7.087,22	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 20.set. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

**IMPOSTO DE RENDA**

Em R\$	Alíquota, em %	Deduzir, em R\$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

**EMPREGADOS DOMÉSTICOS**  
Considerando o piso na capital e Grande SP

R\$ 1.433,73	Valor, em R\$
Empregado	110,85
Empregador	286,71

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vence em 6.set. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Dívida pública federal recua 0,7% em julho, e Tesouro vê cenário mais positivo em agosto

Bernardo Caram

**BRASÍLIA | REUTERS** A dívida pública federal do Brasil caiu 0,70% em julho, a R\$ 5,804 trilhões, informou o Tesouro Nacional nesta segunda-feira (29), em mês com relativa estabilidade em indicadores de custo e prazo dos títulos e que antecedeu período de melhora no ambiente econômico.

De acordo com o Tesouro, a redução do estoque da dívida foi explicada por um resgate líquido de R\$ 81,6 bilhões e uma apropriação positiva de juros no valor de R\$ 40,5 bilhões.

Segundo o órgão, julho foi marcado por um ambiente de aversão ao risco no exterior, refletindo incertezas sobre in-

flação e crescimento no mundo. Mas, após subir no mês com o cenário externo e discussões fiscais no Brasil, a curva de juros futuros encerrou julho praticamente estável.

O custo médio do estoque da dívida pública federal caiu, passando de 10,90% ao ano em junho para 10,76% no mês passado. Na dívida interna, o custo do estoque subiu ligeiramente de 10,98% ao ano para 11,00% em julho.

O custo médio das novas emissões da dívida interna cresceu moderadamente, de 12,03% ao ano em junho para 12,09% ao ano em julho.

Também houve um leve alongamento do prazo médio de vencimento dos títulos

O Tesouro tem aproveitado esses momentos positivos de demanda por [títulos] prefixados, com cautela, para realizar seus leilões

Luís Felipe Vital coordenador-geral de Operações da Dívida Pública do Tesouro

brasileiros para 3,90 anos, ante 3,88 anos em junho.

Em relação ao colchão de liquidez para pagamento da dívida pública, houve uma redução de 3,58% em julho, a 1,178 trilhão, por conta do volume de resgates do mês. O montante ainda é suficiente para quitar 9,49 meses de vencimentos de títulos, valor considerado confortável —em junho, estava em 9,75 meses.

Para o mês de agosto, o Tesouro Nacional vê um cenário mais positivo, com melhora nas perspectivas de inflação doméstica e entendimento do mercado de que o ciclo de aperto monetário implementado pelo Banco Central está perto do fim.







# País tem 2,9 mi de pessoas sem emprego há mais de 2 anos

Em alguns estados, são quase metade dos desocupados; 'só fui chamado para uma entrevista' desde 2020, diz técnico

Heloísa Mendonça

**BELO HORIZONTE** Desde junho de 2020, Diones Coutinho, 39, procura diariamente vagas de emprego pela internet, mas sem sucesso. “Nesse período todo só fui chamado para uma entrevista de emprego, que fiz online”, afirma o técnico em mecânica industrial e em petróleo e gás. Ele integra o grupo de 2,9 milhões de trabalhadores desocupados há mais de dois anos, o chamado desemprego de longa duração.

Esse contingente equivale a cerca de um terço do total de pessoas que buscam um posto de trabalho no país atualmente, segundo dados da Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) divulgados no início do mês.

Coutinho, que era inspetor em um navio, foi desligado após a empresa anunciar alguns cortes por causa da pandemia de Covid-19. “No início, achei que a dificuldade em achar uma vaga vinha da pandemia, mas agora o mercado está voltando aos poucos e sigo sem uma oferta”, explica.

A taxa de desemprego no Brasil vem caindo e recuou para 9,3% no segundo trimestre de 2022, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). É o menor patamar para o período desde 2015. Ela estava em 11,1% no primeiro trimestre.

Pelas estatísticas oficiais, a população desempregada reúne quem está sem trabalho e continua à procura de novas vagas. Quem não tem emprego e não está buscando oportunidades não entra no cálculo.

Para driblar os mais de dois anos de desemprego, Coutinho, que é morador de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, chegou a fazer um bico no ferro-velho do sogro e mais um curso técnico.

“É muito ruim ver que as pessoas conseguem emprego e você não. O psicológico não fica bom, porque tenho muitas contas para pagar, inclusive o financiamento de um apartamento. Essa é a minha maior dívida”, explica.

Segundo dados da Pnad, em alguns estados a proporção de desempregados que estão procurando emprego há mais de 24 meses chega quase a metade dos desocupados.

Em Pernambuco, o grupo representa 48% dos desempregados, seguido por Amapá (47,8%), Acre (46,5%) e Rio de Janeiro (45,6%).

Os pesquisadores Janaina Feijó e Paulo Peruchetti, do FGV Ibge (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas), afirmam que o desemprego de longa duração tem ganhado cada vez mais participação dentro do total dos desocupados no país, um movimento que começou a ser observado depois da recessão econômica de 2014-16.

“Desde o final de 2021, ele tem girado num patamar de 30%, o que nos indica uma piora na composição dos desocupados. Se você está fora do mercado há mais de dois anos, seu capital humano vai ficando depreciado, e fica ainda mais difícil conseguir emprego”, afirma Peruchetti.

Para Feijó, atualmente se fala muito da queda da taxa de desemprego, mas é importante estar atento a algumas nuances importantes. “Temos um grande contingente, há sete anos, de pessoas que estão procurando emprego por muito tempo e não conseguimos reduzir esse grupo”, diz.

A proporção de pessoas que buscam emprego há mais de dois anos só diminuiu no início da pandemia, segundo Adriana Beringuy, coordenadora da Pnad. “Isso porque aumentou a representatividade daqueles que estavam procurando a menos tempo, pessoas que foram demitidas logo no início da pandemia e pressionaram o mercado em busca de trabalho”, diz.

Segundo Feijó, as demandas do mercado de trabalho passaram por intensas mudanças durante a crise sanitária. Os empregadores passaram a demandar aptidões e habilidades mais diversificadas dos trabalhadores, o que faz com que uma pessoa que esteja fora do trabalho há muito tempo sem procurar novas qualificações tenha dificuldade de se reinserir.

“Quando a pessoa mostra o currículo e está muito tempo desempregada, isso sinaliza uma coisa negativa. A primeira coisa que o empregador vai perguntar é: por que ela está há dois anos parada? É estranho aos olhos do empregador”, afirma.

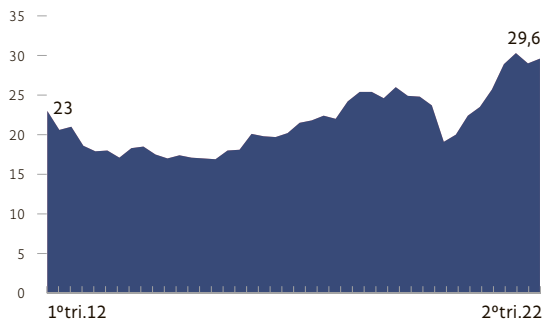
A longa procura por traba-



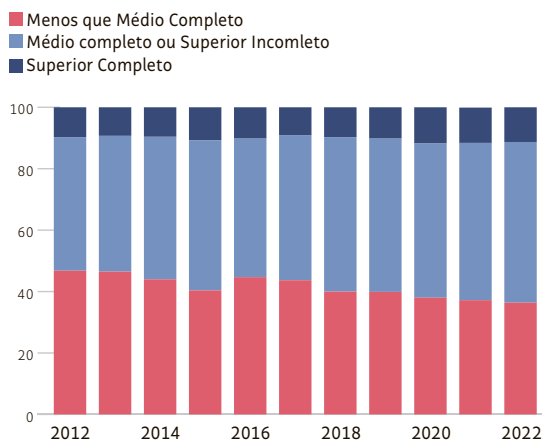
Diones Coutinho, 39, que está desempregado desde 2020 Eduardo Anizelli/Folhapress

## Desemprego de longa duração

% dos desempregados há 2 anos ou mais dentro do total dos desocupados do país



## Composição educacional do desemprego de longa duração No 2º trimestre, em %



Fonte: FGV Ibge com dados da Pnad

lho pode ter também um componente estrutural, segundo Beringuy. “Podem ser pessoas com mais dificuldade de se inserir, seja por qualificação exigida pelo mercado ou pelo próprio tempo que ela pode se dedicar ao trabalho”, diz.

De acordo com microdados da Pnad Contínua levantados pelos pesquisadores do FGV Ibge, no recorte por escolaridade, a fatia mais volumosa dos trabalhadores que estão há mais de 24 meses procurando um trabalho é a das pessoas com ensino médio ou superior incompleto. Essas pessoas correspondiam a 52,3% do grupo dos desempregados de longa duração no segundo trimestre desse ano. Os trabalhadores que não tinham ensino médio completo somavam 36,4% e os com superior completo 11,3%.

A pesquisadora do Ibge defende a necessidade de se pensar em políticas públicas voltadas a melhorar a capacidade de inserção dessas pessoas no mercado de trabalho.

“As pessoas com baixa escolaridade e baixo poder aquisitivo muitas vezes nem sequer sabem onde procurar oportunidades. Ter uma plataforma que facilite saber quais oportunidades estão aparecendo, saber quais as tendências, o que fazer para se requalificar, é muito importante”, diz Feijó.

tâncias governamentais atuam e atraíam as comunidades locais, permitindo a criação de redes capitalizadas de especialização.

Para Perez, o Brasil é fonte de grande preocupação justamente pela desarticulação entre as empresas e as políticas públicas.

“Há muita inovação, mas elas estão isoladas. É necessário ter um rumo claro, uma ambição de como trabalhar”, afirma. “Chama atenção a desigualdade, uma das piores do mundo, com exceção da Venezuela [Perez é anglo-venezuelana], mas creio que o Brasil tem um potencial tão grande, é um líder nato.”

A fuga de cérebros — nome dado à imigração de profissionais, que vem se intensificando no setor de tecnologia — é um drama, na avaliação de Pe-

“É muito ruim ver que as pessoas conseguem emprego e você não. O psicológico não fica bom, porque tenho muitas contas para pagar, inclusive o financiamento de um apartamento. Essa é a minha maior dívida

**Diones Coutinho, 39**  
técnico em mecânica industrial e em petróleo e gás, desempregado desde 2020

“Desde o final de 2021, [o desemprego longo] tem girado num patamar de 30%, o que nos indica uma piora na composição dos desocupados

**Paulo Peruchetti**  
pesquisador do FGV Ibge

## Brasil abre 218.902 vagas formais de trabalho em julho, mostra Caged

O Brasil abriu 218.902 vagas formais de trabalho em julho, de acordo com o Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), divulgado nesta segunda (29) pelo Ministério do Trabalho e Previdência. O resultado do mês passado, que ficou bem abaixo da expectativa em pesquisa da Reuters de criação líquida de 260 mil empregos, é fruto de 1,887 milhão de admissões e 1,668 milhão de desligamentos. O saldo ficou abaixo dos 316.725 postos abertos em julho de 2021, pela série sem ajustes. Com o resultado, o estoque de empregos formais no país atingiu 42,2 milhões, o maior para o mês da série com ajustes iniciada em 2010. No acumulado dos sete primeiros meses do ano, foram abertos 1,561 milhão de vagas, ante uma abertura de 1,785 milhão de postos em igual período de 2021, segundo a série com ajustes. Em julho, houve saldo positivo em todos os setores, com destaque para as vagas em serviços, com abertura de 81.873 postos, segundo de indústria, com 50.503. Reuters

rez, e um movimento difícil de ser revertido. “Como querem que eles fiquem aqui se não dão oportunidades verdadeiras?”

Com o Brasil a pouco mais de um mês de eleições presidenciais, Perez vê pouco espaço para diálogo caso Jair Bolsonaro (PL) seja reeleito, mas aponta que cabe à iniciativa privada “fazê-los entender, com universidades, sindicatos. Uma ação de pressão sobre os políticos.”

Participam do curso sobre a Nova Economia jornalistas, professores e estudantes de comunicação de todo o país. Serão 30 horas de treinamento semanal nos formatos online e presencial. O programa debate comportamento, novos negócios, capitalismo consciente, sustentabilidade, papel do Estado e trabalho.

# Boom de novas tecnologias exigirá equilíbrio entre Estado e empresas, afirma pesquisadora

Fernanda Brigatti

**SÃO PAULO** Somente um equilíbrio entre Estado e iniciativa privada garantirá que a América Latina não perca novamente o bonde do crescimento econômico promovido pelas novas tecnologias.

A avaliação é da pesquisadora Carlota Perez, para quem o Brasil ainda tem a capacidade de liderar esse salto de desenvolvimento.

A economista abriu nesta segunda-feira (29) o curso Nova Economia para Jornalistas promovido pelo iFod com a Folha. Perez é considerada uma das grandes es-

pecialistas nas relações entre as mudanças tecnológicas e o desenvolvimento econômico.

Para ela, há um padrão nos ciclos das grandes inovações e que podem nos ajudar a entender o momento atual e identificar oportunidades para o futuro. Isso porque, antes da consolidação de uma revolução tecnológica, há um momento de colapso — e o mundo vive hoje o fim desse período de quebra e recessão, afirma Perez.

“Cada revolução é um conjunto distinto de oportunidades”, afirma. “Importante entender a complexidade de cada revolução e como elas abar-

cam processos, sistemas — e muito deles são revolucionários por si próprios.”

Um dos padrões observados pela pesquisadora é que, e que podem nos ajudar a entender o momento atual e identificar oportunidades para o futuro. Isso porque, antes da consolidação de uma revolução tecnológica, há um momento de colapso — e o mundo vive hoje o fim desse período de quebra e recessão, afirma Perez.

O livre mercado, diz, abre muitas oportunidades, mas não resolve o problema da desigualdade. O Estado sozinho também não dá conta do desenvolvimento.

“Nenhum país saltou à liderança e ao desenvolvimento sem uma promoção forte, clara e inteligente em inova-

ção por parte do Estado”, afirma. “Todos tinham um Estado forte e ativo, e um setor privado dinâmico.”

Ela cita os exemplos dos países asiáticos que tiveram saltos de desenvolvimento a partir dos anos 1980, como Coreia do Sul e Singapura. Nesse último, afirma, o governo buscava na iniciativa privada os agentes de mais alto nível e experiência e com condições de lidar com a complexidade dos processos de desenvolvimento.

“Nem ao Estado, nem ao mercado”, diz Perez. O que é necessário, segundo ela, é um consenso no qual todas as ins-





Kevin Spacey e Robin Wright, em cena de 'House of Cards', um dos primeiros sucessos produzidos pela Netflix

David Giesbrecht/Netflix

# Aos 25, Netflix tem hegemonia contestada e ganha cara de TV

Empresa que mudou a cultura corre o risco de abandonar ideias inovadoras

Gustavo Soares

SÃO PAULO “O jeito mais fácil de alugar um DVD!”, dizia uma das primeiras versões do site da Netflix. De locadora para um serviço com 220 milhões de assinantes que transformou a forma de se consumir séries e filmes, a empresa completou 25 anos nesta segunda-feira (29) sob o risco de abandonar um passado inovador.

Fundada em 29 de agosto de 1997, nos Estados Unidos, a empresa começou como um site de aluguel de DVDs. O usuário escolhia o filme e recebia o disco por correio em casa.

O tamanho e o preço do produto favoreciam essa logística. Fitas VHS, que ainda dominavam o mercado, eram mais caras e corriam o risco de sofrer danos no transporte. Isso foi um salto em relação ao sistema das locadoras tradicionais, como a Blockbuster. “No aluguel de DVDs pela internet, os filmes sempre estão disponíveis, não há filas e o cliente pode ficar quanto tempo quiser com o disco, sem multas por atraso na devolução. Ir à locadora na chuva no domingo à noite é coisa do passado”, explica uma reportagem da Folha de abril de 2005.

Essa lógica é parecida com a que a Uber aplicou há dez anos. Criar tecnologias que reduzam as “fricções”, obstáculos entre o cliente e o serviço. O fim das multas surgiu como uma vantagem incontestável. Era uma empresa cujos ganhos não dependiam de deslizes dos clientes, mas da fidelidade deles. E funcionou. “Grande parte dos lucros da

Blockbuster vinha de multas por atraso. Se o seu modelo de negócios depende de induzir sua base de clientes a se sentir idiota, dificilmente você obterá muita lealdade por parte deles”, escreve o CEO da empresa Reed Hastings no livro “A Regra É Não Ter Regras”.

O site da então NetFlix, com duas letras maiúsculas, foi ao ar em 1998. Em 2000, já contava com 300 mil assinantes e cem funcionários, mas teve um prejuízo de US\$ 57 milhões. Naquele mesmo ano, Hastings reuniu-se com John Antioco, então CEO da Blockbuster, para oferecer sua empresa pequena e deficitária à gigante do entretenimento. A ideia era integrar o serviço de aluguel de DVDs online ao sistema da rival. Antioco, contudo, rejeitou.

“Não era óbvio na época, nem mesmo para mim, mas nós tínhamos uma coisa que a Blockbuster não tinha: uma cultura que colocava as pessoas acima dos processos, que enfatizava mais a inovação do que a eficiência e que mantinha pouquíssimos controles”, escreve Hastings no livro. A Blockbuster entrou com pedido de falência em 2010.

O livro do CEO da Netflix é um misto de autoajuda com detalhes sobre a cultura corporativa da empresa. As ideias giram em torno de criar equipes apenas com funcionários acima da média, desenvolver uma comunicação sincera e eliminar controles como burocracias para férias, viagens, despesas e tomada de decisões.

Ou seja, variam entre o im-

## Balanços da Netflix entre 2019 e 2022



Fonte: Netflix

“A empresa também foi uma locadora, mas uma locadora que soube se reinventar e não quebrou. Ela ditou um novo movimento do mercado

**Pedro Curi**  
coordenador do curso de cinema e audiovisual da ESPM Rio

“Nós tínhamos uma coisa que a Blockbuster não tinha: uma cultura que colocava as pessoas acima dos processos

**Reed Hastings**  
CEO da Netflix em seu livro “A Regra É Não Ter Regras”

praticável em outros contextos e o engenhoso. Mas, por bem ou por mal, ajudaram a empresa a chegar onde chegou.

“Por quais dos meus funcionários, caso pedissem de missão para trabalharem em um cargo equivalente em outra companhia, eu lutaria, no sentido de mantê-los na Netflix?” é um dos motes do chamado Netflix Culture Deck, conjunto de slides para uso interno que Reed divulgou na internet em 2009.

O problema é que todas essas lições poderiam ter saído de qualquer empresa grande de qualquer outro setor. Não há nelas, por exemplo, um sinal de que se trata de uma companhia que produz e molda a forma como as pessoas se relacionam com a cultura. Filmes e séries são apenas um detalhe para a Netflix — e isso tem funcionado.

“No geral, o Netflix Culture Deck me pareceu hipermasculino, uma política agressiva e de muito confronto — talvez um reflexo do tipo de empresa que se espera ter sido construída por um engenheiro com visão racionalista e mecanicista da natureza humana”, escreve Erin Meyer, coautora do livro “A Regra É Não Ter Regras”.

“Entretanto, apesar de tudo isso, não se pode negar um fato. A Netflix tem sido extremamente bem-sucedida.”

A trajetória de inovação da Netflix começa com o aluguel de DVDs. Depois, vieram o streaming, a transmissão de conteúdo original produzido por estúdios externos e, por último, a produção por estúdios próprios.

“A Netflix percebeu que tinha uma oportunidade a partir da tecnologia. Entendeu, depois, que não poderia ser só um catálogo de filmes de outras produtoras. Ainda buscou saber em quais mercados entrar já antevendo a entrada de players maiores”, disse Pedro Curi, coordenador do curso de animação e audiovisual da ESPM Rio. “A empresa também foi uma locadora, mas uma locadora que soube se reinventar e não quebrou. Ela ditou um novo movimento do mercado.”

O streaming chegou dez anos depois, em 2007. Primeiro aos EUA, depois ao Canadá e à América Latina. O serviço estreou no Brasil em 5 de setembro de 2011. Hoje, só está indisponível na China, na Síria, na Coreia do Norte e na Rússia.

Assistir a vídeos pela internet não era novidade naquele momento — o YouTube, por exemplo, foi lançado em 2005. Mas o avanço da tecnologia dos navegadores, da compressão de vídeo, da banda larga e, em seguida, dos smartphones, criaram um cenário propício para a popularização do serviço.

Além disso, a Netflix não tinha os concorrentes de peso que tem hoje, como Amazon, HBO e Disney. A empresa pôde se beneficiar dessa hegemonia por quase uma década.

Para Pedro Curi, o sucesso da Netflix não se deve apenas à criação de um mercado até então inexistente, mas também ao desenvolvimento de

diversas propriedades intelectuais de sucesso e à comunicação eficiente, que se adapta às culturas de cada país.

De “House of Cards”, “Stranger Things” e “Round 6” até “Roma” e “Ícaro”, a Netflix conseguiu fazer desde produções populares e recordistas até títulos com o verniz de premiações e festivais. Hoje, busca até oferecer games, mesmo que de forma tímida.

“Nesses 11 anos que ela está presente no Brasil, a Netflix hoje funciona como um canal de TV por streaming. Tem uma marca consolidada, uma linha de conteúdo que as pessoas conhecem, acessam e ligam para ver o que está passando, como faziam com a televisão”, disse Curi.

Nos últimos anos, contudo, a ascensão de outros serviços balançou a hegemonia da Netflix.

A competição acirrou ainda mais durante a pandemia, quando as políticas de isolamento social fizeram com que os streamings fossem mais acessados. As ações da Netflix nunca valeram tanto quanto em 2020 e 2021. Nesse período, a empresa saltou de 161,1 milhões para 221,8 milhões de assinantes.

Mas a entrada da concorrência fez as empresas se preocuparem cada vez mais com os balanços. Agora, passam a cortar o orçamento de algumas produções, restringir o compartilhamento de senhas e considerar a criação de planos mais baratos, com anúncios — medidas impopulares.

Em abril, a Netflix anunciou uma queda de 200 mil assinantes no primeiro trimestre, o primeiro recuo registrado em uma década. No segundo trimestre, outros 970 mil cancelaram suas assinaturas. Hoje, a empresa tem 220,7 milhões de clientes no mundo.

A Netflix ainda foi a ação com pior desempenho no S&P 500 no primeiro semestre deste ano. Seu valor de mercado caiu de mais de US\$ 300 bilhões em novembro de 2021 — maior que a Disney — para US\$ 100 bilhões hoje.

A Walt Disney, aliás, superou a Netflix no segundo trimestre deste ano ao atingir 221,1 milhões de assinantes. O número é a soma dos serviços Disney+, Hulu e ESPN+. Em julho, a Netflix anunciou uma parceria com a Microsoft para elaborar um plano de assinatura de streaming mais barato e com propagandas.

Para Curi, a inclusão de anúncios na plataforma da Netflix pode repelir os usuários, fazendo com que passem menos tempo interagindo com um sistema ao qual já estavam acostumados.

Essa guinada conservadora dos streamings, que agora se aproximam de modelos mais tradicionais de negócio e evocam a TV paga, é sinal de que não dá para seguir à risca as ideias disruptivas. A regra é não ter regras, mas nem sempre.

“É o risco que a empresa corre quando fica grande demais e tem uma estrutura mais pesada. É muito mais fácil se movimentar quando você é mais leve”, disse Curi.

# Dólar cai a valor de junho com valorização de matérias-primas

Clayton Castelani

SÃO PAULO O dólar comercial caiu nesta segunda-feira (29) à menor cotação desde 15 de junho no mercado de câmbio brasileiro. A moeda americana fechou a sessão valendo R\$ 5,033, o que significou um recuo de 0,88% em relação ao fechamento da semana passada.

Na valorização com as principais divisas mundiais, o real foi a que mais ganhou força neste dia.

A valorização de matérias-primas exportadas pelo Brasil, principalmente o petróleo, e os juros altos da renda fixa doméstica atraem dólares

para o país, enquanto mercados internacionais apresentam perdas com a perspectiva de um período prolongado de aperto monetário.

Ameaças ao abastecimento de energia provocadas pela Guerra da Ucrânia, além de outras crises em regiões produtoras de petróleo, voltaram a trazer preocupações sobre a oferta nos próximos meses.

Na Líbia, confrontos entre milícias ameaçam interromper os embarques de petróleo em um momento em que a crise energética da Europa está piorando. O Irã, outro importante produtor, apon-tou dificuldades na conclusão do acordo nuclear com

o Ocidente, do qual depende o aumento do fluxo de óleo.

“A única negociação com a qual todos podem concordar é que o mercado de petróleo provavelmente permanecerá apertado”, disse Ed Moya, analista de mercado sênior da Oanda, à Bloomberg.

No encerramento desta segunda, o barril do petróleo Brent subia 3,75%, aos US\$ 104,78 (R\$ 528,33). Esse é o maior valor de fechamento desde 29 de julho.

Analistas ouvidos pela agência Reuters ainda destacaram que produtores de matérias-primas em geral estão trazendo recursos para dentro do país, em parte devido

aos elevados juros pagos pela renda fixa local.

“Temos visto movimento de exportadores que vinham mantendo divisas em moedas globais internalizando recursos”, disse Rodolfo Margato, economista da XP. “A recuperação das commodities explica esse desempenho superior do real.”

Pelos dados mais recentes do Banco Central, na semana entre 15 e 19 de agosto, o fluxo de câmbio contratado para operações comerciais foi superavitário em US\$ 1,1 bilhão (R\$ 5,54 bilhões). É o melhor resultado desde a semana finalizada em 1º de julho.

Ações de empresas petrolí-

feras brasileiras refletiram o crescimento das apostas de investidores na elevação dos preços da commodity.

Na B3, a Bolsa de Valores Brasileira, o índice de ações Ibovespa sustentou uma leve alta de 0,02%, fechando com 112.323 pontos.

Ganhos dos papéis da Petrobras, que subiram mais de 2%, e de outras companhias do ramo ajudaram a evitar que o mercado local fosse puxado para o fundo pelo desempenho ruim das principais Bolsas mundiais.

“Nosso principal índice acionário é composto em até 30% por empresas ligadas ao setor de commodities. Assim, a al-

ta no preço de insumos básicos tende a nos beneficiar”, comentou Alvaro Feris, especialista da Rico Investimentos.

Bolsas dos Estados Unidos e da Europa recuaram diante da expectativa de um longo período de aperto monetário pelo Fed (Federal Reserve, o banco central americano).

Em Nova York, o índice de referência S&P 500 caiu 0,67%. Londres e Frankfurt perderam 0,70% e 0,61%, respectivamente.

Na sexta-feira (26), o mercado passou a considerar a perspectiva de juros mais altos nos Estados Unidos após a fala do presidente do Fed, Jerome Powell, em Jackson Hole.



# Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

## VAIVÉM DAS COMMODITIES

### A ‘chinesada’ do Paulo Guedes e a dependência externa do agronegócio

O ministro da Economia, Paulo Guedes, escolheu exatamente um evento agrícola para atacar a presença chinesa no Brasil. Não tinha pior lugar, uma vez que o setor é extremamente dependente daquele país asiático.

Desde que Paulo Guedes chegou ao governo, as exportações dos principais produtos do agronegócio somam US\$ 444 bilhões. Deste valor, 62% foram compras dos chineses. As exportações para os Estados Unidos, outro país importante nessa relação comercial, ficaram em 26%.

O ministro da Economia tentava explicar a necessidade da redução dos impostos no país, principalmente a do IPI (Imposto Sobre Produtos

Industrializados), caso contrário a “chinesada” poderia vir aqui e quebrar a indústria nacional, segundo ele.

Essa cutucada nos chineses ocorre em um momento em que a China começa a retirar algumas amarras sobre as exportações do agronegócio brasileiro, colocando na lista de compras produtos com maior valor agregado.

Os chineses estão prestes a liberar as importações de produtos derivados de soja, um mercado dificultado, e até fechado, para os brasileiros. Com essas exportações, o Brasil eleva as vendas de produtos de maior valor agregado.

A China sempre priorizou a compra de soja em grão porque o processamento inter-

no gera emprego e renda no próprio país.

Desde o início do governo de Jair Bolsonaro (PL), as exportações de soja somaram 305 milhões de toneladas, com receitas de US\$ 130 bilhões. Os chineses foram responsáveis por 72% desses valores.

A abertura do mercado chinês para os derivados de soja é boa tanto para o Brasil como para China. Os brasileiros processam cada vez mais soja, e o volume deve aumentar ainda mais quando o governo retirar as amarras que colocou sobre a produção de biodiesel.

Já os chineses estão industrializando mais a sua produção de proteínas, necessitando de um volume maior de

derivados de soja e de milho.

O desenvolvimento da soja só ocorre no país devido aos chineses. Nesta safra 2022/23, a produção deverá superar 150 milhões de toneladas.

A produção de soja leva junto a de milho. A estimativa de safra deste cereal em 2023 é de 125 milhões de toneladas. Os chineses começam a ter interesse também no cereal brasileiro. Essa porta aberta é boa porque as importações da China são sempre em grandes volumes.

Os chineses são responsáveis também pelo bom desempenho do setor brasileiro de proteínas. Das receitas de US\$ 62,9 bilhões com as exportações, desde que Paulo Guedes chegou ao governo, 37% vieram da China.

O mercado externo brasileiro de carnes é bastante pulverizado, ao contrário do da soja, que é concentrado na China, mas os chineses ainda têm

grande importância para o setor brasileiro.

A evolução da economia chinesa permitiu que vários outros produtos, além da soja, entrassem na lista de importações. No atual governo, 43% das exportações de celulose ficaram com a China; 13% das de açúcar; e 7% das de madeira.

Os chineses permitiram também uma boa evolução da produção brasileira de algodão, que soma US\$ 12 bilhões em exportações desde o início de 2019. Deste valor, 27% vieram da China.

Essa dependência brasileira do país asiático não é boa, mas os chineses também vem perigo nela, tanto que buscam alternativas de produção em outras regiões, principalmente na África.

O governo atual de vez em quando tem uma recaída com relação aos parceiros comerciais do agronegócio. Come-

çou com Jair Bolsonaro afirmando que a China queria comprar o Brasil; visita a Taiwan, para irritar os chineses; dúvidas sobre a vacina contra a Covid.

O Irã, país que está na lista dos principais parceiros do agronegócio brasileiro, já foi hostilizado pela família do presidente, enquanto os árabes já se sentiram preteridos pela devoção inicial do presidente a Israel.

As avaliações dos parceiros comerciais do agronegócio feitas pelo governo, quando fora do normal, vão minando aos poucos as relações entre os países.

A menos que se acredite que essas relações comerciais internacionais são sempre fáceis de ser resolvidas. É o que recomendava um dos seguidores de Bolsonaro quando sugeriu que não se vendesse soja para a China, mas apenas para os Estados Unidos.



**PREFEITURA MUNICIPAL DE FARTURA**  
**AVISO DE RETIFICAÇÃO DE EDITAL**  
**Pregão Eletrônico 25/2022 - Processo 64/2022**  
OBJETO: Registro de Preços para eventual aquisição de gêneros alimentícios, destinados a diversos setores do município, pelo período de 12 meses, de acordo com as especificações do anexo 01 - Termo de Referência. Fica designada nova data de abertura. A retificação completa encontra-se disponível no site: [www.fartura.sp.gov.br](http://www.fartura.sp.gov.br).  
Fartura, 29 de agosto de 2022. LUCIANO PERES - PREFEITO MUNICIPAL



**GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**  
**SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA**  
**POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO**  
**DIRETORIA DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO – DTIC**  
**AVISO DE LICITAÇÃO** - A Diretoria de Tecnologia da Informação e Comunicação - DTIC comunica às empresas interessadas a abertura da seguinte licitação: **PREGÃO ELETRÔNICO DTIC nºPR-183/004722**, do tipo menor preço, **PROCESSO DTIC nº2022073649-1**, objetivando a Constituição do Sistema de Registro de Preços para futuras e eventuais aquisições de até 220 (duzentos e vinte) impressoras multifuncionais monocromáticas a Laser/LED, conforme Memorial Descritivo nºDTIC-001/31222 e 160 (cento e sessenta) impressoras multifuncionais coloridas a Laser/LED, conforme Memorial Descritivo nºDTIC-002/31222, por itens distintos. A sessão pública da licitação será realizada às **09h10 do dia 15/09/2022**, o edital e seus anexos encontram-se à disposição dos interessados, sem custo, nos sites: [www.imprensaoficial.com.br](http://www.imprensaoficial.com.br), opção: negócios públicos e pelo site [www.bec.sp.gov.br](http://www.bec.sp.gov.br), e-mail: [dticlic@policiamilitar.sp.gov.br](mailto:dticlic@policiamilitar.sp.gov.br), telefone: (11)3327-7612. O referido Pregão Eletrônico DTIC nºPR-183/004722, refere-se a seguinte Oferta de Compras 18018300010220C00218.

**SECRETARIA DE PROJETOS, ORÇAMENTO E GESTÃO**  
**INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA AO SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL - IAMSPE**  
**GERÊNCIA DE CONTRATAÇÃO DE MATERIAIS E SERVIÇOS**  
**NÚCLEO DE CONTRATAÇÃO DE MATERIAIS**

Acha-se aberto, no INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA AO SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL - à Av. Ibirapuera, n.º 981 - 6º andar, o **PREGÃO ELETRÔNICO PARA REGISTRO DE PREÇOS N.º 569/2022 - PROCESSO IAMSPE N.º 3172/2022 - OFERTA DE COMPRA N.º 532101530552022C01353 - PARA AQUISIÇÃO DE: KIT DE CRANIOPLASTIA**. O encerramento e abertura dar-se-ão no dia 13/09/2022 às 9:00 HS. Os interessados deverão acessar, a partir de 31/08/2022, o endereço eletrônico [www.bec.sp.gov.br](http://www.bec.sp.gov.br) ou [www.bec.fazenda.sp.gov.br](http://www.bec.fazenda.sp.gov.br), mediante a obtenção de senha de acesso ao sistema e de credenciamento de seus representantes. O EDITAL DA PRESENTE LICITAÇÃO ENCONTRA-SE DISPONÍVEL TAMBÉM NO SITE [WWW.E-NEGOCIOSPUBLICOS.COM.BR](http://WWW.E-NEGOCIOSPUBLICOS.COM.BR). SÃO PAULO, 29 AGOSTO 2022.

**PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE JAGUARIÚNA**  
**EXTRATO DE PRIMEIRO ADITAMENTO DE CONTRATO N.º 041/2022**  
**DISPENSA N.º 005/2022**


Contratante: Município de Jaguariúna  
Contratada: Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo - CDHU - CNPJ 47.865.597/0001-09  
Objeto: Prestação de serviços técnicos especializados de engenharia e arquitetura para execução do projeto executivo para reforma do Centro de Lazer do Trabalhador Antonio Aparecido Rodrigues dos Santos "Lebrão", incluindo o Ginásio de Esportes Caio Pompeu de Toledo "Azulão" situado à rua Amazonas, 848, Jaguariúna/SP, conforme Proposta Técnico Comercial 3.00.00.00/025/22 r0. O prazo de execução do contrato fica prorrogado por mais 37 dias, totalizando 127 dias contados a partir da ordem de início de serviços, projetando seu término de 24/07/2022 para 30/08/2022. O prazo de vigência do contrato fica prorrogado por mais 37 dias, totalizando 157 dias contados a partir da ordem de início de serviços, projetando seu término de 23/08/2022 para 29/09/2022. Continuará em vigor todas as outras cláusulas e condições do Contrato e do correlato processo administrativo.  
Secretaria de Gabinete, 18 de agosto de 2022.  
Maria Emília Peçanha de Oliveira Silva - Secretária de Gabinete

**Prefeitura do Município de Caieiras**  
**Secretaria de Administração - Diretoria de Compras**  
**TERMO DE RETIRRATIFICAÇÃO DO PREGÃO PRESENCIAL N.º075/2022**  
**PREGÃO PRESENCIAL N.º075/2022**  
**TERMO DE RETIFICAÇÃO E RATIFICAÇÃO**

O Senhor Pregoeiro do Município de Caieiras faz saber a todos os interessados que após alguns pedidos de esclarecimento fica alterado o termo de referência do Pregão Presencial n.º075/2022  
Por força das alterações, fica re-designada a data para realização da Sessão do Pregão Presencial n.º075/2022 para o dia 12/09/2022 às 10:00h.  
Ficam **RATIFICADAS** todas as demais cláusulas previstas no Edital e seus Anexos.  
Publique-se.  
Caieiras, 29 de Agosto de 2022  
**SAMUEL BARBIERI PIMENTEL DA SILVA**  
Diretor de Compras e Licitações




**Prefeitura Municipal de Jaboticabal - SP**  
**NOTIFICAÇÃO DE RESULTADO DE HABILITAÇÃO E POSSÍVEL DATA DE ABERTURA DO ENVELOPE DE N.º2 - PROPOSTA FINANCEIRA**  
**TOMADA DE PREÇOS Nº016/2022**  
**PROCESSO ADMINISTRATIVO Nº7847-6/2022**  
A Comissão Permanente de Licitações da Prefeitura Municipal de Jaboticabal, informa aos interessados, que após o julgamento dos Envelopes de nº1 – Documentação - constantes do processo licitatório, modalidade **TOMADA DE PREÇOS Nº 016/2022**, que trata da contratação de empresa especializada, em regime de empreitada global, com fornecimento de material e mão de obra para execução da Obra de Infraestrutura Urbana - Recapeamento Asfáltico: Trecho da Avenida Italo Poli e Avenida Galdêncio Brandimarte, foram consideradas **HABILITADAS** para a continuidade do certame, todas as licitantes do certame, a saber: **PAVINI ENGENHARIA LTDA.; DGB ENGENHARIA E CONSTRUÇÕES LTDA. e AUTEM ENGENHARIA LTDA.** Em cumprimento ao Art.109, inciso I, alínea "a", da Lei Federal nº8.666/93, a Comissão de Licitações concedeu o prazo de **05 (cinco) dias úteis** para interposição de recurso administrativo, a contar da publicação do presente julgamento na Imprensa Oficial. Por fim, a Comissão de Licitações informou que, não havendo interposição de recurso quanto ao julgamento de habilitação, fica designada neste ato, a data de abertura do **ENVELOPE DE N.º2 – PROPOSTA FINANCEIRA**, para o dia **09/09/2022 às 09h00**, na sala de reuniões do Departamento de Gestão de Material e Patrimônio da Prefeitura Municipal de Jaboticabal localizado no Paço Municipal sito à Esplanada do Lago “Carlos Rodrigues Serra” nº160, Jaboticabal/SP e que as licitantes deverão ser comunicadas caso haja interposição de recurso.  
Jaboticabal, 29 de agosto de 2022  
**RAFAEL FERNANDES MODESTO HOMEM**  
Membro da Comissão Permanente de Licitações



**PREFEITURA MUNICIPAL DE ÓLEO**  
**Edital de Suspensão de Pregão**  
**PREGÃO ELETRÔNICO Nº 12/2022 - PROCESSO ADMINISTRATIVO Nº 51/2022**  
OBJETO: objetivando o registro de preços para eventual aquisição de pneus, para manutenção preventiva e corretiva dos veículos pertencentes à frota oficial do município de ÓLEO/SP. Pelo prazo de 04 meses, conforme solicitação do Setor de Transportes, conforme descrito neste edital e seus anexos. OBS.: Levamos ao conhecimento dos interessados que, em razão de questionamento do termo de referência, fica **SUSPENSO** o Pregão eletrônico nº 12/2022 previsto para o dia 30 de agosto de 2022 às 09h00. A nova data será publicada em momento oportuno. Edital completo e outras informações: Setor de Licitações da Prefeitura Municipal de Óleo, à Rua Ângelo Vidotto, 95, Vila Martins, Óleo/SP, fone (14) 3357-1211 ou pelo e-mail – [administracao@pmoleo.sp.gov.br](mailto:administracao@pmoleo.sp.gov.br) e o pelo site [www.bll.org.br](http://www.bll.org.br) – Acesso BLL compras. Óleo/SP 29 de agosto de 2022. **Jordão Antônio Vidotto - PREFEITO MUNICIPAL**

**SECRETARIA DE PROJETOS, ORÇAMENTO E GESTÃO**  
**INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA AO SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL - IAMSPE**  
**GERÊNCIA DE CONTRATAÇÃO DE MATERIAIS E SERVIÇOS**  
**NÚCLEO DE CONTRATAÇÃO DE MATERIAIS**

Acha-se aberto, no INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA AO SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL - à Av. Ibirapuera, n.º 981 - 6º andar, o **PREGÃO ELETRÔNICO PARA REGISTRO DE PREÇOS N.º 568/2022 - PROCESSO IAMSPE N.º 3518/2022 - OFERTA DE COMPRA N.º 532101530552022C01359 - PARA AQUISIÇÃO DE: ALIMENTO NUTRICIONAL PARA DIETAS ENTERAL OU ORAL**. O encerramento e abertura dar-se-ão no dia 13/09/2022 às 9:00 HS. Os interessados deverão acessar, a partir de 31/08/2022, o endereço eletrônico [www.bec.sp.gov.br](http://www.bec.sp.gov.br) ou [www.bec.fazenda.sp.gov.br](http://www.bec.fazenda.sp.gov.br), mediante a obtenção de senha de acesso ao sistema e de credenciamento de seus representantes. O EDITAL DA PRESENTE LICITAÇÃO ENCONTRA-SE DISPONÍVEL TAMBÉM NO SITE [WWW.E-NEGOCIOSPUBLICOS.COM.BR](http://WWW.E-NEGOCIOSPUBLICOS.COM.BR). SÃO PAULO, 29 AGOSTO 2022.



**GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**  
**SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA**  
**POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO**  
**COMANDO DE AVIAÇÃO DA POLÍCIA MILITAR - CAVPM**  
**ABERTURA DE PREGÃO ELETRÔNICO**

Encontra-se aberto no **COMANDO DE AVIAÇÃO DA POLÍCIA MILITAR - “JOÃO NEGRÃO” (CAVPM)** o **PREGÃO ELETRÔNICO Nº PR-173/0046/21**, do tipo **MEHOR PREÇO**, Processo Nº 202173114, Oferta de Compra 18017300010220C00099, objetivando a **CONTRATAÇÃO DE SERVIÇO CONTÍNUO DE MANUTENÇÃO DE 01 (UMA) AERONAVE HAWKER BEECHCRAFT, MODELO BARON 658**. A sessão pública será no dia 13/09/2022, às 09:30 horas, no endereço eletrônico: [www.bec.sp.gov.br](http://www.bec.sp.gov.br). O edital na íntegra está disponível para consulta e retirada nos endereços eletrônicos: [www.bec.sp.gov.br](http://www.bec.sp.gov.br), [www.imprensaoficial.com.br](http://www.imprensaoficial.com.br), opção “e-negociospublicos” ou poderá ser solicitado através do e-mail: [cavpmlicitacoes@policiamilitar.sp.gov.br](mailto:cavpmlicitacoes@policiamilitar.sp.gov.br). Quaisquer dúvidas poderão ser esclarecidas no site: [www.bec.sp.gov.br](http://www.bec.sp.gov.br), por meio da opção esclarecimentos, pessoalmente no CAVPM: Av. Olavo Fontoura, 1078, Santana – São Paulo - SP, telefone: (02)12-021, pelo e-mail [cavpmlicitacoes@policiamilitar.sp.gov.br](mailto:cavpmlicitacoes@policiamilitar.sp.gov.br), ou pelo telefone (11) 2221-7299 ramal 1835 (Seção de Licitações).

**PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE VOTUPORANGA**  
**SEC OBRAS**

**AVISO DE REPUBLICAÇÃO - TOMADA DE PREÇOS Nº 010/2022 - PROCESSO N.º 304/2022**  
OBJETO: Contratação de empresa, com empreitada global de material, mão de obra e equipamentos, para reforma e adequação do Pronto Atendimento Municipal "Fortunata Germano Pozzobon", localizado à Rua Antônio Serafim Queiroz, nº 2395 neste Município de Votuporanga-SP. VISITA TÉCNICA: A Visita Técnica será efetuada até o dia 14 de setembro de 2022, por Representante, devidamente credenciado. Agendar pelo telefone (17) 3405-9700 - Ramal 9819, no horário das 09h00 às 15h00. RECEBIMENTO DOS ENVELOPES: Os envelopes serão recebidos até às 13h30 do dia 15 de setembro de 2022, na Secretaria Municipal da Administração - Divisão de Licitações, na Rua Pará nº 3227 - Patrimônio Velho. INFORMAÇÕES E EDITAL COMPLETO: Edital na íntegra encontra-se a disposição dos interessados na Secretaria Municipal da Administração - Divisão de Licitações, na Rua Pará nº 3227 - Patrimônio Velho, Votuporanga/SP, horário das 09h00 às 15h00, dias úteis, ou ainda pelo site: [www.votuporanga.sp.gov.br](http://www.votuporanga.sp.gov.br). Maiores informações e/ou esclarecimentos no endereço acima ou pelo fone (17) 3405.9700 – ramais 9843 e 9841.  
ANDREA ISABEL DA SILVA THOMÉ - Secretária Municipal da Administração – 29/08/2022.

**GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO**


**SECRETARIA DE SAUDE**  
Av. de Licitação – Proc. N.º.1322/2022 – Pregão Eletrônico. Nº197/2022 – OBJ: registro de preços para eventual aquisição de medicamentos para atender as necessidades de pacientes contemplados por ações judiciais e programas da assistência farmacêutica da SESIPE. Total est. R\$ 40.763.327,12  
Recebimento das Propostas Até: 09/09/2022, às 10h00. - Abertura das Propostas: 09/09/2022 ÀS 11H Início da Disputa: 09/09/2022 ÀS 14H. O edital na íntegra poderá ser retirado no site: [www.peintegrado.pe.gov.br](http://www.peintegrado.pe.gov.br) Recife, 09/08/2022. **Isaís Isidro da Silva. Presidente/Pregoeiro CPLC - IV.**  
**SECRETARIA DE TURISMO E LAZER – SETUR.**  
Aviso de Licitação, Processo nº 010/2022 - CPL SETUR. Concorrência nº 001/2022. Tipo Menor Preço. Obra, contratação de empresa de engenharia para execução da reforma, adequação e ampliação do Mercado de Artesanato do município de Itapissuma/PE. Valor: R\$ 5.025.861,25. Autorizada pela Câmara de Programação Financeira. Ofício nº 1575/2022/CPFF/SEFAZ (24865682), no SEI. Data e Local da Sessão de Abertura: 30/09/2022, às 10.00h. Secretaria de Turismo e Lazer do Estado de Pernambuco; no Setor Norte do Centro de Convenções, à Avenida Professor Andrade Bezerra, s/n, Salgadinho - Olinda- PE – BR, na sala da CPL – SETUR/PE. (CEP-53.111.970). O edital, na íntegra, poderá ser retirado no Mural de Licitações do PE- Integrado [www.peintegrado.pe.gov.br](http://www.peintegrado.pe.gov.br), a partir de quarta-feira, 31/08/2022. Olinda, 29 de agosto de 2022. **Mary Clea Ferraz de Castro – Presidente da CPL – SETUR.**



**GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**  
**DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM**  
**DIRETORIA DE OPERAÇÕES**

Retificação publicação de 27/08/2022  
Onde se lê: Edital 140/2021-TP  
LEIA-SE: Edital 140/2022-TP





**PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE URUPÊS/SP**  
**AVISO DE LICITAÇÃO - TOMADA DE PREÇOS Nº14/2022 – PROCESSO Nº93/2022 - TIPO: MENOR PREÇO GLOBAL. OBJETO:** Contratação de empresa especializada para realizar serviços de recapeamento asfáltico, com reparo em seus perfis, numa área total de 2.343,10 metros quadrados, conforme especificações constantes do Edital. **ENCERRAMENTO:** 19/9/2022 (segunda-feira), às 9h (nove horas - horário de Brasília/DF). O texto integral do referido Edital poderá ser lido e obtido no Setor de Licitações desta Prefeitura, situado na Rua Gustavo Martins Cerqueira, nº 463, Saguão 2, Centro, em Urupês/SP, nos dias úteis, de segunda a sexta-feira, no horário das 8h às 11h e das 13h às 17h, bem como no endereço eletrônico: [www.urupes.sp.gov.br](http://www.urupes.sp.gov.br). Quaisquer informações poderão ser obtidas pelo telefonafax: (17)3552-1144 ou pelo e-mail: [licitacoes@urupes.sp.gov.br](mailto:licitacoes@urupes.sp.gov.br). **PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE URUPÊS, 29 de agosto de 2022. ALCEMIR CASSIO GREGGIO - Prefeito -**

**PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE URUPÊS/SP**  
**AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO PRESENCIAL Nº33/2022 – PROCESSO Nº94/2022 - TIPO: MENOR PREÇO GLOBAL. OBJETO:** aquisição de 02 (duas) ambulâncias, zero quilômetro, simples remoção, tipo pick-up/furgão, conforme especificações constantes do Edital. A sessão pública de processamento terá início às 9h (nove horas - horário de Brasília/DF) do dia 14/9/2022 (quarta-feira). O Edital estará à disposição dos interessados no Setor de Licitações da Prefeitura, situado na Rua Gustavo Martins Cerqueira, nº463, Saguão 2, Centro, em Urupês/SP, nos dias úteis, de segunda a sexta-feira, no horário das 8h às 11h e das 13h às 17h, bem como no endereço eletrônico: [www.urupes.sp.gov.br](http://www.urupes.sp.gov.br). Quaisquer informações poderão ser obtidas pelo telefonafax: (17)3552-1144 ou pelo e-mail: [licitacoes@urupes.sp.gov.br](mailto:licitacoes@urupes.sp.gov.br). **PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE URUPÊS, 29 de agosto de 2022. ALCEMIR CASSIO GREGGIO - Prefeito -**

**SECRETARIA DE PROJETOS, ORÇAMENTO E GESTÃO**  
**INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA AO SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL - IAMSPE**  
**GERÊNCIA DE CONTRATAÇÃO DE MATERIAIS E SERVIÇOS**  
**NÚCLEO DE CONTRATAÇÃO DE MATERIAIS**

Acha-se aberto, no INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA AO SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL - à Av. Ibirapuera, n.º 981 - 6º andar, o **PREGÃO ELETRÔNICO PARA REGISTRO DE PREÇOS N.º 564/2022 - PROCESSO IAMSPE N.º 3347/2022 - OFERTA DE COMPRA Nº 532101530552022C01271 - PARA AQUISIÇÃO DE: DIFENDRAMINA 50 MG/ML INJETÁVEL AMP 1ML; SOLUÇÃO SALINA BALANCEADA BOLA 500ML; ANFOTERICINA B COMPLEXO LIPÍDICO 100 MG 20 ML; PARECOXIB 40MG FRAMP**. O encerramento e abertura dar-se-ão no dia 12/09/2022 às 9:00 HS. Os interessados deverão acessar, a partir de 30/08/2022, o endereço eletrônico: [www.bec.sp.gov.br](http://www.bec.sp.gov.br) ou [www.bec.fazenda.sp.gov.br](http://www.bec.fazenda.sp.gov.br), mediante a obtenção de senha de acesso ao sistema e de credenciamento de seus representantes. O EDITAL DA PRESENTE LICITAÇÃO ENCONTRA-SE DISPONÍVEL TAMBÉM NO SITE [WWW.E-NEGOCIOSPUBLICOS.COM.BR](http://WWW.E-NEGOCIOSPUBLICOS.COM.BR). SÃO PAULO, 29 AGOSTO 2022.



**PREFEITURA MUNICIPAL DE ÓLEO**  
**Extrato de Contrato**  
**Contrato de N.º 49/2022**


CONTRATANTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE ÓLEO. CONTRATADA: VAMBERTO PIOVESAN JUNIOR, com sede na SIT: SANTA LUZIA, nº 01 - FARTURA e registrada sob o CNPJ nº 21.249.997/0001-98. OBJETO: Aquisição de gêneros alimentícios oriundos da Agricultura Familiar rural para atender a Alimentação Escolar, fundamentando-se nas diretrizes estabelecidas pelo PNAE, com o intuito de uma alimentação saudável e adequada, compreendendo o uso de alimentos variados e seguros, visando ao desenvolvimento sustentável, com incentivos para aquisição de gêneros alimentícios diversificados, sazonais, produzidos em âmbito local e pela agricultura familiar, no Município pelo prazo de 6 (seis) meses. FUNDAMENTO LEGAL: Dispensa de Licitação n.º 0016/2022 – art.24 da Lei 8.666/93- Proc. 049/2021. VALOR R\$: 5.126,00(Cinco Mil Cento e Vinte e Seis Reais). DATA DE ASSINATURA DO CONTRATO: 29 de agosto de 2022.  
29 de agosto de 2022  
Jordão Antônio Vidotto - PREFEITO MUNICIPAL

**ESTADO DE SANTA CATARINA**  
**FUNDO MUNICIPAL DE SAÚDE DE CANOINHAS**

**EDITAL DE TOMADA DE PREÇOS Nº. FMS 02/2022**  
O Município de Canoinhas/SC, através do Fundo Municipal de Saúde, CNPJ nº. 11.206.680/0001-10, sito à Rua Felipe Schmidt, nº 20, centro, fará realizar no dia 11/09/2022, às 08h45min, licitação para **CONTRATAÇÃO DE EMPRESA ESPECIALIZADA PARA A EXECUÇÃO DE REFORMA DA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE ERVINO TREML, LOCALIZADA NA RUA TECLA WEINFURTER, Nº 85, BAIRRO ÁGUA VERDE, NA CIDADE DE CANOINHAS, COM O FORNECIMENTO DE MÃO-DE-OBRA E MATERIAIS NECESSÁRIOS**. Recebimento de propostas até às 08h30min do dia 14/09/2022. Informações (47) 3621-7705. Cópia do edital no site: [www.pmc.sc.gov.br](http://www.pmc.sc.gov.br) no link licitações.  
Willian Godoy Ferreira de Souza - Prefeito

**Prefeitura do Município de Caieiras**  
**Secretaria de Administração - Diretoria de Compras**


**EDITAL DE ABERTURA DO PREGÃO PRESENCIAL Nº 081/2022**  
**ÓRGÃO:** Município de Caieiras. **EDITAL:** 081/2022. **OBJETO:** Registro de preços para eventual contratação de empresa para prestação dos serviços de manutenção nos extintores de incêndio. Os serviços compreendem manutenção de extintores de incêndio níveis 2 e 3 (desmontagem dos equipamentos, inspeção das peças internas, testes de ensaio para verificar se tudo está funcionando normalmente, teste hidrostático, pintura do cilindro e recarga) conforme ABNT e NBR pertinentes aos serviços dessa natureza, conforme termo de referência. **MODALIDADE:** Pregão Presencial. **DATA DE ENTREGA DOS ENVELOPES:** data 12/09/2022 às 08h30min e **ABERTURA DOS ENVELOPES:** na mesma data e horário. As empresas interessadas poderão solicitar o envio do Edital via e-mail, bem como ficará disponível no Site do Município de Caieiras [www.caietas.sp.gov.br](http://www.caietas.sp.gov.br) - (Portal de Transparência). Os e-mails para envio do Edital são: [licitacao@caietas.sp.gov.br](mailto:licitacao@caietas.sp.gov.br) ou [licitacao.caietas@gmail.com](mailto:licitacao.caietas@gmail.com). Maiores informações pelo telefone 4445-9240, no horário das 09h00min às 16h00min. Não enviamos o edital por fax e/ou correio.  
Caieiras, 29 de Agosto de 2.022.  
**SAMUEL BARBIERI PIMENTEL DA SILVA**  
Diretor de Compras e Licitações



**FOLHA**  
**mpme**  
**Um guia para a micro, a pequena e a média empresa.**

Receba dicas e informações de como melhorar seu negócio, conheça casos de sucesso e tendências dos diferentes setores e saiba quais os problemas que afetam os empreendedores.

**Na Folha e no site. Não perca.**

**bradesco**

**Patrocínio:**

**Realização:**  
**FOLHA**















# Os dez anos da lei de cotas

Cinco direções promissoras para aprimorar a política nos próximos anos

Cecilia Machado

Economista-chefe do Banco BOCOM BBM e professora da EPGE (Escola Brasileira de Economia e Finanças) da FGV

Em resposta à lei de cotas nas instituições federais de ensino superior (IFES), que acaba de completar dez anos, a proporção de matrículas dos grupos (a) de alunos oriundos de escolas públicas, (b) de pretos, pardos e indígenas oriundos de escolas públicas e (c) de pretos, pardos e indígenas de baixa renda oriundos de escolas públicas aumentou, respectivamente, 10, 7 e 2 pontos percentuais, uma variação 18%, 29% e 34% relativa à média das matrículas em cada grupo (Mello, 2022).

Os dados mostram de forma incontestável que a reserva de vagas democratizou o acesso

ao ensino superior gratuito, diminuindo um pouco as inúmeras desigualdades econômicas e étnico-raciais ainda presentes na nossa sociedade.

Se de um lado a política de cotas foi capaz de promover a inclusão e diversidade, de outro há detalhes de implementação que podem ser aprimorados, magnificando sua eficácia para o público alvo. Cerebro esta década de conquistas listando cinco direções promissoras para a políticas de cotas.

1. Alocação de vagas: cada candidato compete por vagas apenas na modalidade de cota escolhida. Isso significa que

um candidato que é negro, de baixa renda e oriundo de escola pública participa em apenas uma das quatro listas para o qual se qualifica (ensino médio em escola pública; ensino médio em escola pública e negro; ensino médio em escola pública e baixa renda; ensino médio em escola pública, negro e baixa renda). A combinação de critérios de elegibilidade, ao invés de expandir, diminui o conjunto de escolhas.

No modelo atual, é possível que um candidato seja rejeitado quando escolhe lista que considera todos os seus atributos, mas aceite quando participa de

lista com menos atributos. Permitir que os candidatos participem em todas as listas para o qual se qualificam corrige essa distorção (Aygün e Bó, 2021).

2. Comissões de heteroidentificação racial: apesar do caráter autodeclaratório da raça/cor, diversas denúncias de fraudes vêm levado à criação de comissões nas universidades para análise da declaração dos candidatos. Entretanto, a ausência de critérios objetivos e aplicáveis em âmbito nacional resulta em disputas morosas e custosas, que acrescentam insegurança e incerteza na escolha dos candidatos

cotistas. Aperfeiçoar os mecanismos de validação e estimular a autodeclaração de acordo os objetivos postos pela política de ação afirmativa.

3. Focalização por renda: cerca de 75% da população satisfaz o critério de 1,5 salários mínimos per capita, evidenciando que esta é uma característica abrangente da baixa renda. A focalização da política de cotas entre os mais pobres pode ampliar a representatividade dos mais vulneráveis em cada grupo elegível à cota.

4. Permanência e progresso: apenas 43% dos alunos em IFES concluíram seu curso ao fim de dez anos após o ingresso (Inep, 2022). A progressão dos alunos em seus cursos de escolha segue um dos principais desafios para a política de cotas, especialmente para alunos de baixa renda. Combinar critérios de admissão por cotas com políticas de permanências dos cotistas é importante para garantir que o acesso ao ensino superior se materialize

em um diploma universitário.

5. Avaliação longitudinal e acesso a dados: o aumento das matrículas é apenas o primeiro de muitos efeitos previstos pela política de cotas. Democratizar o acesso a informações e permitir a vinculação de fontes alternativas de informação às bases de dados do Inep é fundamental para avançarmos no conhecimento sobre as políticas de ação afirmativa, entendendo a forma pela qual o acesso ao ensino superior expande as opções de emprego e as trajetórias profissionais dos cotistas e quais políticas adicionais se farão necessárias para garantir os ganhos educacionais se convertam em reais oportunidades.

As desigualdades da sociedade brasileira são muitas, e o combate à pobreza e o estímulo à mobilidade social dificilmente serão resolvidas com uma bala de prata. A lei de cotas é apenas um dos muitos passos que se farão necessários para combater nossas desigualdades.

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

# Adotar ‘quiet quitting’ exige... trabalhar direito

Trabalhadores que rejeitam o estresse e o risco de burnout da cultura dos batalhadores devem fazê-lo com ética

## OPINIÃO

John Gapper

Colunista de negócios do FT Weekend. No jornal desde 1987, foi comentarista-chefe de negócios e editor de opinião e análise do jornal. Já trabalhou em Londres, Nova York e Tóquio, e cobriu bancos, mídia e tecnologia e emprego

**FINANCIAL TIMES** No conto “Bartleby, o Escrivão” (1853), de Herman Melville, o personagem-título trabalha em Wall Street e, por motivos misteriosos, primeiro começa a desacelerar seu trabalho e depois entra em greve, sem sair do escritório. Sempre que o chefe solicita que ele escreva algum documento, sua resposta é o refrão “eu preferiria não fazê-lo”.

Alguns dos equivalentes atuais de Bartleby adotam uma tática menos desafiadora e optam pelo “quiet quitting”. A ideia ganhou fama rapidamente depois por que o desenvolvedor de software Zaid Khan, 24, postou no TikTok um vídeo que o mostrava sentado em uma estação de metrô de Nova York, refletindo sobre o conceito. A narração tranquila dele, por sobre uma trilha sonora musical suave, de piano, tinha o efeito calmante requerido.

“Você não está desistindo de vez de seu trabalho; está só desistindo da ideia de ir acima e além do dever. Você continua a desempenhar suas funções, mas não adere mais à mentalidade da cultura batalhadora, que faz do trabalho a coisa mais importante de sua vida”, disse Khan em julho.

O vídeo dele parece ter ecoado entre os espectadores: foi assistido 3,4 milhões de vezes até esta semana e gerou incontáveis respostas simpáticas nas mídias sociais.

Pode ser irritante para as empresas e gestores ter de

encarar uma nova geração de trabalhadores que se limitam a cumprir seu dever passivamente, fazem apenas o mínimo necessário e vão embora quando suas horas regulares de trabalho chegam ao fim.

Mas a atitude tem alguma lógica: depois de décadas em que a intensidade do trabalho só cresceu, diante de metas cada vez mais ambiciosas e sujeitos a uma cultura que torna obrigatório batalhar, os jovens trabalhadores agora desenvolveram uma maneira eficiente de resistir.

O fenômeno não é realmente novo. Locais de trabalho sempre estiveram repletos tanto daqueles que buscavam ambiciosamente uma promoção quanto de outros trabalhadores que preferem moderar seu esforço. Embora as publicações sobre gestão costumem oferecer conselhos sobre como motivar trabalhadores e levá-los a se tornar parte ativa de equipes, a fim de alcançar o que o escritor Jim Collins certa vez descreveu como “objetivos grandes, cabaludos e audaciosos”, nem todo mundo quer chegar à Lua.

Mas o trabalho se tornou mais estressante para muita gente depois da pandemia, da mudança para o trabalho remoto e de uma onda de demissões voluntárias. Há uma grave escassez de pessoal nos transportes e em outras indústrias, intensificando as pressões sobre aqueles que permanecem. A geração Z pode estar desistindo discretamente ou, como diz um antigo professor, optando por “trabalhar discretamente”, mas, no caso de trabalhadores mais velhos, o que aconteceu foi demissão voluntária pura e simples.

“Os trabalhadores agora estão sendo solicitados a fazer mais do que é sustentável”,



Catarina Pignato

diz Sim Sitkin, professor de administração de empresas na Universidade Duke.

“É um ritmo de prova de velocidade. Não dá para mantê-lo durante toda uma maratona”. Ele menciona um porteiro com quem conversou recentemente em Nova York, e cuja jornada semanal de trabalho tinha subido para 80 horas por causa da falta de pessoal.

Os jovens profissionais já têm de encarar grandes expectativas. Em algumas profissões, como os bancos e a advocacia, o pessoal júnior precisa trabalhar jornadas longas e se dedicar intensa-

mente, em troca de altos salários iniciais. Há risco constante de esgotamento antes que eles sejam promovidos a postos com maior autonomia.

As empresas também ajudaram a causar rebeliões contra elas mesmas ao terceirizar trabalhos e limitar a segurança no emprego. Isso vem dando aos mais jovens incentivos para desenvolver projetos paralelos, e dividir seu tempo entre o trabalho, que paga suas contas, e projetos criativos nos quais eles se envolvem por paixão. Isso os torna mais propensos a desistir discretamente e a dedicar mais tempo

e energia às próprias ideias.

Desistir discretamente é uma resposta moderada, se comparada ao “tangping” (deitar no chão), a rebelião dos jovens contra trabalhos extremamente enfadonhos que emergiu na China no ano passado, causando alarme. O termo foi cunhado por Luo Huazhong, 26, que abandonou o emprego ir viajar. “Estou só rodando por aí, e não vejo nada de errado nisso”, escreveu.

Mas qualquer pessoa que esteja pensando em desistir discretamente precisa agir com cuidado. Se uma empresa perceber que os trabalha-

dores estão se distanciando furtivamente do trabalho, sua reação pode ser esclarecida: aumentar os salários e adotar uma abordagem de gestão mais gentil. Mas também pode ser a de impor contratos de trabalho mais rigorosos, monitoramento adicional e medidas para dificultar a redução do ritmo.

Portanto, aqui vai meu conselho para aqueles que querem adotar o “quiet quitting”. Primeiro, vá ao escritório regularmente e seja visto em pessoa, em lugar de trabalhar de casa o mais que puder. Escritórios são lugares perfeitos para quem quer criar a impressão de que está trabalhando, enquanto toma café, conversa com os colegas e faz uma pausa. Aparecer em pessoa no escritório basta para enviar uma mensagem de dedicação ao trabalho, hoje em dia.

Em segundo lugar, procure se afastar sem deixar de fazer bem o seu trabalho, pela jornada que conste do seu contrato, em lugar de enrolar constantemente (ainda que papear no trabalho constitua uma exceção).

Se você fizer seu trabalho pelas horas contratadas, qualquer necessidade de trabalho adicional terá de ser coberta pelo empregador por meio de novas contratações. Se optar por enrolar em vez de trabalhar, na maioria dos casos caberá aos seus colegas de trabalho cobrir a lacuna. Sua atitude não poderá ser vista como uma rebelião ética se os mais afetados por ela forem seus pares.

Por fim, seja discreto. Se você mudar de rumo muito abruptamente, os gestores perceberão e as coisas talvez fiquem desconfortáveis. Se você quer desistir discretamente, vai ter de trabalhar para isso.

Tradução de Paulo Migliacci



O fundador da Tesla, Elon Musk, em evento na Noruega

Carina Johansen/NTB/AFP

## Elon Musk diz que planeta precisa de mais petróleo e bebês

**OSLO | AFP** O homem mais rico do mundo, Elon Musk, pai de dez filhos, pediu nesta segunda-feira (29) que as pessoas tenham “mais bebês” e também uma exploração maior do petróleo e gás natural.

“Acreditem em mim, a crise dos bebês é um grande problema”, disse o magnata de 51 anos à imprensa em Stavanger, no sudoeste da Noruega, onde participava de uma palestra sobre energia.

Questionado sobre os grandes desafios do mundo, o fundador da fabricante ameri-

cana de carros elétricos Tesla citou a transição energética, mas logo em seguida falou da taxa de natalidade, “uma de suas preocupações favoritas, talvez menos conhecida”.

Nas sociedades ocidentais, como em países muito populosos como a China, a taxa de natalidade está em queda, devido em grande parte ao envelhecimento da população.

“É importante que as pessoas tenham bebês suficientes para perpetuar a civilização”, disse.

“Dizem que a civilização po-

de desaparecer com um estrondo ou com um gemido. Se não tivermos filhos suficientes, morreremos com um gemido [usando] fraldas para adultos. Será deprimente”, acrescentou. “Sim, façam mais bebês”.

Divorciado três vezes, Musk é pai de dez filhos, dos quais um morreu com dez semanas de vida. Outra filha, uma menina transgênero, apresentou recentemente uma solicitação oficial para mudar de sobrenome e de gênero e cortar todos os vínculos com seu pai.

A imprensa dos EUA revelou recentemente que ele teve gêmeos em novembro com uma diretora da Neuralink, semanas antes do nascimento de Exa Dark Sideræl Musk, que teve com a cantora Grimes.

O magnata estimou que o planeta ainda precisa de fontes de energia fósseis.

“Acho que, de forma realista, precisamos usar petróleo e gás no curto prazo, porque senão a civilização desmornaria”, afirmou, “especialmente nesses dias com as sanções contra a Rússia”.



# Senado aprova obrigação de planos de cobrir tratamento fora do rol da ANS

Proposta foi articulada em reação à decisão do Superior Tribunal de Justiça que limitou cobertura

Thaísa Oliveira e  
Phillippe Watanabe

BRASÍLIA E SÃO PAULO O Senado aprovou nesta segunda-feira (29) o projeto de lei que obriga os planos de saúde a arcar com procedimentos ou tratamentos que não estejam na lista de referência básica da ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar), colocando fim ao chamado rol taxativo. O texto vai à sanção presidencial.

A proposta resgata o rol exemplificativo e estabelece que a relação de procedimentos da ANS serve apenas de “referência básica” para os planos de saúde. Desta forma, os beneficiários poderão pedir a cobertura de tratamentos que não estejam na lista, desde que sejam reconhecidos por outras agências ou que haja comprovação científica.

O projeto de lei foi aprovado no começo de agosto na Câmara dos Deputados em reação à decisão do STJ (Superior Tribunal de Justiça). Em junho, o tribunal entendeu que as operadoras de planos de saúde são obrigadas a custear apenas os 3.368 tratamentos que estão na lista da ANS.

Apesar de integrar a base do governo de Jair Bolsonaro (PL) —que era contra a proposta—, o relator do texto, o senador Romário (PL-RJ), defendeu a derrubada do rol taxativo e manteve as mudanças aprovadas pelos deputados.

Romário afirmou que a de-

que defenderam o fim do rol taxativo foram aplaudidos.

“O rol taxativo impacta negativamente a vida de 48 milhões de usuários de planos de saúde. Atinge, especialmente, pessoas com deficiência, autistas, portadores de doenças raras. Não podemos inviabilizar o acesso da população a exames, terapias, cirurgias, fornecimento de medicamentos”, afirmou o senador Paulo Paim (PT-RS).

A diretora executiva do Idec (Instituto Brasileiro de De-

fesa do Consumidor), Carlota Aquino, afirma, em nota, que a decisão de deputados e senadores mostra “o quanto o direito à vida das pessoas está acima de qualquer interesse financeiro por parte das operadoras”.

Segundo o Idec, o projeto de lei é benéfico para os consumidores e para o SUS e garante que a judicialização da saúde não aumentará ainda mais. Com o projeto, a autonomia dos profissionais de saúde ainda fica garantida,

O texto altera a lei que trata de planos de saúde para determinar que as operadoras se sujeitem simultaneamente à regra e à lei de proteção do consumidor —hoje, só são submetidas à Lei de Planos.

**O que acontece após a aprovação no Senado?**

O texto será enviado para sanção do presidente da República.

**O que é o rol exemplificativo?**

Quando prevalece o entendimento de que o rol é exemplificativo, a lista da ANS serve apenas como uma “referência básica”, que prevê os tratamentos que todas as operadoras são obrigadas a cobrir. Assim, a cobertura pode ir além da lista e incluir outros

“  
Hoje é um dia histórico. Inesquecível. Um dia em que a sociedade brasileira se mobiliza e vence o lobby poderoso dos planos de saúde

**Romário**  
senador (PL-RJ)

procedimentos, desde que tenham sido prescritos por médicos e tenham justificativa e eficácia comprovadas.

**O que é o rol taxativo?**

O rol taxativo, por sua vez, restringe a cobertura das operadoras de planos de saúde aos procedimentos da lista da ANS, sem a possibilidade de incluir outros tratamentos.

**Qual o rol adotado hoje?**

O projeto aprovado nesta segunda-feira (29) no Senado fixou o entendimento de que o rol é exemplificativo. A proposta foi uma reação a uma decisão do STJ, que em junho desobrigou as operadoras de custear procedimentos não incluídos na lista.

afirma o instituto na nota.

“A aprovação do PL 2033/22 representa uma grande vitória para os mais de 49 milhões de usuários de planos de saúde e para as famílias que tiveram tratamentos negados, após o erro proferido pelo STJ”, afirma Aquino.

O projeto foi aprovado em caráter simbólico. Em meio à campanha eleitoral e à pressão das entidades, até mesmo senadores governistas saíram em defesa do fim do rol taxativo.

Na semana passada, durante sessão de debates temáticos no Senado, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, criticou a proposta. Ele argumentou que os planos de saúde terão mais custos, e que a conta será repassada aos consumidores.

Já o diretor-presidente da ANS, Paulo Rebello, afirmou que o rol taxativo é dinâmico, que os prazos para incorporação previstos na norma editada neste ano vão acelerar a análise de novos tratamentos e que a mudança na relação da agência causaria “desequilíbrio” no setor de saúde.

A Abramge (Associação Brasileira de Planos de Saúde) diz que o projeto aprovado no Senado “pode levar o setor de saúde brasileiro, privado e público, a um colapso sistêmico” e que trará riscos à segurança dos pacientes.

A associação diz não ter havido um “debate técnico mais aprofundado sobre o assunto”.

Em nota, a Abramge diz ainda que o processo de atualização da lista de cobertura dos planos de saúde é realizado de forma contínua e embasado em estudos de avaliação de tecnologia em saúde, “com prazos reduzidos, tornando o Brasil referência mundial quanto a sua rapidez em incorporar, com segurança e cobertura imediata novas tecnologias de saúde nos planos”.

## Folha promove sabatinas sobre educação

### ELEIÇÕES 2022

SÃO PAULO A Folha promove nesta semana, em parceria com o movimento Todos Pela Educação, sabatinas sobre educação com representantes das campanhas dos candidatos à Presidência mais bem colocados nas pesquisas eleitorais.

Na quarta-feira (31), às 11h, a entrevista é com Rossieleli Soares, representante da campanha de Simone Tebet (MDB). Rossieleli foi ministro da Educação na gestão Michel Temer (MDB) e secretário da Educação do Amazonas nos governos de Omar Aziz (PSD) e José Melo (Pros), e de São Paulo, no governo João Doria (PSDB).

Na quinta-feira (1º), às 15h, o entrevistado será o deputado federal Reginaldo Lopes (PT-MG), representando a campanha de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Formado em ciências econômicas, Lopes é líder da bancada do PT na Câmara.

No mesmo dia, às 17h, será a vez de Ivo Gomes, prefeito de Sobral (CE), falar pela campanha de Ciro Gomes (PDT). Sobral é destaque nacional na educação, com a maior nota no Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de 2019 entre os municípios com mais de 100 mil habitantes. Ivo comanda o município desde 2017.

A campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL) foi convidada, mas optou por não mandar representante.

As sabatinas serão mediadas pelo repórter da Folha Paulo Saldanha, especializado em educação, e por Priscila Cruz, cofundadora e presidente-executiva do Todos pela Educação. O público poderá participar enviando perguntas e comentários por WhatsApp, no número (11) 99648-3478.



Monique Medeiros (à esq.), mãe de Henry Borel, deixa a prisão, em Bangu, no Rio de Janeiro. Gabriel Bastos Mello/Onzex Press e Imagens/Folhapress

# Ré por morte do filho Henry, Monique Medeiros deixa prisão no Rio e responderá em liberdade

Yuri Eiras

RIO DE JANEIRO Monique Medeiros, acusada de torturar e matar o filho Henry Borel, 4, deixou a prisão nesta segunda-feira (29) no Rio de Janeiro e vai responder ao processo em liberdade.

Ela estava no Instituto Penal Santo Expedito, em Bangu, e teve a prisão preventiva revogada por uma decisão do STJ (Superior Tribunal de Justiça) na última sexta-feira (26).

O padrasto da criança, o ex-vereador Jairo Souza Santos, o Dr. Jairinho, segue preso. Ele é réu por homicídio qualificado.

O Ministério Público do Rio afirmou que ainda analisa se vai recorrer da decisão.

Jairinho e Monique foram denunciados em maio de 2021 por homicídio triplamente qualificado, tortura, fraude processual e coação no curso do processo. A mãe de Henry Borel foi denunciada por fraude processual por declaração falsa no Hospital Real D’Or, em Bangu, durante atendimento médico prestado ao filho um mês antes da morte.

Ela nega qualquer envolvimento com a morte do filho. O ex-vereador, em depoimento em junho, disse que não teve culpa pela morte de Henry.

Monique foi presa pela primeira vez em abril de 2021, e pela segunda vez neste ano ganha o direito de responder o processo em liberdade. Em

abril, ela chegou a deixar a cadeia para cumprir prisão domiciliar com monitoramento por tornozeleira eletrônica.

O ministro João Otávio de Noronha, do STJ, concedeu a liberdade em uma ordem de ofício. Na decisão, ele afirmou que “não se pode decretar a prisão preventiva baseada apenas na gravidade genérica do delito, no clamor público, na comoção social, sem a descrição de circunstâncias concretas que justifiquem a medida”.

O ministro afirmou ainda que ré não apresenta “risco para a aplicação da lei penal” ou “para a segurança da sociedade, o que demonstra a desnecessidade” da prisão.

Leniel Borel, pai de Henry, publicou um vídeo nas redes sociais em que criticou a revogação da prisão de Medeiros. “A decisão do STJ matou novamente meu filhinho Henry”, afirmou. “Estamos falando de uma criança de apenas quatro anos de idade covardemente assassinada, com total conhecimento e omissão da genitora. Essa decisão é no mínimo irresponsável”, completou o pai de Henry.

Henry morreu no dia 8 de março de 2021, no apartamento onde morava com a mãe, na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio. A investigação apontou lesões no crânio, hemorragias e hematomas indicativos de tortura.





Estudantes na Escola Estadual Raul Antônio Fragoso, em São Paulo Rubens Cavallari - 8.fev.21/Folhapress

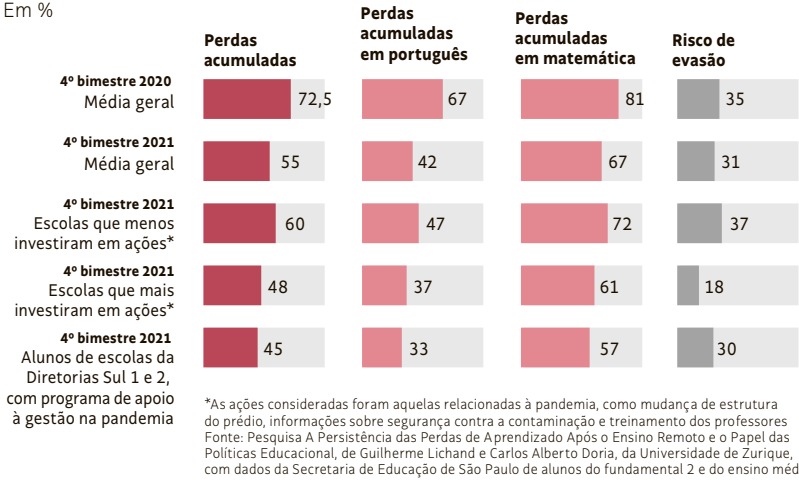
# Apoio à escola na pandemia reduziu perda do aprendizado

Pesquisa foi feita com dados da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

Laura Mattos

SÃO PAULO Alunos que estudam em escolas públicas que tiveram apoio para a gestão administrativa e pedagógica na pandemia, assim como aqueles dos municípios que mais investiram em ações contra a Covid-19 no ambiente escolar, tiveram uma perda acumulada de aprendizado menor do que a média de toda a rede paulista de ensino. A conclusão é de uma nova pesquisa da Universidade de Zurique (Suíça) feita com dados da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. O estudo englobou alunos do fundamental 2 (6º ao 9º ano) e do ensino médio, a partir dos boletins escolares e de provas específicas de português e de matemática. O objetivo foi mapear as consequências, em médio prazo, do fechamento escolar tanto para o aprendizado quanto para o risco de evasão. Para avaliar o impacto de apoio à gestão administrativa e pedagógicas nas escolas, os pesquisadores fizeram um recorte com dados de alu-

## As perdas de aprendizado da pandemia e a diferença das ações na recuperação



nos que estão nos bairros das diretorias de ensino Sul 1 e Sul 2. Ambas estão localizadas na cidade de São Paulo, em regiões socioeconomicamente vulneráveis, como Capão Redondo, Paraisópolis e Jardim Ângela. As duas diretorias de ensino contaram, desde o início

da pandemia, com o apoio dos Parceiros da Educação, uma Oscip (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), parceira de instituições como Todos pela Educação, Itaú Social, Fundação Lemann e Instituto Península. O programa de apoio consistiu no apoio à implementação

de um plano para a gestão das escolas e para a formação pedagógica, além de ações pontuais, como doação de tablets e melhoria na conectividade das escolas. Os estudantes dessas regiões tiveram, ao final de 2021, uma perda acumulada de aprendizado de 45%, contra

55% da média de toda a rede paulista de ensino. Em português, especificamente, a perda acumulada dos alunos das diretorias Sul 1 e Sul 2 foi de 33%, contra 42% da média geral. Em matemática, a diferença foi ainda maior: 57% para os alunos da Sul 1 e Sul 2, contra 67% da perda geral na rede. A pesquisa também detectou um melhor resultado dos estudantes dos municípios paulistas que mais investiram em ações contra a contaminação de Covid-19 nas escolas, de acordo com dados registrados no Censo Escolar de 2021. As iniciativas consideradas pelo estudo são, entre outras, reforma do prédio, treinamento de professores, uso de equipamentos de segurança (como máscara e álcool gel), aprimoramento da limpeza dos ambientes, entre outras. Os estudantes dos municípios que mais implementaram ações contra a contaminação no ambiente escolar registraram, ao final de 2021, uma perda acumulada de aprendizado de 48%, contra 55% da média dos alunos da rede paulista de ensino. Já os das escolas de cidades que menos investiram nessas iniciativas tiveram perda de 60%, maior, portanto, do que a média do estado. As perdas mensuradas pela pesquisa não representam um retrocesso, mas a diferença entre o aprendizado esperado para o período, em uma situação normal, e aquilo que de fato os estudantes aprenderam na pandemia. Os dados

consideram os resultados de provas diagnósticas (que medem se a aprendizagem está ou não avançando), aplicadas na rede paulista pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. As ações das escolas contra a Covid-19 também reduziram significativamente o risco de evasão. Enquanto, na média, no final de 2021, 31% dos estudantes da rede pública paulista corriam um alto risco de abandono escolar, dentre aqueles de municípios que mais investiram em ações contra a Covid-19 nas escolas o número caiu para 18%. Em contraposição, subiu para 37% dentre os das cidades que menos investiram na prevenção no ambiente escolar. “Os resultados deixam claro que as políticas nas escolas fazem diferença significativa para a recuperação das perdas de aprendizado acumuladas na pandemia,” afirma Guilherme Lichand, professor da cátedra Unicef de economia do desenvolvimento e bem-estar infantil da Universidade de Zurique e doutor em política econômica e de governo pela Universidade de Harvard, responsável pelo estudo, em coautoria com Carlos Alberto Doria. Como em 2021 as aulas foram retomadas parcialmente, com revezamento de alunos, e eram suspensas quando havia casos de contaminação, as políticas de prevenção podem ter colaborado para que as escolas tenham tido mais tempo de atividades presenciais e, dessa forma, para que o desempenho dos alunos tenha sido melhor. Além disso, as cidades que investiram mais em ações contra a Covid-19 nas escolas tendem a ter melhor estrutura de educação. Na pesquisa, o risco de abandono escolar é medido pela quantidade de alunos que estão sem notas de português e da matemática nos boletins. Os pesquisadores observaram, em anos anteriores, qual era o número de estudantes sem essas notas e qual foi a evasão. Historicamente, a evasão no Brasil gira em torno de 10%, e, com o fechamento escolar, o risco mais do que triplicou, batendo em 35% em 2020 e em 31% em 2021. Como base de comparação, em 2019, antes, portanto, da pandemia, 1,7% dos alunos do Estado de São Paulo não tinham notas de português e de matemática no boletim. Em 2020, o número saltou para 7,9% e em 2021, baixou pouco, mas era 7,5%. Esse estudo é o terceiro de uma série conduzida pelos pesquisadores brasileiros na Universidade de Zurique, com base em dados oficiais de São Paulo.

# Universidades preparam cursos para estudar a criminalidade

## VIDA PÚBLICA

Emerson Vicente

SÃO PAULO Universidades da América Latina trabalham para tornar a criminologia uma ciência autônoma no meio acadêmico. Com apoio financeiro da União Europeia, docentes de seis entidades latino-americanas, juntamente com universidades da Europa, estão desde janeiro de 2020 preparando o campo para a implantação da carreira, que poderá ter início em março de 2023, com cursos de pós-graduação. Do Brasil, participam do programa a USP (Universidade de São Paulo), por meio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), e a UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Fazem parte do consórcio chamado Erasmus+Success (Fortalecimento do ensino de criminologia por meio da cooperação entre universidades europeias e sul-americanas) duas universidades do Peru, duas da Colômbia, três da Espanha e três de Portugal.

“A ciência autônoma é uma carreira de natureza científica universitária, pode se formar como criminólogo na graduação, fazer mestrado de criminologia. É uma ciência baseada no método científico de construção de conhecimento. É um método de observação, experimentação, de coleta de dados da realidade”, explica Marina Rezende Bazon, professora do Departamento de Psicologia da FFCLRP e membro da Sociedade Internacional de Criminologia, uma das coordenadoras do consórcio no Brasil. Segundo a docente, o programa concorreu com 841 propostas de projeto na União Europeia, em 2019. Ele ficou entre os 176 projetos selecionados para o financiamento de 1 milhão de euros (cerca de R\$ 5 milhões). “Boa parte do financiamento criou as condições para esse acesso à informação complementar dos professores sul-americanos para implementar a criminologia com qualidade”, diz Marina. “Entre junho e julho, 22 professores sul-americanos das

equipes ficaram um mês na Europa [onde países tem a criminologia como ciência autônoma], com tudo pago, estudando nas universidades portuguesas e espanholas. Entre outubro e novembro vão mais 18”. No Brasil, a criminologia está submetida ao direito penal. Na visão dos docentes, isso faz com que a realidade não seja observada como deveria ser, o que limita a prevenção e o controle da criminalidade. “As instituições responsáveis pela administração do sistema de segurança pública e Justiça Criminal não têm uma formação específica sobre os fenômenos relacionados às causas do crime, aos processos de aplicação da lei e aos efeitos da aplicação da lei em termos de causas do crime”, diz Ludmila Ribeiro, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, também coordenadora do projeto. A ideia do curso de nível de especialização seria ensinar as teorias sobre causas e con-

sequências do crime e o processo de aplicação da lei, em uma questão teórica combinada com métodos de pesquisas sociais, com análises qualitativas e quantitativas de dados, para que os profissionais sejam capazes de pensar nos efeitos de suas ações no ponto de vista da prevenção e da repressão ao crime. “A criminologia é vista no Brasil como uma subárea do

direito, é assim que ela está no MEC e é assim que é pensada em diversas faculdades, mas a ideia é que aconteça como ocorre nos EUA e na Inglaterra. Tem a graduação em criminologia, e quando vai fazer a seleção de policiais, vai às escolas de criminologia”, diz Ludmila. O objetivo também é apresentar aos profissionais que atuam na polícia novas ferramentas, novos saberes, para que elas possam pensar a lei em uma perspectiva diferente. “É construir saberes para esse profissional que sejam mais escorados em evidências empíricas, menos guiadas por achismos, e que com isso tenham condições de produzirem resultados sustentáveis do ponto de vista especificamente da prevenção do crime”, explica a professora da UFMG. O curso da USP está em processo de análise dentro das instâncias da universidade, trâmite que deve durar de três a quatro meses. A ideia, segundo Marina Bazon, é que ele possa ser implantado em março como pós-graduação,

com dez disciplinas, como psicologia, economia, administração, direito e química. “A partir daí, espero que as equipes se fortaleçam e consigam continuar propondo versões atualizadas do mesmo curso e quem sabe um dia a própria graduação em criminologia, que seria um passo fundamental para criar a área de conhecimento”. Na UFMG, o curso de especialização também está em processo de aprovação e a ideia é que em março seja implantado. Para Rafael Alcadipani, professor da FGV e membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a iniciativa de fazer da criminologia uma ciência autônoma é bem-vinda. “Ele [ensino de criminologia] está muito preso na área de direito, com as questões legais, mas existe um mundo na criminologia para compreensão de crime, para compreensão de polícia, para compreensão de uma série de coisas que ainda está deixando muito a desejar no Brasil para esse tipo de conhecimento”, diz.



A ciência autônoma é uma carreira de natureza científica universitária, pode se formar como criminólogo na graduação, fazer mestrado de criminologia

Marina Rezende Bazon professora da FFCLRP



# USP instala grades no lugar de painéis do muro de vidro

Universidade fez duas licitações para a obra, que deve custar R\$ 3 milhões; não há prazo para conclusão dos trabalhos

Bruno Lucca

SÃO PAULO A USP (Universidade de São Paulo) iniciou no dia 14 de junho a instalação de grades em parte do muro de vidro que separa a raia olímpica da instituição da marginal Pinheiros, na zona oeste da capital paulista. Os gradis substituem painéis de vidro quebrados.

Com recursos da própria universidade, fora realizada uma primeira licitação no início deste ano para instalação de parte do gradil. Para conclusão dos trabalhos, ainda sem prazo, foi realizado um segundo processo licitatório, cujo vencedor deve ser anunciado em setembro.

Segundo a USP, a opção por duas licitações se deu pela extensão da obra e pela quantidade de gradis a serem instalados. Araia tem 2.200 metros.

Os documentos licitatórios não foram divulgados pela universidade, que costuma dar publicidade a todos os seus gastos em seu portal, porém a reportagem apurou que o valor total do projeto deve ser de R\$ 3 milhões.

A Prefeitura do Campus da USP da capital, comandada pela urbanista Raquel Rolnik, preferiu não falar sobre valores, mas afirmou que, por desinteresse das empresas no investimento inicial da universidade, aumentou o valor da segunda licitação das grades em “R\$ 100 ou R\$ 150 mil” para estimular as empreiteiras.



Placa de vidro caída ao lado do muro da USP; grades estão sendo colocadas no lugar

Zanone Fraissat/Folhapress

No último mês de março, Rolnik também prometeu a instalação de um corredor verde em frente ao muro. Segundo ela, o projeto para a licitação está em andamento.

Inaugurado em 2018, o muro de vidro da USP foi um projeto do ex-prefeito João Doria (PSDB). A ideia era que a obra viabilizasse a visualização da raia olímpica e de parte dos prédios da universidade. Fruto de uma parceria sem contrato entre a USP, a Prefeitura de São Paulo e pelo menos 44 empresas, o projeto foi orçado em R\$ 15 milhões.

Problemas surgiram em poucos meses. Em abril de 2019, reportagem da Folha mostrou que houve falhas na instalação que levaram a quebras recorrentes das placas, conforme laudos da Polícia Civil.

A falta de uma peça de borraça usada para calçar as placas de vidro e evitar o contato direto com a esquadria de alumínio, aumentando as chances de quebra, foi detectada pela polícia em análises de peças que se quebraram desde a inauguração do muro.

Em meados de 2020, a Folha apontou haver 22 placas danificadas no local. Em março deste ano, a reportagem contou 45. O número continua similar, porém com a presença de grades em alguns espaços.

Os problemas derivados do projeto acabaram gerando reclamações dos esportistas que usam a raia olímpica.



Teste de luz das fontes e da fachada do Museu do Ipiranga, em São Paulo

Eduardo Knapp/Folhapress

## Reabertura do Museu do Ipiranga terá show com luzes, 200 drones e projeções

INDEPENDÊNCIA, 200

Fábio Pescarini

SÃO PAULO A reabertura do Museu do Ipiranga, na zona sul de São Paulo, terá um show com 200 drones, em alusão ao bicentenário da proclamação da independência. A programação para a reinauguração foi divulgada nesta segunda-feira (29), durante visita técnica do governador Rodrigo Garcia (PSDB).

De acordo com o governo do estado, os drones devem fazer projeções de momentos históricos, do mapa do Brasil e de artistas, às 21h do dia 7.

Oficialmente, a reinauguração, que estava prevista para 7 de setembro, foi antecipada ao dia 6 para evitar manifestações políticas.

No dia 7 está programada uma inauguração simbólica para 200 estudantes de escolas públicas e trabalhadores que fizeram parte da reforma.

O público em geral poderá visitar o museu a partir do dia 8, mas as comemorações pela reabertura começam antes. Estão programadas, por exemplo, projeções na fachada do museu entre os dias 4 e 11 de setembro.

Ao todo, serão oito projeções seguidas de um minuto cada, com trilha sonora do músico André Abujamra, que vão retratar fatos históricos e culturais do país, da arte indígena à Tropicália ou à arte de rua, por exemplo.

Também haverá apresentações musicais, entre os di-

as 8 e 11, com destaque para shows de Daniel, FaFá de Belém, Criolo e Margareth Menezes. As agendas, porém, ainda não foram divulgadas.

Apesar da promessa tanto do governo do estado quanto da prefeitura de que tudo vai estar pronto para a reabertura na próxima semana, o ritmo de trabalhadores é frenético e há trechos ainda com cara de obras, principalmente no subsolo, onde vão funcionar a administração do mu-

seu, salas de estudos, loja, café, anfiteatro para 200 pessoas, e sala de exposições temporárias, de 900 m², além de receptivo com escadas rolantes para acesso ao museu ao público e bilheteria.

No anfiteatro, funcionários encerravam o piso na manhã desta segunda-feira e os assentos ainda estavam com papelão. A sala de exposições temporárias estava empoeirada e salas de estudos ainda não tinham interrupto-

res nas paredes.

Segundo o governo, o custo total da obra foi de R\$ 235 milhões. Além de captação de recursos pela iniciativa privada, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, foram feitos aportes pelo governo estadual e parte por empresas, sem incentivo fiscal. “O governo estadual investiu R\$ 34 milhões no museu, dos quais R\$ 15 milhões foram no edifício-monumento e R\$ 19 milhões no jardim francês”, diz, em nota.

O jardim está praticamente pronto e na manhã desta segunda, funcionários faziam as últimas aparas em plantas e retiravam folhas do chão. A fonte entre o jardim e o prédio do museu permaneceu ligada o tempo todo e estão sendo feitos testes de iluminação à noite nos últimos dias.

De acordo com a Secretaria Estadual de Cultura, a entrada ao público em geral, a partir do dia 8 de setembro, será gratuita nos dois primeiros meses após a reabertura, como mostrou a coluna da Mônica Bergamo. As reservas começam na próxima sexta-feira (3) e os detalhes serão divulgados no site do museu.

Para comemorar o bicentenário, a Prefeitura de São Paulo programou mais de 50 atividades, espalhadas por cerca de 200 pontos da capital.

APOIO



### Programação de reinauguração

#### PROJEÇÃO MAPEADA

Realizada na fachada do Museu do Ipiranga, dividida em oito atos de 1 minuto cada e com trilha sonora de André Abujamra.

**Serviço:** De 4 a 11 de setembro, das 18h30 às 22h, 7 de setembro, das 21h às 22h

#### 200 ANOS COM 200 DRONES

Espectáculo sobre o museu para homenagear a história e a cultura

**Serviço:** 7 de setembro, às 21h

#### APRESENTAÇÕES NO PARQUE DA INDEPENDÊNCIA

SP Companhia de Dança, SP Big Band e Orquestra Jazz Sinfônica

**Serviço:** 8 de setembro, das 18h às 21h

SP Companhia de Dança, SP Big Band e Orquestra Jovem com Almir Sater e Gabriel Sater

**Serviço:** 9 de setembro, das 19h às 21h

SP Companhia De Dança, SP Big Band e Orquestra Funmilayo com Xênia França e Luedji Luna

**Serviço:** 10 de setembro, das 19h às 21h

Banda Sinfônica da Polícia Militar e Geraldo Azevedo, e Osesp (Orquestra do Estado De São Paulo)

**Serviço:** 11 de setembro, das 18h às 21h

Ainda sem datas confirmadas, devem se apresentar os cantores Daniel, FaFá de Belém, Criolo e Margareth Menezes

## Poderees reprodutivos e suas armadilhas

Enaltecemos a maternidade ao mesmo tempo em que maltratamos as mães

Vera Iaconelli

Diretora do Instituto Gerar de Psicanálise, autora de “O Mal-estar na Maternidade” e “Criar Filhos no Século XXI”. É doutora em psicologia pela USP

Segundo a antropóloga Rita Segato, todas as sociedades enaltecem a maternidade ao mesmo tempo em que maltratam as mães —ainda que cada uma o faça do seu jeito. A razão desse aparente paradoxo é que a idealização serve justamente para colocar debaixo do tapete a realidade que preferimos ignorar. Como o tapete é sempre curto, o ignorado retorna na forma de violência e adoecimento. Movimentos de empoderamento de mulheres correm o risco de, inadvertidamente, cair em na mesma armadilha. Pa-

ra evitá-la temos que levar em consideração os diferentes lugares nos quais a idealização da maternidade, erroneamente reduzida à genitora, se ancora.

A possibilidade de gestar, parir e amamentar é realmente espetacular e requer todo respeito e cuidado que uma sociedade possa dispensar. Nada mais indigno do que um povo que despreza aqueles através dos quais surge as novas gerações. Nós somos esse povo. Para compensar o absoluto descaso, é tentador carregar a mão num suposto caráter sagrado da ma-

ternidade. Mas depositar poderes sobre-humanos nessa experiência cobra seu preço, até por que não há nenhuma garantia de que passar por ela nos transformará em boas mães.

Convalescer do parto —geralmente cirúrgico— e elaborar a separação de corpos é uma trabalhadeira a mais para aquela que, além de tudo, acaba se tornando responsável sozinho pelo que se passa com a criança depois desse feito gigantesco. Para os demais, não agraciados com o útero, a conta chega pelo lado inverso: a suposi-

ção de que seriam menos tarlhados para a função de amar e criar filhos do que a genitora. Pode ser devastador quando se é pai ou mãe que não pariu, ou conveniente, quando se quer livrar-se da responsabilidade pelos filhos colocados no mundo.

Lutar sem trégua pela proteção e cuidado das pessoas que gestam e parem é pauta urgente, visto que um grande número vive a perinatalidade em condições de guerra: nas ruas, desassistidas, em situação de extrema pobreza e vulnerabilidade. A outra parte pode ter

melhor situação material, mas também é oprimida por imperativos ideológicos e pelo desamparo social. A carga mental está aí para revelar quem é verdadeiramente responsabilizado pelo que se passa com os filhos ao longo de toda a vida.

Faz parte da luta por defender os cuidados com a perinatalidade e a equanimidade de gênero evitar reforçar os estereótipos que aprisionam mulheres em uma categoria oprimida. A misoginia se alimenta da premissa —construída entre os séculos 18 e 19— de que a anatomia feminina encerraria um ser absolutamente diferente, complementar ao homem e cuja grande potência se revelaria na reprodução. Para com pensar o que as mulheres perderam socialmente resta a exaltação dos prodígios de um corpo que pariu —bola de ferro atada ao pé, que alguns acharam por bem abraçar. E é aí mesmo

que —quem diria?— pode reverter o modelo de virilidade de nossa época: fantasia do poder da vontade —ignorando o inconsciente— e do poder sobre o outro que ensaja a conhecida guerra por prestígio.

Acabar com a opressão contra as mulheres não é inverter oprimido, mas lutar para que o próprio ato de oprimir seja inibido, ou seja, que o próprio sistema sexo-gênero seja atacado. Daí a importância de ter como aliados os movimentos que lhe fazem oposição.

O narcisismo das pequenas diferenças apontado por Freud, mal disfarçado em alguns discursos militantes, revela que a sanha machista de apontar dedos e estar acima do outro faz escola entre homens, mas também entre mulheres, trans, cis, gays, enfim. Se for essa a escolha, não chegaremos a nenhum lugar juntos. Correção, juntxs.



# Sistema baseado em inteligência artificial consegue detectar doença de Parkinson

Biomarcador desenvolvido por pesquisadores dos Estados Unidos também aponta gravidade e progressão da enfermidade pela respiração

Stefhanie Piovezan

**SÃO PAULO** Pesquisadores americanos desenvolveram um sistema baseado em inteligência artificial capaz de detectar precocemente a doença de Parkinson, apontar sua gravidade e progressão. Tudo isso analisando a respiração noturna da pessoa.

A relação entre a doença e a respiração foi notada em 1817, no trabalho pioneiro de James Parkinson. Ela foi confirmada em pesquisas posteriores, porém ainda não é aplicada na avaliação dos pacientes, geralmente diagnosticados com base em sintomas clínicos relacionados às funções motoras, como tremor e rigidez. “A doença de Parkinson apresenta sintomas motores, mas também não motores. Perda de olfato e depressão, por exemplo, são achados que se encontram muitas vezes antes do aparecimento dos sintomas motores, mas como são muito presentes na população, é difícil atribuir como manifestação da doença.

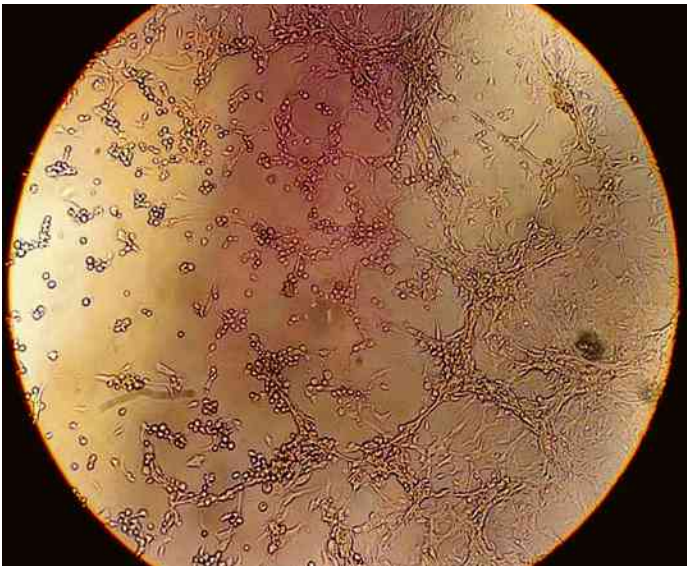
Se começamos a ter outros marcadores, conseguimos somar para identificar precocemente a doença”, explica Carlos Roberto Rieder, presidente da ABN (Academia Brasileira de Neurologia).

Para o médico, a relevância do estudo, liderado por cientistas do MIT (Massachusetts Institute of Technology) e publicado na última semana na revista científica Nature Medicine, é justamente avaliar o padrão ventilatório que pode surgir antes do aparecimento dos sintomas motores, os quais costumam ocorrer quando já houve perda considerável de neurônios.

Os cientistas criaram um modelo de análise a partir dos dados de 7.671 pessoas, 757 delas com a doença, com um total de mais de 120 mil horas de sinais respiratórios noturnos. Os dados foram captados de duas maneiras: por um cinto colocado no peito ou no abdômen que grava a respiração durante toda a noite ou por um sensor sem fio que, instalado no quarto, analisa as

“A doença de Parkinson apresenta sintomas motores, mas também não motores. Perda de olfato e depressão, por exemplo, são achados que se encontram muitas vezes antes do aparecimento dos sintomas motores

Carlos Roberto Rieder  
neurologista



Débora F. Barreto-Vieira/IOC/Fiocruz

## MORTES

coluna.obituuario@grupofolha.com.br

## Jornalista, tratou a notícia com dignidade e respeito

SEVERINO JORGE CALDAS DE ARAÚJO GOES (1952-2022)

Patrícia Pasquini

**SÃO PAULO** Para os amigos de Brasília, por ter nome atípico para um gaúcho, Severino era Biu, forma popular no Nordeste para se referir aos Severinos.

Natural de Santana do Livramento (RS), na fronteira com o Uruguai, ele foi criado em Santa Maria, no mesmo estado, e em 1977 mudou-se para Brasília.

Amante da literatura, em especial de Érico Veríssimo (1905-1975), e mestre da escrita, foi um grande jornalista.

Severino se formou na Universidade Federal de Santa Maria, estagiou na Folha e virou repórter da sucursal de Brasília. Ficou no veículo entre fevereiro e abril de 1986.

Durante a carreira, passou por Redações como a do jornal O Globo, Jornal do Brasil, O Estado de S. Paulo, Gazeta

Mercantil, Gazeta (Porto Alegre) e Zero Hora, segundo a jornalista Letícia Borges, 62, sua ex-mulher.

Fora dos impressos, foi oficial de comunicação e informação pública da OIT (Organização Internacional do Trabalho) no Brasil por dez anos, assessorou os ministérios da Agricultura (governo Collor) e do Planejamento Desenvolvimento e Gestão do Brasil e integrou a equipe de Comunicação do Palácio do Planalto (ambos no governo Temer).

Como assessor de imprensa, ainda esteve na Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho. Mesmo aposentado, não encerrou a carreira. Trabalhava como repórter no Conjur (Consultor Jurídico) na cobertura de temas relacionados ao STF (Supremo Tribunal Federal).

Para Maurício Cardoso, diretor-executivo do Conjur e

Procure o Serviço  
Funerário  
Municipal de São  
Paulo:  
tel. (11) 3396-  
3800 e central  
156; prefeitura.  
sp.gov.br/  
servicofunerario.

Anúncio pago na  
Folha: tel. (11) 3224-  
4000. Seg, a sex.:  
10h às 20h. Sáb. e  
dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na  
seção: folha.com/  
mortes até as 18h  
para publicação  
no dia seguinte  
(19h de sexta para  
publicação aos  
domingos) ou  
pelo telefone (11)  
3224-3305 das 16h  
às 18h em dias  
úteis. Informe um  
número de telefone  
para checagem  
das informações.

ondas de rádio do ambiente e extrai os sinais de respiração.

Além do diagnóstico, o biomarcador funciona como indicativo da progressão da doença, realizada hoje a partir de um questionário chamado MDS-UPDRS (Movement Disorder Society Unified Parkinson's Disease Rating Scale).

De acordo com os pesquisadores, essa avaliação clínica é parcialmente subjetiva, não tem sensibilidade para capturar pequenas mudanças na condição do paciente e requer visitas frequentes a unidades de saúde. Além disso, os ensaios clínicos para aprovação de novos remédios para a enfermidade precisam durar vários anos, até que mudanças no MDS-UPDRS possam ser relatadas com confiança estatística suficiente.

“Nos estudos clínicos, começamos a usar a droga para verificar se ela altera a evolução da doença quando há o diagnóstico clínico dos sintomas motores, mas aí acaba sendo tarde. Até o momento, não existe nada nesse sentido, então é um avanço”, afirma Rieder.

A partir de um dos bancos de dados usados, os autores do artigo compararam os sinais de respiração em duas visitas, com seis anos de intervalo, e descobriram que, em 75% dos casos de pacientes diagnosticados no segundo encontro, o modelo foi capaz de prever indícios da doença já na primeira avaliação.

Na pesquisa, os cientistas verificaram que o modelo consegue capturar a gravidade da doença com significância estatística. Ele tem essa capacidade porque agrega medidas de várias noites seguidas, algo inviável hoje, já que o paciente não conseguiria ir várias vezes à clínica repetir o MDS-UPDRS.

## RJ CONFIRMA MORTE POR VARIOLA DOS MACACOS, 2º NO PAÍS

O Rio de Janeiro registrou a primeira morte no estado por varíola dos macacos —a segunda no país. A vítima é um homem de 33 anos com comorbidades que estava internado em um hospital de Campos dos Goytacazes, declarou nesta segunda-feira (29) a Secretaria Estadual de Saúde. Nesta segunda (29), o Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) divulgou imagens do vírus da varíola dos macacos no momento em que uma célula sofre processo de degeneração após ser infectada. Utilizando um microscópio eletrônico, os cientistas ampliaram 40 mil vezes a amostra.

do Anuário da Justiça, Severino dava dignidade à informação que transmitia.

“Ele amava e levava a sério a profissão. Era rígido com o próprio trabalho e muito ético. Tinha um texto bom, prezava a informação, a apuração e valorizava a informação. Eu o admiro pela seriedade e pelo caráter, e por ser comprometido com a informação, o que faz falta. Informação é mercadoria preciosa, que precisa ser tratada com o respeito”, afirma Maurício.

Biu colecionou amigos. Era introspectivo, exigente no trato e dono de um humor fino.

Severino conheceu Letícia no ambiente jornalístico, mas começou a namorá-la no cinema, durante a exibição do filme “O Exterminador do Futuro” —nada mal para um cinéfilo confesso. Ele guardava uma coleção de filmes em DVDs.

Em casa, o jornalista saía de cena e dava lugar ao exímio cozinheiro e churrasqueiro.

Severino morreu dia 22 de agosto, aos 70 anos, após sofrer um infarto. Separado, deixou os filhos Gabriel, Amanda e Joana.

# Risco de morte sobe em idosos com anemia e fraqueza

Estudo mostra que combinação eleva as chances ao longo de dez anos em 64% em homens e 117% em mulheres

Maria Fernanda Ziegler

**AGÊNCIA FAPESP** Estudo feito por pesquisadores da UFS-Car (Universidade Federal de São Carlos) e da University College London (Reino Unido) aponta que a combinação de anemia e fraqueza muscular em idosos eleva o risco de morrer ao longo de dez anos em 64% no caso dos homens e em 117% entre as mulheres.

Já a anemia de forma isolada aumenta em 58% o risco de morrer no caso de homens idosos. No caso das mulheres, a fraqueza muscular é, isoladamente, um fator de risco mais importante, aumentando em 68% o risco de morte. E, segundo o estudo publicado no periódico Archives of Gerontology and Geriatrics, as duas condições juntas representam um problema maior, sobretudo para mulheres.

“No caso das mulheres, as duas condições combinadas dobram o risco de morte. É um aumento muito grande e, portanto, esses fatores precisavam ser monitorados na clínica. Quando o paciente vai ao consultório, cabe ao médico identificar rapidamente qual é a causa da anemia e tratar, além de descobrir o motivo da fraqueza e indicar exercício resistido”, afirma Mariane Marques Luiz, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Fisioterapia da UFSCar e autora do estudo.

O grupo analisou um banco de dados de 5.310 idosos britânicos acompanhados durante dez anos no âmbito do projeto Elsa (English Longitudinal Study of Aging). O trabalho foi apoiado pela Fapesp.

Marques Luiz ressalta que foram considerados dados de mortalidade geral e que o risco foi maior para portadores das duas condições independentemente de fatores como: idade, consumo de cigarro, estado civil, atividade física, memória, dificuldade em atividade instrumental e presença de doença cardíaca, pulmonar ou câncer.

“Analisamos todas as causas de morte e os resultados mostraram que a combinação dessas duas condições aumenta o risco de mortalidade geral. Isso significa que, independentemente desses problemas, quando a idade está avançada, ter anemia e dinapenia [fraqueza muscular] se torna um fator de risco importante”, diz Marques Luiz.

Entre os 5.310 indivíduos analisados no estudo, 84% não tinham nem anemia nem fraqueza muscular. Apenas 10,7% tinham dinapenia, 3,8% apresentavam anemia e 1,5% conviviam com as duas condições.

Ao longo dos dez anos de acompanhamento dos participantes, 984 mortes ocorreram entre esses indivíduos, dos quais 63,7% não tinham nenhuma das duas condições, 22,8% eram dinapênicos, 7,5% anêmicos e 6% tiveram dinapenia e anemia coexistente.

Estudos anteriores já haviam demonstrado que a anemia é um fator que predis põe à perda de força muscular. Isso porque para uma pessoa anêmica é mais difícil que o oxigênio chegue até o tecido muscular. Em consequência desse processo deficitário, a oxigenação do músculo fica prejudicada. Essa condição, conhecida como hipóxia, afeta

todos os órgãos e tecidos do organismo anêmico.

“Por si só, a hipóxia pode gerar uma série de alterações no organismo, como vasodilatação arterial periférica e diminuição da formação de capilares. Também pode desencadear disfunção no coração e ativar de forma inadequada um sistema proteico [renina-angiotensina-aldosterona] que controla, entre outras coisas, a pressão arterial”, explica Tiago da Silva Alexandre, professor do Departamento de Gerontologia da UFSCar e orientador da pesquisa.

O pesquisador ressalta que todas essas consequências da hipóxia podem se refletir no aumento de risco tanto de doença cardiovascular quanto de mortalidade em geral.

“Quando um idoso tem anemia ele tem mais chances de ter dinapenia. E quando ele tem as duas condições juntas temos um problema ainda mais complexo. Isso porque além da carência de hemoglobina e de ferro existe um impacto da baixa produção de glóbulos vermelhos no sistema musculoesquelético.”

Além de investigar o efeito combinado da anemia e da dinapenia em idosos, os pesquisadores também verificaram se o impacto é diferente em homens e mulheres. De acordo com os resultados do estudo, além de haver uma maior incidência dos dois problemas nas mulheres, a combinação dessas duas condições é ainda mais perigosa para elas.

“Primeiro, há uma questão matemática. Entre as mulheres a prevalência de anemia é um pouco maior. Vale destacar que os pontos de corte também são diferentes para definir anemia no homem e na mulher”, informa Alexandre.

As mulheres parecem ser mais suscetíveis a sofrer o impacto da anemia no sistema musculoesquelético. “Essa diferença pode se dar porque o homem geralmente tem mais massa muscular e, quando tem anemia, o sistema musculoesquelético é menos afetado. Mas essa é apenas uma das possíveis explicações”, diz.

Alexandre ressalta que a dinapenia sozinha foi um fator de risco de mortalidade para a mulher, já a anemia não. “Como a mulher geralmente tem uma perda também importante de massa muscular com o envelhecimento, pode já ocorrer um prejuízo na massa muscular que vai ser acentuado pela anemia”, explica.

Já os homens, embora geralmente tenham mais massa magra, perdem músculo mais rapidamente do que as mulheres durante o processo de envelhecimento.

“Quando um idoso tem anemia ele tem mais chances de ter dinapenia. E quando ele tem as duas condições juntas temos um problema ainda mais complexo

Tiago da Silva Alexandre  
orientador da pesquisa















ORIENTALÍSSIMO

Diogo Bercito  
folha.com/orientalismo

Mostra Mundo Árabe exibe 10 filmes inéditos em São Paulo

De volta ao formato presencial, a Mostra Mundo Árabe de Cinema traz 11 filmes —10 inéditos— a São Paulo. O evento abre sua 17ª edição na quarta-feira (31) às 20h com a exibição de “Caixa de Memórias”, dos libaneses Joana Hadjithomas e Khalil Joreige. O festival segue até o dia 7 de setembro. A mostra é realizada pelo ICArabe (Instituto da Cultura Árabe) com correalização do Sesc São Paulo. Dos 11 filmes no cardápio, 8 serão exibidos no próprio CineSesc (rua Augusta, 2075) e 3 esta-

rão disponíveis online na plataforma Sesc Digital. O evento é gratuito. Esse festival é uma das raras oportunidades que o público brasileiro tem para conhecer as produções recentes de países médio-orientais. A maior parte dos filmes foi lançada no ano passado e, assim, segue atual. Outra característica marcante é o enfoque no dia a dia, em vez dos conflitos excepcionais e dos extremismos que a imprensa costuma relatar. “Sempre tenho essa preocupação de trazer os acon-

tecimentos cotidianos, para que as pessoas vejam um retrato do que acontece longe das lentes da grande mídia”, o curador Arthur Jafet afirma ao Orientalíssimo blog. “É importante que as pessoas conheçam a produção cinematográfica dessa região do mundo”, Jafet diz. “O cinema é uma forma de arte que expressa o estado das coisas.” Jafet também diz que escolhe filmes com mensagens universais. Dá o exemplo de “Sharaf”, que foi pensado como um retrato do Egito mas teve de ser filmado na Tunísia para escapar da censura. “É um filme sobre uma prisão que poderia estar em qualquer outro lugar”, diz. Um ou-

tro exemplo é “Costa Brava”. “O filme trata da corrupção no Líbano, mas poderia se referir a um país latino-americano”, diz o curador. Um dos filmes que deve chamar mais a atenção do público é “Amira” (2021). O diretor, o egípcio Mohamed Diab, é um dos mais aclamados na região. É responsável pelo magistral “Eshtebak” (2016). Mais recentemente, dirigiu a série da Disney “O Cavaleiro da Lua”. “Amira” conta a história de uma garota palestina concebida com o sêmen contrabandeado de seu pai, que está preso. A mostra inclui outros dois filmes sobre a Palestina: “Farha” (2021) e “O Salão de Huda” (2021).

**Aonde Vas**  
Argentina (2017); direção de Javier López Actis

**Amira**  
Egito/Jordânia/Emirados Árabes/Arábia Saudita (2021); direção de Mohamed Diab

**Caixa de Memórias**  
Líbano/Qatar/Canadá/França (2021); direção de Joana Hadjithomas e Khalil Joreige

**Comunhão**  
Tunísia (2021); direção de Nejib Belkadhi

**Costa Brava**  
Líbano/Catar/Dinamarca/França/Noruega/Espanha/Suécia (2021); direção de Mounia Akl

**Farha**  
Jordânia/Suécia/Arábia Saudita (2021); direção de Darin J. Sallam

**Jahilya**  
Marrocos (2018); direção de Hicham Lasri

**O Estrangeiro**  
Síria/Palestina/Qatar/Alemanha (2021); direção de Amir Fakhar Aldin

**O Salão de Huda**  
Palestina/Egito/Qatar/Países Baixos (2021); direção de Hany Abu-Assad

**Sharaf**  
Tunísia/Alemanha/França/Luxemburgo (2021); direção de Samir Nasr

**Uma Emergência Banal**  
Marrocos/Suíça (2018); direção de Mohcine Besri



**TEMPERATURA NÃO PASSA DE 15°C COM CHEGADA DE NOVA FRENTE FRIA A SÃO PAULO; HOJE, MÍNIMA SERÁ DE 9°C, COM NEBULOSIDADE E CHUVAS ISOLADAS**  
Pedestre no Viaduto do Chá, no centro; terça terá máxima de 15°C, segundo o Centro de Gerenciamento de Emergências Climáticas, e termômetros vão a 20°C na quarta Rivaldo Gomes/Folhapress

ZAPPING

Cristina Padiglione  
folha.com/zapping

Canal Brasil começa a gravar série sobre o jornal Notícias Populares

**SÃO PAULO** Já chegou ao set o roteiro da série sobre o Notícias Populares, jornal que coleciona grandes histórias de bastidores ao longo de seus quase 38 anos. O periódico foi produzido pelo Grupo Folha, que edita a Folha de S.Paulo, entre outubro de 1963 e janeiro de 2001. Criado por André Barcinski e Marcelo Caetano, o enredo resgata os anos 1990, quando o país testava os limites do fim da censura com episódios que hoje soariam surreais, dando ao NP um precioso humor ácido que lhe emprestou aura cult. A trama acompanha a pro-

tagonista Paloma, personagem de Luciana Paes, que recebe a missão de assumir a chefia de reportagem do veículo. E traz à tona algumas das histórias que renderam manchetes ao jornal, como bebês diabólicos, palhaços que roubam órgãos de crianças e prostitutas grevistas. Em imagem de uma cena em gravação, obtida com exclusividade pela coluna, o cenário tenta resgatar, ainda que não de modo muito fiel, as famosas pastilhas coloridas que caracterizavam o edifício da Folha na alameda Barão de Limeira, 425, em São Paulo, que abrigava a divertida redação

do NP no 5º andar. O próprio Barcinski trabalhou no NP como editor de variedades. Ao lado de Marcelo Caetano, com quem assina “Notícias Populares”, fez também a boa “Hit Parade”, série lançada em 2021 pelo mesmo Canal Brasil, com enredo que retrata as aberrações da indústria fonográfica nos anos 1980/90. “São oito episódios que vão acompanhar a descida da Paloma ao coração maravilhoso e cruel do Brasil”, resumiu Caetano em reportagem antecipada pela Ilustrada sobre a série. “É isso é interessante no Notícias Populares, ele foi

uma forma de falar da loucura que é o país, dos absurdos do cotidiano brasileiro.” A série pretende também contemplar questões que afetam o jornalismo hoje, como as fake news, o politicamente correto e o sensacionalismo, que naquela época encontrou forte concorrência da TV. Bombava no SBT o Aqui Agora, que a emissora de Silvio Santos até tentou ressuscitar por mais de uma ocasião na década de 2010, sem mais encontrar efeito junto à audiência. “Notícias Populares” é dirigida por Marcelo Caetano e produzida pela Kuarup. Além de Luciana, o elenco conta com Ana Flávia Cavalcanti, Ary França e Rui Ricardo Diaz. Bruna Linzmeyer (Rata) também está na série, sob o crédito de atriz convidada.

ACERVO FOLHA

Há 100 anos 30.ago.1922

Escoteiros participarão da festa do centenário da Independência em SP

Já está quase inteiramente organizado o programa dos festejos oficiais em São Paulo para o Sete de Setembro, que celebrará o centenário da Independência do Brasil. Às 7h, haverá imponente parada na colina do Ipiranga, com quase todos os escoteiros pertencentes à primeira Delegacia Regional de Ensino, que inclui cidades como São Paulo e Guarulhos. Cerca de 15 mil crianças entoarão hinos patrióticos por ocasião do hasteamento do pavilhão nacional no Ipiranga. Mais de 2.000 integrantes da Força Pública esta-

rão presentes, e uma banda da corporação acompanhará os hinos patrióticos.



**LEIA MAIS EM**  
acervo.folha.com.br



# O voo do cisne

Depois de pausa na pandemia, grandes balés americanos destacam dançarinos do Brasil, onde a estabilidade ainda é um problema

Leia nas págs. C2 e C3

Jovani Furlan em montagem de 'Concertino', de Jerome Robbins, no New York City Ballet  
Erin Baiano

TORNE SUA VIAGEM AINDA MAIS INESQUECÍVEL COM UM UPGRADE DE CATEGORIA ESPECIAL E GRÁTIS\*

Ao fazer sua reserva em viagens selecionadas entre 30/08/2022 e 20/09/2022.





★★★  
EXCLUSIVA  
UPGRADE SALE

UPGRADE DE ATÉ  
4 CATEGORIAS

E mais

Escolha um:

- FREE Excursões em Terra
- FREE Pacote de Bebidas
- FREE Créditos a Bordo



Escaneie o código QR com a câmera do seu dispositivo para saber mais

\*Visite [OceaniaCruises.com/terms](https://OceaniaCruises.com/terms) para Termos e Condições.

RESERVE AGORA! A EXCLUSIVA UPGRADE SALE TERMINA EM 20/09/2022  
LIGUE PARA 0800 400 3130 | VISITE OCEANIACRUISES.COM  
CONTATE SEU AGENTE DE VIAGEM

OCEANIA CRUISES®  
Your World. Your Way.®



# MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

## MORDIDA SEGURA

A segurança de Jair Bolsonaro (PL) foi rigorosa na vistoria que fez no prédio da TV Bandeirantes antes do debate presidencial do domingo (28), organizado também por Folha, UOL e TV Cultura. Uma das medidas mais inusitadas foi pedir para que pessoas da organização do evento experimentassem os sanduíches que seriam servidos na sala em que o presidente se instalaria antes de entrar no estúdio, por temor de que algum deles estivesse envenenado.

**LANCHEIRA** Eram pães com seis diferentes tipos de recheios, e os escalados para a missão tiveram que morder uma amostra de cada um dos lanches servidos no camarim. O pedido da segurança surpreendeu até mesmo pessoas ligadas à assessoria do presidente.

**COISARARA** A medida é comum quando envolve mandatários de países visados. Quando viajam, por exemplo, os presidentes dos EUA só ingerem comidas e bebidas trazidas nos aviões de seu próprio país. No Brasil, no entanto, esse tipo de cuidado sempre foi raro.

**CASO PENSADO** O gesto de cordialidade de Lula (PT) em direção a Ciro Gomes (PDT) no debate presidencial de domingo não foi feito de improviso — e contrariou estrategistas de sua campanha eleitoral que o aconselharam a tratar o pedetista com distância e frieza.

**CASO PENSADO 2** Antes do encontro na televisão, o ex-presidente já tinha decidido que lançaria uma ponte na direção de Ciro, e que esperaria apenas uma oportunidade para elogiá-lo no debate.

**NÃO QUERO** Ao responder a uma pergunta que seria comentada pelo pedetista, Lula disse que tinha “profundo respeito” pelo ex-governador e era grato por ele ter participado de seu governo e disse ter certeza de que os dois ainda irão conversar sobre uma aliança. Ciro respondeu com duras críticas aos governos petistas e dizendo que “infelizmente, o Lula se corrompeu mesmo”.

**TODO LUGAR** Os ataques de Jair Bolsonaro (PL) ao governo do Chile não se limitaram ao debate de domingo (28) na TV Bandeirantes. O presidente vem repetindo a conversa também em encontros reservados, dizendo que o Brasil não pode seguir pelo mesmo caminho.

**TREM** Na semana passada, em São Paulo, ele falou a um grupo de empresários que eles deveriam ajudá-lo a vencer e a fazer de tudo para não deixar o país seguir o rumo do Chile, que elegera um presidente de esquerda, Gabriel Boric, e estaria passando por problemas graves por causa disso.

**TREM 2** “O Brasil não pode entrar no trenzinho de Cuba, Venezuela, Argentina, Chile e Colômbia. O Brasil não pode entrar nesse trenzinho. Se entrar, acabou. Todos vão sofrer”, afirmou.

**TREM 3** Em outro momento, Jair Bolsonaro criticou a Argentina e voltou a falar do país de Boric.

## BASTIDORES



Fotos Mathilde Missioneiro/Folhapress



O presidente do Grupo Bandeirantes, Johnny Saad **1**, compareceu ao primeiro debate presidencial da campanha eleitoral de 2022, realizado em pool pela Folha, UOL, Band e TV Cultura. A candidata a deputada federal por São Paulo Rosângela Moro (União Brasil) **2**, mulher do ex-juiz Sérgio Moro (União Brasil), também esteve presente no encontro, na noite de domingo (28). Atrás das câmeras, o deputado federal André Janones (Avante) **3**, apoiador da candidatura do ex-presidente Lula (PT), discutiu com bolsonaristas

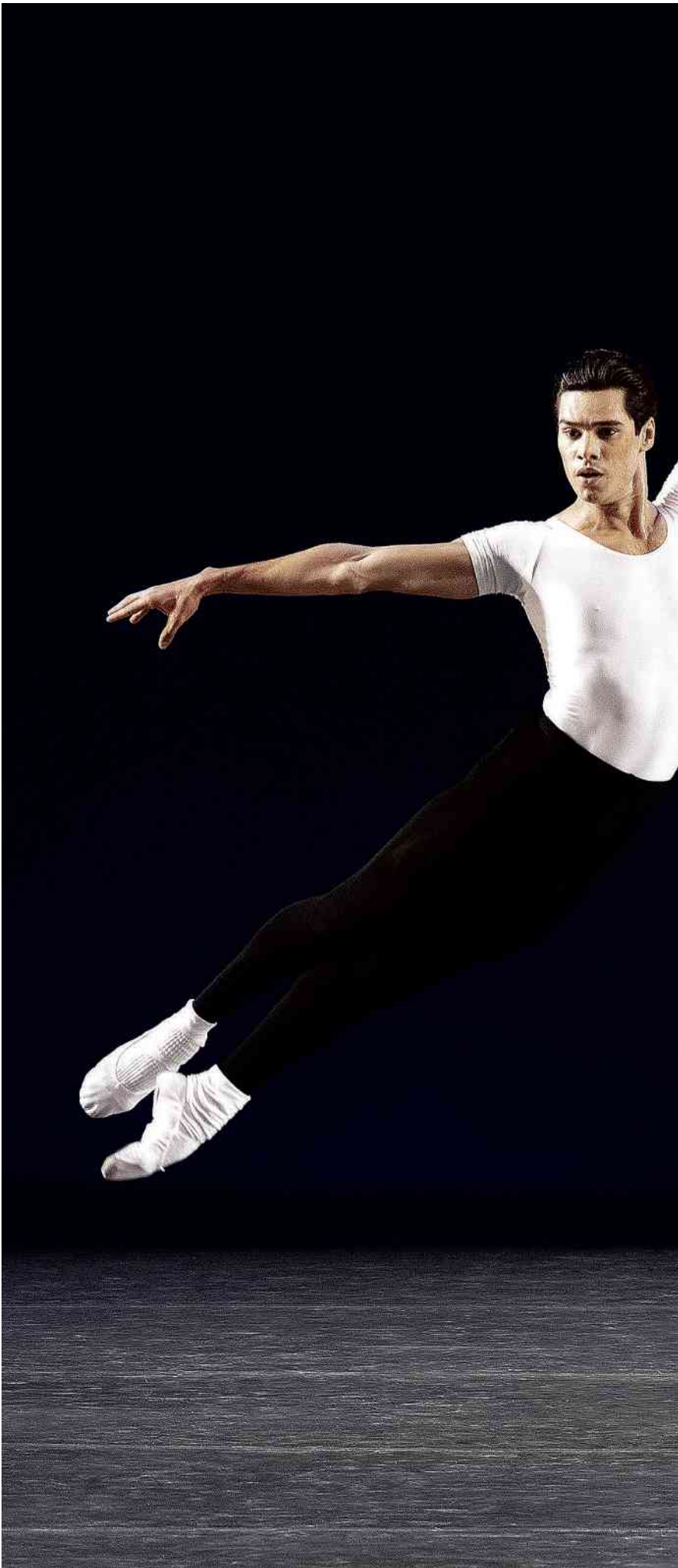
**TORCIDA** O deputado federal Daniel Silveira (PTB-RJ) celebrava as falas de Jair Bolsonaro (PL) com gritos de apoio e palmas nos bastidores do debate entre os candidatos à Presidência no domingo (28), na TV Bandeirantes, em São Paulo.

**CLIMA** Ele disse à coluna que irá participar do ato de 7 Setembro ao lado de Jair Bolsonaro no Rio de Janeiro e que deve comparecer também à manifestação em Brasília. Questionado se há alguma sinalização do mandatário e de apoiadores sobre baixar o tom de possíveis ataques às cortes superiores, ele disse que “não tem essa conversa”.

**LINHA** “Não tem como controlar a massa [...] Diz um ditado antigo: ‘Situações extremas requerem medidas extremas’. Ou seja, tiver elevar o tom, eleva”, afirmou Silveira.

**QUERIDO AMIGO** O padre Júlio Lancellotti celebrará uma missa em homenagem ao aniversário de um ano da morte do ator Sérgio Mamberti. A cerimônia ocorrerá na capela da Universidade São Judas, no bairro da Mooca, em São Paulo, no domingo (4). Os três filhos do artista, Eduardo, Carlos e Fabrício, devem comparecer, assim como amigos e colegas de trabalho de Mamberti.

**PÁGINA** Vinte e nove partituras datadas dos anos 1700, encontradas em de Mogi das Cruzes (SP) e restauradas, serão publicadas no livro “As Solfas de Mogi das Cruzes: Edição Musical e Apontamentos Históricos”. A obra é resultado de pesquisa do historiador Odair de Paula e do maestro musicólogo Rubens Ricciardi, nascida a partir de projeto do músico e produtor Déo Miranda. Selecionado pelo Rumos Itaú Cultural, o volume será lançado no dia 8 de setembro junto a uma aula-concerto, em Mogi.



# Bailarinos brasileiros brilham nos EUA após driblarem a pandemia

Sucesso de Jovani Furlan e Daniel Camargo no exterior contrasta com escassez de oportunidades sólidas no país

## DIAS MELHORES

Amanda Queirós

**SÃO PAULO** Quando os teatros fecharam por causa da pandemia, milhares de bailarinos precisaram pausar uma carreira na qual um ano fora do ar faz muita diferença. Para o catarinense Jovani Furlan, de 29 anos, e o paulista Daniel Camargo, de 30, porém, o período

difícil rendeu oportunidades. Em fevereiro, Furlan se tornou o primeiro dançarino contratado como primeiro-bailarino do New York City Ballet, o NYCB. No mês passado, foi a vez de Camargo galgar o mesmo posto, mas no American Ballet Theatre, o ABT. A dobradinha é inédita e sua relevância pode ser medida pelo peso dessas instituições no cenário da dança.

Criado nos anos 1940, o NYCB mantém vivo o legado coreográfico de seu fundador, o russo George Balanchine, grande renovador do balé clássico no século 20, morto em 1983. Essencialmente americana, a companhia passa por um momento de abertura internacional com a contratação de Furlan e, mais recentemente, do chinês Chun Wai Chan.

[Continua na pág. C3](#)





À esq., Jovani Furlan em montagem de ‘Agon’ no New York City Ballet; à dir., Daniel Camargo em montagem de ‘O Lago dos Cisnes’ no American Ballet Theatre

Erin Baiano e Rosalie O’Connor/Fotos Divulgação

Continuação da pág. C2

Já o ABT, surgido em 1939, tem um elenco mais plural. Foi por lá que brilharam algumas das maiores estrelas desta arte, como a cubana Alicia Alonso, que morreu em 2019, e o americano Fernando Bujones, morto em 2005. Camargo, por exemplo, passa a ocupar um cargo que já foi do russo Mikhail Barishnikov. “São muitos os bailarinos que dançaram ali e me inspiraram”, diz ele, que fez os primeiros plié aos nove anos por influência das duas irmãs mais velhas, também profissionais. Sua vocação ficou logo evidente. Aos 13, ele ganhou uma bolsa para estudar na Escola John Cranko, na Alemanha, da qual saiu com um contrato direto para o Stuttgart Ballet, onde se tornou primeiro-bailarino em 2013. Dois anos depois, migrou para o Het Nationale Ballet, na Holanda, onde recebeu duas indicações ao Benois de la Danse, o Oscar da dança. Em 2019, na busca por fle-

xibilidade, se tornou free-lancer, fez filmes e viajou pelo mundo. Nos últimos tempos, por sua vez, recuperou o seu desejo de ter uma casa fixa. Escreveu então um email para o ABT. Não havia vagas, mas do contato veio o convite para algumas apresentações em junho e julho deste ano. Era na verdade um teste, no qual Camargo provou talento e vigor apesar de ter ficado oito meses parado durante a pandemia. No New York Times, a crítica Gia Kourlas exaltou “o ataque impetuoso, o toque dramático e a energia sem limite” de sua dança durante a temporada. Foi também um email que levou Furlan ao NYCB. Em 2019, ele pediu uma audição e, uma semana depois, foi convidado a se tornar solista da companhia, algo raro para uma instituição que costumava contratar apenas formados em sua própria escola. Segundo o artista, esse era o caminho natural após oito anos no Miami City Ballet,

uma das poucas companhias com repertório regular de Balanchine e na qual ele já atuava como primeiro-bailarino desde 2017. “Eu me apaixonei pela musicalidade e pela textura dos passos desse estilo”, ele diz. Segundo Jonathan Stafford, diretor artístico do NYCB, “Jovani é um excelente companheiro e um bailarino forte e dinâmico, com grande técnica”. Sua promoção já estava decidida quando a pandemia foi declarada e o levou a ficar preso durante 14 meses no Brasil por problemas com seu visto. Em sua Joinville natal, em Santa Catarina, o bailarino viu sozinho as aulas online da companhia na Escola do Teatro Bolshoi no Brasil, onde estudou dos dez aos 17 anos, incentivado pela avó, e se tornou o único artista da família. A princípio contra a carreira, o pai recentemente virou parceiro do filho na Furlan Dancewear, marca de vestuário de dança voltada para homens que destina 10% dos lucros líquidos para jovens ta-

lentos masculinos no país. A ação já custeou despesas para dois estudantes se especializarem na França e na Romênia. A iniciativa é uma retribuição pela ajuda recebida por ele, que durante sua formação teve passagens e alimentação custeadas por quem acreditava no seu potencial. Além disso, seu percurso no Bolshoi foi inteiramente gratuito — a filial brasileira da tradicional instituição russa é mantida por patrocínios e recursos vindos de leis de incentivo fiscal com apoio da prefeitura local e do governo estadual. A trajetória de Camargo, nascido em Sorocaba, no interior paulista, também começou com subsídio público, em instituições como a Escola Municipal de Bailado de Ourinhos, no estado de São Paulo, e a Escola de Dança Teatro Guaíra, em Curitiba. O sucesso dos dois aponta para o papel de políticas como essas na identificação de talentos e preparo para um mercado disputa-

“Existem boas companhias e muitos bailarinos talentosos. As pessoas querem estar no Brasil, mas ainda são poucas as oportunidades

Na Europa, me chamou a atenção o respeito que se tem pelo bailarino. Deveriam acreditar na arte e investir mais, porque ela muda vidas

Daniel Camargo  
bailarino

do, em especial no Brasil, onde ainda são escassas as vagas de emprego com estabilidade e carteira assinada. Esse cenário se agravou com paralisações, corte de salários e demissões por causa da pandemia. Passada a pior fase desse momento, as companhias nacionais seguem o mesmo caminho das internacionais e já retomaram audições e apresentações, como prova a recém-aberta Temporada de Dança do Teatro Alfa 2022, na qual sete dos oito grupos escalados são brasileiros. “Existem boas companhias e muitos bailarinos talentosos. As pessoas querem estar no Brasil, mas ainda são poucas as oportunidades”, diz Furlan, que sempre quis dançar nos Estados Unidos. Segundo Camargo, essa realidade poderia ser transformada com educação. “Na Europa, me chamou a atenção o respeito que se tem pelo bailarino. As pessoas deveriam acreditar na arte e investir mais, porque ela muda vidas.”



# ‘Sul & Oeste’, de Joan Didion, encara contrastes dos EUA em relatos livres

Numa aparente falta de rumo, escritora busca seu lugar a partir de viagens por diferentes regiões

LIVROS  
Sul & Oeste

★★★★★  
Autora: Joan Didion. Trad.: Marina Vargas. Ed.: Harper Collins. R\$ 49,90 (128 págs.); R\$ 34,90 (ebook)

Luciana Araujo Marques

Podemos afirmar que “Sul & Oeste” é composto por duas partes. Na primeira, se toma contato com notas e gravações da perambulação sem rota entre Louisiana, Alabama e Mississippi, no sul dos Estados Unidos, realizada por Joan Didion, morta em 2021, no verão de 1970.

Na segunda, há anotações de 1976, quando ela foi

a San Francisco com o intuito de cobrir o julgamento de Patty Hearst para a revista Rolling Stone. Nenhuma das reportagens foi escritas.

Ler o livro publicado só em 2017, e recém-editado no Brasil, como uma justaposição dessas seções, em que nada se separa —e trazem à tona questões sobre raça, classe, conservadorismo—, é um trabalho que exige do leitor e pode desanimar quem prima por totalizações e acabamentos.

Essa unidade a partir do fragmentário, contudo, é o seu maior mérito e só alcançado como efeito literário por causa da primazia de um gesto autoral na obra.

Na ausência de enredo e na aparente falta de rumo, ou do que se pode intuir de pautas jornalísticas que não se cumpriram, impera o impulso de Didion ao se lançar na jornada. “Estou tentando encontrar o meu lugar na história.”

Ao aproximar geografias humanas e físicas tão opostas em situações vividas e testemunhadas nos anos 1970, passado pontual apenas em tese, os escritos de Didion dizem do todo de um país e do que reservaria o seu futuro. Sobretudo quando se tem em mente a eleição de Donald Trump à presidência em 2016.

É como filha de seu tempo e da tomada de consciência

de seu lugar de origem e de gênero, como mulher branca da Califórnia, fotografada em belos vestidos quando menina e contemplada com bolsas de estudos na juventude, sempre por mérito e nunca por razões econômicas, e não a partir de uma perspectiva pseudoneutra e distanciada, que Didion atinge fundo o coletivo e atravessa diferentes espaços e temporalidades.

O reconhecimento da distinção não significa negar certas irmanações, como a constatada em um local bastante simbólico em Winfield —não custa destacar o peso da ironia contido no nome traduzido para o

português, campo de vitória.

“Na lavanderia não havia hostilidade em relação a mim, nem mesmo curiosidade a meu respeito: depois de passar uma tarde de verão naquela estrutura lúgubre e asfixiante, eu tinha sido transportada para um reino onde todas as mulheres eram irmãs no sofrimento.”

Um feito desta edição na tradução de Marina Vargas pode ser observado já na capa de “Sul & Oeste”. É a opção pelo “&” que não figura no título original em inglês “South and West”.

Esse caráter estabelece uma ligação mercadológica entre as partes e, para quem

o lê no Brasil, não deixa de aludir ao elo comercial escravocrata que se lê no livro “Casa-Grande & Senzala”, de Gilberto Freyre, com sua fábula de “democracia racial”.

Entre os registros de Didion está esta fala de um proprietário branco de uma estação de rádio étnica —“A chave é a harmonia racial e a educação, e vamos tentar proporcionar ambas as coisas a nossa população, porque viveremos juntos por um longo tempo”.

“O futuro sempre parece bom na terra dourada, porque ninguém se lembra do passado.” Assim, se há apagamento no oeste em favor do valor propagandeado de igualdade nas oportunidades, no sul não é possível se desvencilhar do passado colonial. A guerra civil, por exemplo, não teve fim à medida que os sulistas ainda reencenam suas batalhas nos locais onde ocorreram.

Em certos lugares, a luta para seguir vivo tem cor, é diária e não se trata de teatro. Porém, são faces de uma mesma moeda que as duas partes desse livro tratam de revelar.



A jornalista Joan Didion, de óculos, em fotografia de 1977, com Abigail McCarthy e Quintana Roo Teresa Zabala/The New York Times

## Ensaaios de Adriana Lisboa elaboram luto de maneira corajosa

LIVROS  
Todo o Tempo que Existe

★★★★★  
Autora: Adriana Lisboa. Ed.: Relicário. R\$ 49,90 (136 págs.)

Fernanda Silva e Sousa

“E que bobagem isso de literatura”, escreve Adriana Lisboa, ao lembrar as últimas palavras que sussurrou no ouvido do pai no leito de um hospital. Diante de uma perda iminente e inevitável, diz ela que é preciso voltar “às palavras simples, às palavras de dentro, às palavras cicatrizes”, quando é possível entender por que as declarações de amor mais clichês perduram —elas parecem ser tudo que temos quando nos

sentimos incomunicáveis.

Entretanto, é à literatura que a escritora carioca retorna dois meses depois da morte do pai, ocorrida em 2021, e sete anos depois da perda da mãe, em 2014, para escrever “Todo o Tempo que Existe” em meio à pandemia de Covid-19 —da qual seu pai foi uma das vítimas. Premiada romancista e poeta, Lisboa escolhe escrever um ensaio autobiográfico como quem precisa, como todo enlutado, ensaiar novas formas de viver não depois da perda, mas com a perda.

Nesse sentido, o livro evidencia como o luto é um processo que amplia nossa consciência a respeito da dimensão narrativa da vida, na me-

diada em que queremos contar não simplesmente a história dos que se foram, “mas a nossa história com eles e depois deles”. “A história deles em nós.” No entanto, esse anseio é atravessado pela aceitação da autora de que não há linguagem possível para a dor de uma “perda-pedra”.

Não à toa, Lisboa, em meio às lembranças dos pais, que ficaram 50 anos juntos, mobiliza referências artísticas e teóricas que compõem uma espécie de coro que nos lembra que o luto é também uma experiência coletiva, embora com pouco espaço no “grande falatório do mundo”. O “tempo outro do jardim”, por sua vez, como as árvores e flores do Jardim Bo-

tânico, onde passeia, irrompem em seu texto afirmando a força da vida que se renova.

Talvez tenha sido a exuberância da natureza, que insiste em viver mesmo em meio à destruição, contrastando com a tristeza inconsolável da perda, que levou a autora a pensar que falar da morte é falar da vida e do amor. É assim que Lisboa, mais do que escrever sobre o adoecimento ou a morte dos pais, constrói um multifacetado inventário do que foi vivido, pois amar é “ser capaz de lembrar das coisas menos nobres, menos bonitas, menos sãs, e saber: amor ainda assim”.

Assim, conhecemos os pais da autora, seu Arnaldo e dona

Gilda, não por meio de grandes feitos, mas de seus gestos ordinários e profundamente humanos de habitar o mundo e de cuidar dos filhos. O dedo verde de uma mãe apaixonada por jardinagem, as serestas repentinas organizadas por um pai —estes são exemplos dos tantos bens imateriais que aqueles que se foram nos deixam e que podemos inventariar com a literatura.

Esse inventário do amor não é feito, porém, sem a consciência de Lisboa de que precisa se refazer sozinha em um mundo que se torna cada vez mais desconhecido ao não ter mais e seus alicerces. Por isso, ao aceitar o caráter irreparável da perda e a “soberaníssima” mor-

te, as cicatrizes podem se tornar o “lugar por onde a luz penetra em nós”, o mapa em que dor e amor se encontram como parte da travessia do luto.

Em sua estreia no gênero ensaio, Adriana Lisboa, de forma franca e corajosa, nos convida a redimensionar o olhar para a perda de quem se ama, fazendo desta uma forma de investigação da vida que há por trás dela, em que o tempo do luto é também o tempo do amor.

Com nossas “cicatrizes luminosas”, aprendemos, então, a “deixar que a morte exista na vida”, criando nossas narrativas para os mortos, esses “vagalumes que recusam a extinção” e podem brilhar em nós em todo o tempo que existe.



# Obra de Marina Tsvetáieva é ode à resistência

Poeta russa que teve a vida afetada pela guerra ganha agora no Brasil edições que destacam sua clareza e sonoridade

## ANÁLISE

**Raquel Toledo**

Professora, pesquisadora e mestre em literatura e cultura russa pela Universidade de São Paulo

Num de seus primeiros poemas, a poeta Marina Tsvetáieva declara “aos meus versos escritos tão cedo... chegará a sua hora”. O tom premonitório parece se cumprir —os primeiros meses deste ano trouxeram os versos de Tsvetáieva de volta ao mercado editorial brasileiro em novas e muito bem cuidadas edições. O olhar direcionado a ela, porém, está longe de ser inédito.

A começar por Mário de Andrade que em seu livro “A Escrava que Não É Isaura” exalta “Marina Tsvetoiewa”, cuja poesia é um “belíssimo e doloroso grito”. As primeiras traduções, porém, só chegaram em 1968, por meio de “Poesia Russa Moderna”, com traduções de Boris Schnaiderman e dos irmãos Campos.

Essa coletânea inspirou Aurora Fornoni Bernardini a iniciar seus estudos sobre Tsvetáieva, que culminaram na primeira coletânea dedicada exclusivamente à poeta — “Indícios Flutuantes”, de 2006. A partir desses estudos, muito se tem pesquisado e traduzido e esses esforços agora chegam ao grande público.

Marina Tsvetáieva, já poeta, ficou em Moscou após a revolução até a morte de sua filha caçula —e, em 1922, emigrou com sua mais velha para encontrar o marido e se estabelecer na capital francesa.

A vida na imigração não traz alegria, mas dificuldades. A saudade da Rússia é tema de prosas memorialísticas como “O Diabo”, da editora Kalinka, com tradução de Bernardini.

Tsvetáieva só voltará à Rússia em 1939, atrás de notícias de seu marido e de sua filha, que foram antes. Logo Moscou é evacuada, e ela, deslocada para Elabuga com seu filho caçula para fugir da guerra. Sem meios de produzir, nem notícias dos seus, Marina Tsvetáieva se suicida em 1941.

Hoje, quando as palavras “Rússia” e “guerra” estão de novo no contexto sociopolítico, é fundamental olhar para o entusiasmo dos leitores brasileiros pela obra da poeta.

“Elos Líricos: Poemas e Prosa a Grandes Poetas”, com tradução e organização de Paula Vaz de Almeida, da editora Bazar do Tempo, e “Aos Meus Versos, Escritos Tão Cedo..., Chegará a Sua Hora”, traduzido e organizado por Verônica Filippovna, da Ponto Editá, são marcos desse entusiasmo.

“Elos Líricos” traz um recor-

te interessante. A tradutora, doutora em literatura russa pela Universidade de São Paulo, traz uma seleção de poemas que contempla um procedimento artístico típico de Tsvetáieva —a composição de ciclos de poemas temáticos.

Para o volume, Almeida selecionou os ciclos de poesia e prosa em homenagem a diversos poetas russos e a um alemão, Rainer Maria Rilke. Para cada sessão do livro, a edição traz um texto introdutório jogando luz sobre a relevância cultural da personalidade em questão. A cada ciclo há a preocupação de recriar o diálogo que Tsvetáieva produzia de forma explícita com estilo do homenageado.

A tradutora buscou em traduções consagradas algumas expressões que Tsvetáieva usou em seus poemas para que os ecos líricos fossem percebidos em português.

Já “Aos Meus Versos” é uma seleção cronológica de poemas de diferentes fases de Tsvetáieva em versão bilíngue. A responsável pela seleção do material e por traduzir a obra é Verônica Filippovna, que, assim como Almeida, também estuda a obra de Tsvetáieva há anos e é doutora em teoria literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O projeto gráfico é uma experiência —enquanto se passa as páginas, vemos manuscritos, cartões postais e demais “presentes” que fazem do livro uma caixa de surpresas.

As edições têm estilos diferentes também na tradução. Filippovna parece priorizar a clareza, todavia escorrega em algumas escolhas —o verbo “deitar”, em russo, vira “mentir”, sem nada que explique essa troca. Além disso a transliteração do russo segue o modelo americano em vez daquele desenvolvido no Brasil para nosso idioma, já utilizado no mercado editorial.

Já Almeida procura recriar sentido aliada à busca pela sonoridade, nunca desprezada pela escrita de Tsvetáieva.

Se Tsvetáieva não conseguiu resistir aos sofrimentos do século em que viveu, hoje não há guerra ou conflito que possa cancelar a sua obra entre os leitores que, cada vez mais, buscamos conhecer a autora como um marco de resistência e de amor à arte.

**Elos Líricos: Poemas e Prosa a Grandes Poetas**

Autora: Marina Tsvetáieva. Trad. e org.: Paula Vaz de Almeida. Ed.: Bazar do Tempo. R\$ 49 (208 págs.; ebook)

**Aos Meus Versos Escritos Tão Cedo... Chegará a Sua Hora**

Autora: Marina Tsvetáieva. Trad. e org.: Verônica Filippovna. Ed.: Ponto Editá. Esgotado



Retrato da poeta russa Marina Tsvetáieva [Wikimedia Commons](#)

## Erudição e humor ajudam a consolidar as metáforas de ‘Mundo’

### LIVROS

**Mundo**

★★★★★

Autoria: Ana Luísa Amaral. Ed.: Assírio & Alvim. R\$ 39,90 (88 págs.)

**Luísa Destri**

Doutora em literatura brasileira pela USP e coautora de “Eu e Não Outra - A Vida Intensa de Hilda Hilst”

A metáfora do mundo como um livro a ser lido é central à cultura ocidental. De matriz muitas vezes religiosa, com frequência ganha forma na ideia de que Deus se expressa através das coisas físicas, como ocorre na Bíblia. Mas atravessou séculos de cultura também em versão leiga —sempre que se buscou, por exemplo, nos animais e na natureza alguma espécie de ensinamento racional para a vida humana.

É em relação com esse passado que se apresenta, desde o início, “Mundo”, livro da

premiada poeta portuguesa Ana Luísa Amaral, que morreu neste mês de agosto, aos 66 anos. É o que sugere já a primeira composição, “Do Mundo”, que parece mesmo ter intenção de abertura, convidando à leitura e de certa forma a encaminhando.

Por causa de sua importância para a totalidade aspirada pelo conjunto, peço licença para comentar esse ponto de forma mais demorada.

A pergunta surge em uma de suas estrofes. “A que sabe esta ceia/ feita de peixe e vinho,/ tão metáforas óbvias/ transportadas em cor ao vosso tempo?” Para então ser relativizada na seguinte. “Mas não há de ser ceia,/ pois que se vê azul atrás de mim,/ e as nuvens muitas brancas são de sol.” E ainda na outra. “E o peixe jaz, intacto, no prato,/ ou seja, não comi: ainda não comi.”

O vocabulário é cristão, mas

se constrói uma narrativa que parece negar seu sentido simbólico, como quem dissesse —ora, não se trata de uma ceia pois é ainda dia, isto será um almoço assim que se começar a comer o peixe.

Os versos assim continuam, em tom levemente irônico, negando outros sinais de sacralidade —o halo, as asas, a expressão em êxtase e união das mãos. Ela convida à partilha, então, não de um segredo ou revelação —mas do “sossego”.

A página seguinte anuncia o título da primeira seção da obra —“Quase em Êcloga, Gentes”—, integrada por poemas não sobre pessoas propriamente, mas sobre a formiga, o pavão, o ovento, a flor...

Não é preciso ir além na análise cerrada para demonstrar o jogo constante que se estabelece com a erudição. Convocando a todo momento leitores que sabem o que esperar das metáforas ou das

expressões poéticas mais tradicionais, o livro não contempla integralmente essas expectativas, mas induz a pensar a respeito. E muitas vezes é da própria poesia que se trata, como em “Girassol”. “Se pousar nesta folha/ um girassol/ e o quebrar// o que sobra é o sol/ dentro do céu —/ parado —// ou o papel/ aturdido e em/ vertigem?”

Retratando desde pequenos objetos domésticos, como uma faca e uma agulha, até um objeto público mais grandioso, como a estátua de uma praça, os poemas não ficam restritos à metalinguagem, no entanto.

A sequência parece ir se abrindo cada vez mais para a dimensão histórica, o que amplia também o alcance do volume. Caberá ao leitor se perguntar, então, que mundo é este que o livro quer ensinar a ver?

As composições dedi-

cadadas a figuras humanas talvez ajudem a buscar uma resposta mais precisa —caso de “As Cores da Servidão”, sobre um casal que entra no avião acompanhado do filho, carregado pela babá, e “Campo para Cracóvia”, a respeito das lembranças despertadas em um vagão de trem.

Construídos como cenas narrativas, procuram buscar sinais do passado no tempo presente, o que, nos casos mais interessantes, tem dimensão coletiva, ou, como em “Genealogias, Impressões e Voos”, une o âmbito pessoal ao histórico.

Autora de dezenas de livros de poemas, Amaral escreveu também ficção, teatro, infantis e ensaios e foi professora da Faculdade de Letras do Porto. Tem diversos trabalhos já publicados no Brasil, como “Arder a Palavra e Outros Incêndios”, publicado pela Oficina Ra-

quel em 2020, e “Lumes”, de 2021, pela Iluminuras. “Mundo” é um dos primeiros títulos editados pelo braço brasileiro da prestigiosa Assírio & Alvim, que em maio lançou, em Portugal, “O Olhar Diagonal das Coisas”, reunião de toda a poesia da autora.

Para o leitor brasileiro acostumado a uma poesia contemporânea tributária de nosso modernismo, a dicção portuguesa, com seu involuntário efeito de elevação, é sempre capaz de gerar estranhamento. “Ode ao Cigarro”, cujas oito estrofes se fazem de doses iguais de humor e lirismo, se constrói de uma irreverência que o português europeu não acompanha linguisticamente à nossa maneira.

Que o sotaque não impeça de ouvir a intensa modulação de afetos que há no livro e que acaba por mostrar como a erudição e a sensibilidade não são excludentes.



# Melhor e pior paciente do mundo

Dedico minha vida a buscar o brilho no olhar da minha terapeuta

## Manuela Cantuária

Roteirista e escritora, faz parte da quipe do canal Porta dos Fundos

O seu entretenimento é o meu negócio. Acho apropriado começar este texto com um slogan publicitário já que contar mentiras é o que paga a razão dos meus gatos. É o que faço nesta coluna e em roteiros de ficção —mas não estou aqui para vender o meu peixe, pelo contrário.

Porque as mentiras com fundo de verdade que conto publicamente não se comparam com o conteúdo semanal exclusivo que ofereço para um

público-alvo muito específico, composto de apenas uma pessoa, que chamaremos de minha terapeuta.

Dedico 24 horas do meu dia para garantir uma hora de entretenimento semanal para meu público-alvo favorito. E quem paga por essa assinatura premium ainda por cima sou eu. É uma relação oposta ao meu ofício em muitos sentidos, até porque nesse caso não conto mentiras com fundo de verdade e sim verdades

com pinta de mentira.

Sabe quando você conta uma história real e seu interlocutor reage automaticamente dizendo: “Mentira!” —não em um tom acusatório, e sim para expressar seu espanto perante um fato que parece ter sido inventado pela mente doentia e fértil de uma roteirista que conversa com os próprios gatos?

Ninguém deixa escapar um “mentira!” e muda de assunto em seguida ou se distrai com o celular. Essa expressão

significa que seu interlocutor quer saber mais, quer entender como aquilo é possível.

Não seria exagero dizer que dedico minha vida a buscar esse brilho no olhar da minha terapeuta. É o mínimo que posso fazer, já que o desenvolvimento interno desta personagem, que ela acompanha há várias temporadas, se deve ao trabalho impecável que ela vem fazendo.

Mesmo assim, não posso me tornar um motivo de

orgulho para ela porque quando a personagem aprende a lição e evolui como ser humano, sobem os créditos.

Seria o fim da nossa história, ou, no pior dos casos, nossas sessões perderiam a graça e as únicas notas que ela faria no seu bloquinho seriam sua lista do supermercado.

É por isso que às vezes preciso me sabotar, para que minha terapeuta se sinta como uma avó assistindo à novela e gritando com a mocinha (no caso, com a televisão). “Deixa de ser burra!”

Espero que minhas leitoras não fiquem enciumadas, mas preciso encerrar este texto e fazer algumas escolhas para envolver meu público-alvo favorito ao ponto de levar o assunto adiante, para a própria terapia.



Silvis

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | **QUA. Gregorio Duvivier** | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

## É HOJE EM CASA

### Tony Goes

tonygoes@uol.com.br

## Michelle Yeoh mergulha no multiverso em trama elogiada

### Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo

Para compra ou aluguel no Amazon Prime Video, Apple TV+, Google Play, Now e YouTube, 16 anos

Com problemas financeiros e familiares, uma imigrante chinesa nos Estados Unidos se vê tragada pelo multiverso, onde encontra diversas versões dela mesma. Ela também recebe uma missão —nada menos que salvar a humanidade. Estrelado por Michelle Yeoh e dirigido por Daniel Scheinert e Dan Kwan, um dos mais elogiados filmes de 2022 oferece um caleidoscópio vertiginoso, com pitadas de discussão filosófica.

### Kleo

Netflix, 16 anos

No final da década de 1980, uma espia da Alemanha Oriental é presa e condenada à prisão perpétua. Libertada depois da queda do Muro de Berlim, ela busca se vingar de seus traidores. Minissérie alemã em oito episódios.

### A Casa das Sete Mulheres

Globoplay, 14 anos

Baseada no livro de Leticia Wierzchowski e exibida pela Globo em 2003, a minissérie de Maria Adelaide Amaral chega na íntegra à plataforma. A trama mostra o papel das mulheres na Guerra dos Farrapos, ocorrida no Rio Grande do Sul em 1835. Com Camila Morgado, Mariana Ximenes e Thiago Lacerda.

### Funk.Doc: Popular e Proibido

HBO, 21h30, 16 anos

A série documental dirigida por Luiz Bolognesi conta como o funk surgiu nas favelas do Rio de Janeiro e se tornou um dos ritmos mais populares do país, apesar de ser perseguido por seus detratores.

### A Internet do Mal

ID, 21h15, e Discovery+, 16 anos

Ao longo de seis episódios, esta minissérie conta casos reais de crimes que se originaram em ambientes virtuais.

### Negros em Foco

Cultura, 23h30, livre

Apresentado pelo reitor José Vicente, da Universidade Zumbi dos Palmares, este novo programa exibido pela TV Cultura busca a inclusão, valorização e empoderamento do negro na sociedade brasileira. Na estreia, participam a secretária de Justiça da cidade de São Paulo, Eunice Prudente, o ex-ministro Nelson Jobim e o cantor Chico César.

### QUADRINHOS

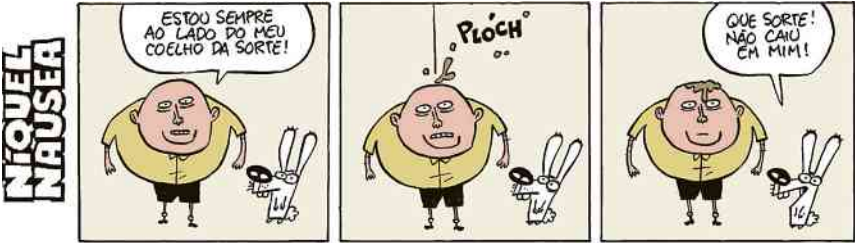
#### Piratas do Tietê **Laerte**



#### Daiquiri **Caco Galhardo**



#### Níquel Náusea **Fernando Gonsales**



#### A Vida Como Ela Yeah **Adão Iturusgarai**



#### Não Há Nada Acontecendo **André Dahmer**



#### Viver Dói **Fabiane Langona**



#### Péssimas Influências **Estela May**



### SUDOKU

texto.art.br/fsp

#### MÉDIO

1		7						
3		2	9			7		
	4				7		2	
			7				3	
4		3	1		9	6		2
	9				6			
	8		2				5	
			5			1	2	
						9		6

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algoritmos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO	9	1	6	5	8	7	2	4
	8	7	2	1	4	9	5	6
	2	5	8	7	6	2	1	8
	1	4	5	9	7	8	6	3
	7	8	9	6	5	1	3	2
	6	8	7	2	8	4	9	1
	7	2	1	4	9	5	6	3
	9	2	8	1	6	7	5	4
	5	6	8	7	2	4	9	1

### CRUZADAS

#### HORIZONTAIS

**1.** Vendedor que oferece mercadorias a domicílio **2.** Gameta feminino de répteis, insetos e aves / Desfrutar **3.** Discussão pública / Nelson Gonçalves, cantor **4.** Interjeição de apelo / Apegado com firmeza **5.** Um objeto com que se desenha / O músico Gilberto, de “Refavela” **6.** (Fig.) Casa de negócios mal-afamada **7.** Ato completamente inoportuno / Chefes de Estado como Felipe VI, da Espanha, e D. Manuel II, de Portugal **8.** Cidade canieira pernambucana, próxima a Limoeiro **9.** (Ingl.) O compartimento do chuveiro / No meio de **10.** Sarcástica **11.** Salvador Dalí, artista espanhol / Para sempre (fem.) **12.** As peças que servem de entrada e saída em um ambiente / O que muda de picar para picotar **13.** Famosa rede de livrarias.

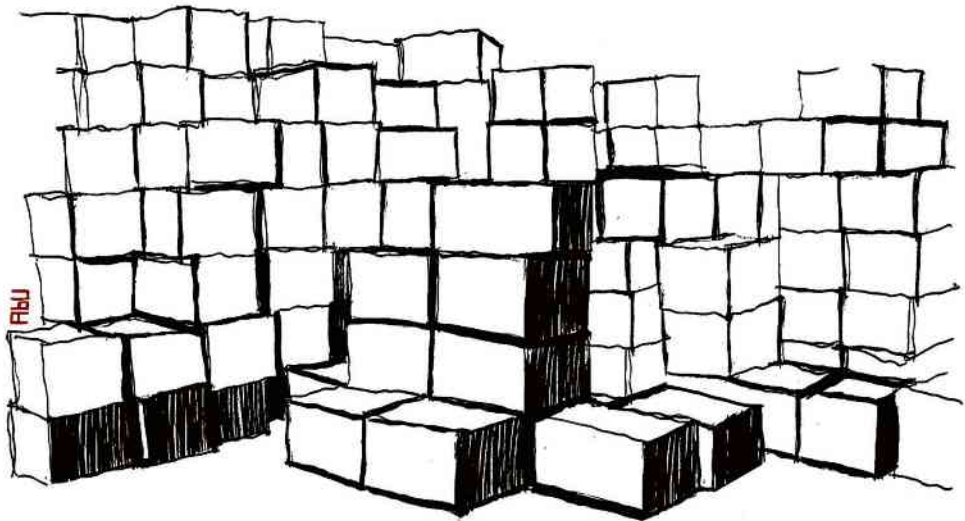
#### VERTICAIS

**1.** Formar, a partir de um material plástico ou brando, uma figura / Peça do xadrez, anda nas diagonais **2.** Um alimento de fácil digestão / Decisão, conclusão ou combinação considerada aceitável por todas as pessoas envolvidas **3.** Debaixo de / Um indígena de tribo já extinta, da BA e do ES / Sigla do estado de Canoas e Gramado **4.** Jogar / A filha do filho **5.** Febre animal / (Fig.) Enfrentar corajosamente **6.** O de pouso permite o contato de uma aeronave com o solo / Filha de rei **7.** O sujeito de leio ou escrevo / Suportar (peso, carga, trabalho) **8.** Apontar como o provável culpado / Antecede Dez **9.** O aparelho da ginástica artística no qual Arthur Zanetti é especialista / Diz-se de ciência como a matemática ou a geometria.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									

Agueitar, 8. Indiciar, Nov. 9. Argolas, Exata. RS, 4. Atrair, Neta, 5. Afrosa, Pelar, 6. Trem, Princesa, 7. Eu, VERTICALS: 1. Modelar, Bispo, 2. Aveia, Acordo, 3. Sob, Paraxó, Box, Entre, 10. Inônia, 11. SD, Eterna, 12. Portas, Or, 13. Saraiava, Tomado, 5. Lapis, Gil, 6. Arapuca, 7. Rata, Reis, 8. Carpinha, 9. HORIZONTAIS: 1. Mascate, 2. Ovo, Frutir, 3. Debate, NG, 4. Ei,





Angelo Abu

# A oeste nada de novo

As contradições do discurso progressista em matéria sexual são cômicas

João Pereira Coutinho

Escritor, doutor em ciência política pela Universidade Católica Portuguesa

Houve um tempo em que a vida sexual de terceiros me interessava. Foi na adolescência e tomava a forma de uma pergunta: será que os outros se divertem mais do que eu?

A resposta, lamento dizê-lo, era quase sempre afirmativa, exceto se incluirmos escoteiros, fãs de quadrinhos da Marvel e Testemunhas de Jeová na sacola.

Mas então cresci, fui vivendo a minha lista de triunfos e vexames e a pergunta dei-

xou de interessar. Exceto, claro, quando é madrugada e os meus vizinhos resolvem despachar o assunto nos 15 segundos mais agonizantes das minhas noites insones.

Fatalmente, o mundo é dos adolescentes. Basta consultar qualquer jornal, qualquer revista, qualquer programa de TV para deparar com gente obcecada com a inclinação simbólica dos órgãos geniais. Os órgãos deles e dos outros.

Não é saudável. Sexo é como andar de bicicleta: o que interessa é a prática, não a teoria.

Um exemplo dessa imaturidade apareceu nas páginas do The New York Times pela pena de Anna Marks, editora-assistente da seção de opinião do jornal.

Segundo parece, Marks não gosta das ambiguidades de Harry Styles, um cantor pop que usa e abusa de simbologia queer. Na descrição da autora, Styles aparece em palco

com a bandeira do arco-íris e usa flores na lapela, como Oscar Wilde. Mas não abre o jogo sobre a sua “identidade”.

Existem duas hipóteses na cabeça estreita de Anna Marks: Styles é hétero e assume, por razões comerciais, uma identidade queer; ou, então, Styles não consegue sair do armário e a sua arte é uma forma de exteriorizar seus esqueletos.

Para Anna Marks, seria cinismo acreditar na primeira hipó-

tese, razão pela qual opta pela segunda. Mas também aqui a cabeça estreita de Marks produz uma nova pérola: se Styles está fechado no armário, ele tem a obrigação de sair de lá.

O texto é uma peça cômica sobre as contradições do discurso progressista em matéria sexual. A primeira dessas contradições assenta na própria ideia de fluidez: por que motivo o gênero pode ser fluido, mas todo o resto deve ser rígido e perfeitamente identificável? Mistério. Se é possível viajar pelas preferências de gênero, não há nenhum motivo para estabelecer fronteiras em outros domínios da experiência humana.

A própria noção de “apropriação cultural” é vazia de sentido: minha subjetividade é minha única mestra — e quem são os outros para negar os meus sentimentos?

Hoje, sinto-me português; amanhã, brasileiro; depois de amanhã, sinto-me mexicano ou samoano.

E, no caso de Styles, é perfeitamente legítimo que ele se sinta hétero em casa e queer nos palcos (ou vice-versa).

Por outro lado, nenhuma pessoa civilizada nega a importância de lutar por uma sociedade que não humilhe ou discrimine a diferença.

Mas a exigência de Marks para que Styles saia do armário me parece tão totalitária como a exigência dos moralistas judaicos para que os gays permaneçam no armário.

Uns e outros, na sua imensa boçalidade, querem impor a terceiros o que é uma decisão íntima e pessoal.

O fato de Styles ser uma “figura pública” não justifica essa impertinência, nem mesmo em nome da luta contra a homofobia. Antes de ser “figura pública” ou bandeira hipotética de qualquer causa, Styles tem certos direitos como pessoa. Entre eles, o direito à reserva sobre a sua vida privada.

Até porque a explicação para a ambiguidade de Styles pode ser mais simples do que parece, embora mais complexa para espíritos provincianos: a história da cultura é um longo cortejo de experimentações de gênero.

Do mito de Hermafrodito às representações andróginas da pintura renascentista, dos dândis do século 19 às performances de David Bowie (a óbvia inspiração de Styles), exemplos não faltam.

Mesmo a cidade onde me encontro, Nápoles, era famosa pelos “femminielli” — rapazes que se vestiam de mulheres desde a mais tenra idade e que se assumiam como um terceiro gênero. Eram socialmente aceitos e, mais ainda, vistos como portadores de boa fortuna.

O mundo não começou hoje, nem ontem, nem anteontem. A luz da história, Styles não passa de uma imitação de uma imitação de uma imitação.

E Anna Marks também: o desconforto que ela sente com as ambiguidades do cantor, exigindo uma definição identitária rigorosa e inequívoca, apenas imita o desconforto dos nossos antepassados, quando se confrontavam com qualquer ameaça aos estereótipos de gênero.

Eis a ironia final: tão progressistas são e tão reacionários se revelam.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | **QUA. Marcelo Coelho** | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

# Jerry Seinfeld retorna aos palcos em stand-up surpresa, mas irregular

Astro do programa que leva seu nome aproveitou a noite em Nova York para testar piadas mesmo com desavisados

## OPINIÃO

David Lucena

“Já imaginou você estar em um clube de comédia e, do nada, Jerry Seinfeld aparecer?”, falei, em tom de brincadeira, para um amigo, também jornalista e fã de “Seinfeld”, quando comentava que iria a um clube de comédia durante minhas férias em Nova York. Rimos da hipótese improvável.

O legal de ir a um clube de comédia é que você nunca sabe quem pode aparecer. Foi o que disse no começo desta semana o apresentador do “Comedy Juice”, stand-up que o Gotham Comedy Club realiza às terças, antes de anunciar “aplausos para o nosso próximo comediante, Jerry Seinfeld”.

Incrédulos, espectadores que haviam desembolsado US\$ 20 para entrar no clube explodiram em aplausos — com exceção de alguns jovens, que pareciam não entender o tamanho da atração surpresa. Eu, que estava numa das mesas mais próximas ao palco, só acreditei mesmo quando Seinfeld passou ao meu lado e assumiu o microfone.

O comediante deu um minuto para todo mundo terminar de registrar o momento. Era uma terça-feira chuvosa e a casa estava com pouco mais de metade da ocupação máxima do Gotham, o preferido de Seinfeld em Nova York, segundo o próprio comediante. Entre os espectadores ha-

via casais, jovens tomando cerveja e até uma despedida de solteira. Ninguém ali havia saído de casa esperando ver um show de Jerry Seinfeld.

O comediante falou que estava voltando aos palcos depois do hiato imposto pela pandemia e usou a noite para testar novos materiais. “Então, se não der certo, já era”, brincou. Durante sua apresentação, de cerca de 30 minutos, parou várias vezes para consultar anotações. Algumas das novas piadas não funcionaram bem, enquanto outras renderam gargalhadas e aplausos, mesmo dos jovens desavisados.

Os temas das novas piadas não fogem ao estilo de Seinfeld, que continua falando de situações cotidianas. Em certo momento, disse que outro dia um amigo o convidou para ir a uma corrida de cavalos. “Fiquei pensando, será que esse cavalos sabem o que está acontecendo? Quer dizer, eles sabem que têm que correr, mas será que eles entendem? Ai eles dão a volta e chegam ao mesmo local de onde partiram. Devem pensar ‘nós estávamos aqui quase agora, qual o sentido disso?’. Sem falar que eles viram a gente chegando em carros, então eles sabem que a gente tem um meio de locomoção melhor.”

Ao fim, uma pessoa da plateia perguntou qual o momento cômico preferido de sua carreira. Ele mesmo ironizou sua apresentação irregular e disse que certamente

não era o show daquela noite.

Depois, disse que talvez tenha sido uma sacada que teve no episódio “O Biólogo Marinho”, de “Seinfeld”. Nele, o personagem George finge ser um biólogo marinho para impressionar uma mulher, enquanto Kramer brinca de tancar bolas de golfe no mar.

Na véspera da gravação, Seinfeld teve a ideia de uma bola de golfe entrar no orifício de respiração de uma baleia, obrigando George, que estava com a pretendente, a prestar socorro ao animal. “Se eu tivesse tido essa ideia no dia seguinte à gravação, teria me matado”, disse Seinfeld.

O curioso é que, além de gostar muito de “Seinfeld”, horas mais cedo eu passeava pelo West Side e aproveitei para visitar locais da série, como o restaurante Tom’s, que surge com frequência na sitcom. Além disso, por pouco não perdi a apresentação surpresa. Era minha última semana de férias e eu e minha mulher estávamos em um mirante, a céu aberto, no fim da tarde.

A ideia seria ficar para ver o pôr do sol e contemplar o skyline de Nova York à noite, o que me faria perder ao menos metade do show. Por sorte, começou a chover.

Assim que Seinfeld saiu do palco, enviei mensagem para aquele amigo com quem havia falado sobre a hipótese improvável. “Tá brincando? Meu Deus, que loucura! E a gente falou disso!”



## A DAMA DE VERMELHO

Anitta recebeu prêmio do VMA de melhor clipe de música latina com ‘Envolver’ e declarou apoio a Lula nesta eleição, dizendo que foi à cerimônia, no domingo, nos EUA, com um vestido da cor do PT

Reprodução/Instagram

# Bolsonaro adia repasses da Lei Paulo Gustavo para 2023 e Aldir Blanc para 2024

Marianna Holanda

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro, do PL, adiou os repasses das leis Paulo Gustavo e Aldir Blanc, de auxílio à cultura em estados e municípios. A mudança ocorre em medida provisória publicada nesta segunda-feira.

O texto da Lei Paulo Gustavo previa que o pagamento de R\$ 3,86 bilhões para estados e municípios deveria ocorrer em, no máximo, 90 dias após a publicação da lei. Portanto, ainda em 2022. Com a medida provisória, Bolsonaro adicionou que o montante será destinado “no exercício de 2023”.

Já a Lei Aldir Blanc previa que o pagamento deveria ocorrer “no primeiro exercício subsequente ao da entrada em vigor desta lei e nos quatro anos seguintes”. O texto publicado nesta segunda-feira mostra um calendário de execução que começa em 2024.

A medida provisória também retira a obrigatoriedade dos repasses. No caso das duas legislações, os artigos diziam que “a União entregará” aos estados e municípios o montante. O texto agora diz que a União “fica autorizada” a destinar os recursos a estados e municípios, “observada a disponibilidade financeira”.

“Foi um jeitinho que o governo federal deu. Sem obrigatoriedade do recurso, isso se torna uma disputa ano a ano”, afirma Fabrício Noronha, presidente do Fórum Nacional dos Secretários e Dirigentes Estaduais de Cultura.

O governo resistia aos pagamentos alegando falta de recursos. O Congresso já havia derrubado os vetos de Bolsonaro em julho, após intensa pressão da classe artística.



# Balas e doces caramelados têm ‘revival’ em SP

Doceiros revelam segredos para produzir as famosas casquinhas brilhantes, que não derretem nem grudam no dente

Flávia G. Pinho

SÃO PAULO Melindrosos, difíceis de fazer e cheios de segredinhos, os doces caramelados, quem diria, estão de volta. Uma das responsáveis pelo “revival” é Tati Barbi, 29, que abriu uma doceria especializada na receita, em junho de 2021, no bairro do Tatuapé. Bem antes, porém, suas balas de coco e leite condensado, envoltas em casquinha quebradiça e brilhante, já vinham fazendo sucesso —foi em 2013 que ela resgatou a receita de família para complementar a renda.

“Minha mãe também fazia esses doces para vender. No começo, eu não gostava e nem pensava em empreender. Meu sonho era trabalhar em banco ou multinacional, mas o negócio foi crescendo no boca a boca”, conta a doceira, que cobra de R\$ 7,50 a R\$ 8,50 por unidade.

Do fogão doméstico, Tati pulou para uma cozinha profissional, nos fundos da loja, onde já trabalham 15 pessoas. Em datas especiais, a produção chega a 3.000 balas por dia. “É uma receita complicada, já tenho algumas cicatrizes nas mãos”, revela.

A caramelização já teve seu período de ouro nas festas paulistanas. Na década de 1960, era chique servir balas de ovos com casquinha de caramelo.

“Junto com os camafeus de nozes, eram os doces mais finos da época. Nos casamentos, a moda era colocá-los em bandejinhas de prata de vários andares, no centro de cada mesa. Oferecer brigadeiros não era elegante, eles ficavam restritos às festinhas infantis”, lembra Sílvia Chuairi, filha caçula da doceira Mariza Chuairi, que fundou a Mariza Doces em 1963.

A receita foi eternizada no primeiro caderno publicado pelo açúcar União, em 1960. Enviada por uma certa Maria Thereza Speers Hayden, moradora de Santos, tinha o nome de Balas de Ovos Dona Raquel e foi uma das vencedoras do concurso de receitas que a indústria promoveu, em 1958.

Na lista de ingredientes, nada de leite condensado: só entravam água, muitas gemas, bastante açúcar, um tiquinho de manteiga e essência de baunilha para perfumar. E é dessa forma que ainda são produzidas as balas da paulistana Sabor Caramelado.

Da cozinha no Ipiranga, saem até 5.000 balas por semana. À frente da produção está Marcos Henrique Martins, 51,



Maçã do amor de Tati Barbi fez sucesso nas festas juninas e ficou fixa no menu



Fotos Bruno Santos/Folhapress

Tati Barbi fabrica 20 sabores; a Sabor Caramelado, que vende por telefone, tem seis versões

que herdou a tradição do pai, Luiz Lopes Martins.

“Nos anos 1960, ele e meu tio vendiam as balas de porta em porta e fizeram uma clientela enorme em escritórios e salões de cabeleireiro. Meu pai chegou a vender doces para festas da diretoria do Palestra Itália, virou tradição na sociedade paulistana. Todo mundo que faz bala de ovos caramelada, hoje em dia, copia os dois”, diz.

Nas entregas para festas, Marcos cobra R\$ 280 pelo cento, mas o preço chega a R\$ 350 no caso dos sabores pistache, avelã e castanha-do-pará. Também é possível encomendar as balas pelo iFood, pagando R\$ 7,50 pela unidade.

Na opinião da herdeira da Mariza Doces, o alto grau de dificuldade para executar a caramelização explica por que esses doces praticamente sumiram por tanto tempo.

Para começar, a calda de açúcar, que endurece e se transforma na película brilhante e quebradiça, exige um ponto exato de caramelização. “Tem que ser muito especialista para o caramelo não derreter depois de pronto, ou não ficar puxa-puxa, grudando nos dentes”, diz Sílvia.

Também é complicado produzir as balas ou doces caramelados em escala, já que as bolotas devem ser cuidadosamente mergulhadas uma a uma no caramelo. Nessa etapa, cada doceiro tem sua técnica.

Tati Barbi joga as balas na calda e as resgata com um garfo, mas há quem prefira usar um palito —e haja paciência.

Doces caramelados não podem enfrentar altas tempe-

raturas porque derretem, e não devem ser congelados. Há controvérsia sobre a geladeira: para a Sabor Caramelado, o frio tira o brilho da película caramelada; já Tati Barbi precisa do frio para manter a qualidade do doce.

Por conta da dedicação e delicadeza do trabalho, a equipe da Sabor Caramelado —quatro familiares e um ajudante— inicia o expediente às 4h30.

“Meu pai criou a tradição de vender balas carameladas no mesmo dia. Às 11h da manhã, boa parte das entregas já saiu para a rua”, conta Marcos.

Hoje, muitos dos doces caramelados levam leite condensado —são como brigadeiros passados no caramelo. Em sua loja, Tati Barbi vende 20 sabores, de nozes a romeu e julieta. Entre as seis versões produzidas pela Sabor Caramelado, tem até de brigadeiro cor de rosa.

A chef Andrea Kaufmann, que ensina a técnica em um curso da plataforma online Eduk, revela dois segredinhos.

“Se acrescentar glucose de milho à calda de açúcar, o caramelo não derrete. E o brigadeiro deve ficar mais durinho. Funciona para qualquer docinho de leite condensado.”

Até a maçã do amor, outro hit retrô, anda exibindo sua casquinha caramelada por aí —fez tanto sucesso na temporada das festas juninas que Tati Barbi manteve o doce em caráter definitivo, a R\$ 10,90 a unidade.

**Tati Barbi Balas Caramelizadas**  
R. Serra de Juréa, 116, Tatuapé, Tel. (11) 98428-5142. Das 10h às 18h.  
**Sabor Caramelado**  
Tel. (11) 2272-2463 ou WhatsApp (11) 99219-6517.



Empresária recuperou receita de família para abrir sua marca

## RECEITAS DO MARCÃO

Marcos Nogueira

Jornalista profissional e cozinheiro amador. Escreve também no blog Cozinha Bruta

## Chifrijo, da Costa Rica, é o PF brasileiro com gosto de Caribe

O grande feito da Costa Rica nas Copas do Mundo foi ter desclassificado a Itália em 2014, aqui no Brasil, com uma vitória de 1 a 0 sobre os tetra-campeões. Em 2022, os italianos estão de fora; os costarriquenhos disputam seu terceiro mundial consecutivo. Mas falemos de comida. A Costa Rica é um pequeno país da América Central que tem duas costas: o litoral do Caribe e o do Oceano Pacífico. Sua culinária se assemelha, em muitos aspectos, à mexicana, à dos países caribenhos e de alguns lugares como Colômbia e Venezuela.

São elementos recorrentes nessa cozinha o milho, a mandioca, a banana-da-terra, o limão, o abacate, a cebola roxa e o coentro. A dupla de zaga feijão e arroz nunca pode faltar. O prato mais típico da Costa Rica é o gallo pinto, feijão e

arroz cozidos juntos. E o chifrijo, receita de hoje, é exclusivamente costarriquenha.

O chifrijo foi inventado nos anos 1990, em um bar da San José, a capital do país. Dizem que o dono do boteco chegou com fome, entrou na cozinha e foi metendo numa cumbuca o que encontrava pela frente. Colocou torresmo (“chicharrón”, em espanhol) e feijão (“frijoles”) —a junção das duas primeiras sílabas dá o nome do prato. Vão também no chifrijo: arroz, chimichurri, abacate e chips de milho.

O feijão do chifrijo costuma ser o de grãos vermelhos, que produz um caldo não muito grosso. O preto também funciona bem.

Os salgadinhos de milho são aqueles que você come com guacamole nos bares mexicanos. Se só encontrar a versão

industrial, procure comprar um sem adição de aromas.

Quanto aos chicharrones, podem ser de barriga ou de costela. Na receita original, são fritos em óleo abundante. Eu sou inimigo declarado da fritura na cozinha de casa —acho que a sujeira não compensa.

Aqui, aqueço a panceta até a gordura derreter e refogar a carne até ficar crocante —mas nem tanto quanto um torresmo, então é melhor descartar a pele.



### Chifrijo

Rendimento: 4 porções  
Dificuldade: média

#### Ingredientes do chicharrón

- 800 g de barriga de porco
- 1 colher (chá) de sal
- 1 colher (chá) de cominho
- 1 colher (chá) de páprica defumada ou picante

#### Ingredientes do chimichurri

- 1 cebola grande picada
- 1 tomate maduro picado



O nome vem da junção das primeiras sílabas de torresmo (“chicharrón”, em espanhol) e feijão (“frijoles”) Marcos Nogueira

- Suco de ½ limão
- 1 punhado de coentro picado
- Sal a gosto

#### Ingredientes da montagem

- Feijão e arroz cozidos e temperados
- 1 abacate pequeno (avocado) em fatias (regue com suco de limão para não escurecer)
- Chips de milho
- Chicharrón
- Chimichurri

#### Preparo

Remova o couro e corte a barriga de porco em cubos. Tempere com sal, cominho e páprica. Aqueça uma panela ou frigideira em fogo bem baixo e cozinhe o porco na própria gordura até dourar (aproximadamente 20 minutos). Misture os ingredientes do chimichurri. Monte o prato com o porco, o arroz e o feijão quentes; os ingredientes restantes são frios. O feijão deve ter pouco caldo.



# Brasil Revistas

Entre em nosso Canal no Telegram.

Acesse [t.me/BrasilRevistas](https://t.me/BrasilRevistas)



Tenha acesso as principais  
revistas do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!